



A CHAVE DA SABEDORIA



Fernando Faria

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todas as criaturas que, direta ou indiretamente, colaboraram com a edição deste livro. Especialmente à minha esposa, Sonia Paronetto Faria, que pacientemente revisou este livro, sugerindo muitas vezes mudanças na redação para simplificar o texto, pois frases muito científicas poderiam dificultar o entendimento dos jovens estudantes.

Agradeço também ao nosso Presidente, Sr. Ulisses Claudio Pereira, que me incentivou e apoiou a elaboração deste livro, bem como ao Dr. Humberto Machado Rodrigues, Presidente Internacional do Racionalismo Cristão, e seu filho Dr. Humberto Cottas Rodrigues, os quais, apesar dos seus inúmeros afazeres, prontificaram-se a ler os originais e nos brindar, o primeiro, com um lisonjeiro "Prefácio" e, o segundo, com um simpático "Um Breve Parecer".

Não posso deixar de mencionar e agradecer o "Comentário" sobre este livro, escrito pelo nosso Procurador, Dr. Firmino da Silva, e o interesse pela publicação desta obra demonstrado pelos Companheiros Diretores, srs. Cid Barroca, Eduardo Antunes Rodrigues, Arnaldo R. Villar Filho e pelo nosso conceituado Prof. Antonio José Ferreira.

Também estendemos nossos agradecimentos a Paolla Mariz da João Scortecci Editora pela revisão, pelas sugestões e pelo trabalho metódico de editoração.

O Autor

PREFÁCIO

Nesta oportunidade não poderíamos deixar de manifestar o nosso sensibilizado agradecimento ao Sr. Fernando Faria pela nímia gentileza em nos convidar para prefaciá-lo o livro de sua ilustrada autoria, *A Chave da Sabedoria*.

Assim sendo, aqui estamos perante os prezados leitores para lhes transmitir com satisfação espiritual conceituações básicas sobre essa alentada obra.

Inicialmente, dir-se-ia algo sobre o cativante título do excelente trabalho ora focado. O referido título, segundo informações do próprio autor, foi escolhido pelo Presidente do Centro Redentor, Filial de Santos, SP, e nosso grande amigo, Sr. Ulisses Claudio Pereira, escolha essa de rara felicidade. Aliás, convém ressaltar, as obras editadas pelo Centro Redentor (Racionalismo Cristão), todas, sem exceção, apresentam como grande característica uma titulação consideravelmente expressiva, significativa e sugestiva como, por exemplo, *Trajetória Evolutiva*, *A Morte Não Interrompe a Vida*, *A Felicidade Existe*, *Ao Encontro de uma Nova Era*, *Vibrações da Inteligência Universal* e muitas outras.

O título de *A Chave da Sabedoria* não foge a essa regra geral. Em termos de uma dissecação filosófica, *A Chave da Sabedoria* encerra divagações de profundidade que, envoltas nos postulados espiritualistas do Racionalismo Cristão, impõem-se num posicionamento totalmente refratário aos simulacros de filosofias muito próprios das seitas místicas e dogmáticas de fanáticos e sectários.

Um grande número de pensadores, filósofos e mentalistas de todas as épocas, desde os primórdios das civilizações, nos tem apresentado sempre uma chave da Sabedoria. O que dizer então de um Sócrates ou um Platão, há cerca de 300 anos antes de Cristo!? Sócrates com uma filosofia embasada no *Conhece-te a ti mesmo* e Platão com a sua famosa *República!*

Cada um dos grandes mentalistas autênticos nos apresenta as suas chaves da Sabedoria.

Mas, e o Racionalismo Cristão?! Esta doutrina nos prodigaliza o esclarecimento espiritual e espirítico em toda a sua autenticidade, cujos conhecimentos proporcionam aos seres humanos as condições precíguas que lhes permitem a obtenção da chave da Sabedoria. Sob este enfoque podemos conceituar:

— *Sabedoria*: o conjunto de conhecimentos que permite à criatura humana a conquista de uma postura exemplar destinada ao aproveitamento máximo, no sentido positivo, de uma transitória vida física.

— *Chave*: o instrumento espiritual conquistado pela Sabedoria, através do qual conseguimos abrir as portas para penetração nessa mesma sabedoria.

Cumpra ainda enfatizar que, no livro ora prefaciado, essa chave da Sabedoria é oferecida à Juventude Racionalista com rara maestria. Numa linguagem acessível à faixa etária dos jovens, em conceituações admiráveis através de seus capítulos sobre o Universo, a Evolução, as Raças, o Cristianismo e as Duas Vidas, a obra coloca à disposição da Juventude Racionalista os conhecimentos basilares da filosofia espiritualista do Racionalismo Cristão.

Eis o grande mérito do ilustrado autor, Sr. Fernando Faria.

Se o jovem leitor, ao ler esta obra, sentir entusiasmo e interesse pelo Racionalismo Cristão, ele estará preparando a estrutura de sua personalidade para se constituir, como homem esclarecido, no racionalista cristão vindouro. Assim se fazendo, ter-se-á cumprido o nobre e sublime desideratum de um livro destinado a preparar espiritualmente o jovem racionalista do presente para se tornar no racionalista amadurecido do futuro.

Humberto Rodrigues

UM BREVE PARECER

Como todos sabemos, o Racionalismo Cristão existe desde 1910. Passados todos estes anos, inúmeras e valiosas obras explicaram e dissertaram sobre diversos temas referentes à filosofia explanada por esta doutrina. No entanto, na Literatura Racionalista havia uma grande carência de obras destinadas ao público infante juvenil contendo explicações sobre o Racionalismo Cristão ou sobre temas diversos analisados de acordo com a óptica racionalista, concedendo-se exceção, obviamente, para o livro *Contos Morais*, escrito por nossa querida e estimada Maria Cottas com edições desde outrora publicadas.

Preenchendo esta lacuna, para imensa alegria e satisfação de todas as comunidades racionalistas, nosso grande amigo, Sr. Fernando Faria, presenteou-nos com *A Chave da Sabedoria*. Trata-se de uma obra de valor incomensurável, tendo em vista que não somente ensina às crianças e aos jovens em geral os valores e princípios do Racionalismo Cristão, como também enriquece o jovem leitor com vastos temas de cultura geral, abrangendo noções de História, Física, Astronomia, Ciências Biológicas, dentre outras, de forma a impossibilitar que a leitura se torne enfadonha para o público alvo. Além disso, tem o mérito de expor os conceitos de religiões difundidas, como o Cristianismo e diversas correntes do Espiritismo, incentivando o jovem racionalista a ser racionalista, não apenas por achar sua doutrina aceitável, mas também por enxergar a sua elevação e grandiosidade diante de várias outras correntes de pensamento, libertando-o de uma acidental formação alienante.

É bem verdade que outras iniciativas de estímulo ao jovem para conhecer melhor o Racionalismo Cristão têm sido feitas, conforme é observado nos trabalhos de associações culturais, salas de crianças e no jornal *Juventude em Ação*, brilhantemente conduzido por nossa incansável amiga Ana Maria Pacheco, além de outros “jornaisinhos” que já vêm sendo realizados em outras filiais.

Somando-se a tudo isto faltava uma obra como a que se encontra contida em *A Chave da Sabedoria*. Podemos assim dizer, trata-se de um livro capaz de ensinar ao jovem os princípios básicos da Doutrina Racionalista e de incentivá-lo a se aprofundar nestes ensinamentos, além de provocar estímulo para o hábito da leitura e aumento dos conhecimentos gerais através do estudo. Basta começar a ler *A Chave da*

Sabedoria para sentir isso e viver a paz e a alegria da fazenda do Vô Mário, ouvindo os sábios contos do Tio Marcos. É um livro destinado aos mais jovens, porém, sem dúvida, também agradável para leitores de qualquer idade.

Enfim, terminamos agradecendo com imensa satisfação aos grandiosos srs. Ulisses Claudio Pereira, pela iniciativa incentivadora, e Fernando Faria, pela elaboração desta valiosa obra, que passa a ser de fundamental importância para a Literatura Racionalista Cristã.

Humberto Cottas Rodrigues

COMENTÁRIO

A *Chave da Sabedoria* leva, de forma afável, conhecimentos aos jovens que estão cursando o 1º ou o 2º grau do ensino oficial brasileiro, demonstrando perfeita sintonia entre a história, com todos os fatos que a compõem, e a ciência espiritualista, com profundidade e ecletismo.

A forma como o autor conduziu o estudioso a ler esta obra sem sentir deve-se à clareza admirável, levando o leitor adolescente a uma ordem de idéias, que se torna irresistivelmente fascinante quando dá as suas explicações científicas. Aproveita a oportunidade para conduzir o leitor jovem à luz da ciência espírita, onde analisa e expõe a origem da ciência, a sua natureza e a evolução da alma, a criação da matéria, o papel dos átomos e células, a formação dos seres, a força psíquica etc., e uma série de temas interessantes, proporcionando aos jovens e adultos utilíssimos conhecimentos, numa linguagem clara, simples e persuasiva, dirigida ao seu raciocínio.

À medida que vamos nos assenhorando dos conhecimentos sobre a vida no universo, a evolução, a raça e o cristianismo, que nos levam ao raciocínio da ciência de forma metódica, desdobra-se novo panorama da maneira como explicar, dentro de um ambiente pitoresco, evocado nas paisagens e fatos da velha fazenda, para onde nos transportamos nas imagens fornecidas pelo autor, com todos os personagens que compõem aquele ambiente, numa linguagem conhecida de seus numerosos admiradores.

Existe aqui a demonstração eloqüente da capacidade e brilho com que o nosso querido companheiro Fernando Faria teceu *A Chave da Sabedoria*, com a sua indiscutível boa vontade de esclarecer seu semelhante, que abrange, na sua pesquisa, setores científicos por muitos ignorados.

Firmino da Silva
Advogado Procurador e Diretor do Centro Redentor
Filial de Santos

AOS JOVENS LEITORES

Breves palavras a respeito desta obra, dedicada a eles.

Este livro não foi programado pelo autor. Foi sim “encomendado” pelo Sr. Ulisses Claudio Pereira, Presidente do Centro Redentor, Filial de Santos, SP, e nosso amigo.

Embora faltasse na Biblioteca Racionalista uma obra para os jovens estudantes, ela ainda não estava nos planos do meu marido; mas, deduzo eu, já estava nos planos do Astral Superior. Senão vejamos:

Quando o Sr. Ulisses pediu, ou melhor, comunicou ao Fernando que havia obtido do Dr. Humberto Machado Rodrigues, nosso Presidente Universal, a permissão para publicar um livro para jovens, ele ficou atônito. Posso dizer mesmo que ficou completamente perdido a princípio. Dizia ele que não tinha a menor idéia do que escrever e de como escrever para jovens, pois nunca o havia feito antes.

Foi então que, para ajudá-lo a achar um começo, lembrei-lhe as conversas que ele mantinha nos serões da fazenda do meu irmão, em Goiás, quando após o jantar, até a hora de dormir, nossos sobrinhos e demais parentes faziam-lhe perguntas sobre Espiritualismo, sabedores de que ele era um estudioso do assunto. Sugeri, então, que fizesse como na fazenda. Contasse histórias para um grupo de jovens estudantes curiosos e, no meio delas, fosse passando casualmente os ensinamentos racionalistas em doses homeopáticas. Não falamos mais no assunto por algum tempo.

Eu o via sempre escrevendo a máquina, em qualquer hora do dia ou da noite. Muitas vezes, eu acordava de madrugada e ele não estava na cama e escutava lá embaixo, no escritório, o martelar da máquina de escrever. Quando lhe perguntava como ia indo o livro, ele me respondia:

— Está saindo.

Até que certa manhã encontrei-o com um ar de deslumbramento no rosto!

— O que foi? Viu passarinho verde? brinquei.

— Mais ou menos - respondeu ele. Você quer saber de uma coisa? Estou boquiaberto! As idéias estão fluindo com uma facilidade espantosa! Às vezes eu acordo lá pelas 3:30h com tudo direitinho na minha cabeça. É só escrever. Agora, o que mais me impressiona é que todos os assuntos se encaixam, uns aos outros, perfeitamente!

— Mas é claro que assim é! - respondi. Você se esquece de que está falando sobre uma ciência? Na ciência tudo se encaixa naturalmente. Além do mais, lembre-se de outra coisa muito importante: a assistência do Astral Superior! Ou você pensa que está nessa empreitada sozinho?

Realmente, na minha modesta e suspeita opinião, esta foi mesmo uma obra inspirada. Fernando conseguiu fazer dela um pequeno compêndio de grandes conhecimentos científicos, desde os mais antigos aos mais atuais. E o que é mais importante: conseguiu estabelecer, de maneira suave e compreensível, a relação desses conhecimentos com os Princípios Racionalistas Cristãos.

Bem, meus jovens estudantes da Verdade, a sua obra aí está. Espero que a assimilem e aproveitem. Julguem-na por si mesmos.

Sonia Paronetto Faria

ÍNDICE

AGRADECIMENTOS	ii
PREFÁCIO.....	iii
UM BREVE PARECER.....	v
COMENTÁRIO	vii
AOS JOVENS LEITORES	viii
Introdução.....	11
1. O Universo I.....	18
2. O Universo II.....	27
3. O Universo III	36
4. A Evolução I.....	51
5. A Evolução II	63
6. A Evolução III.....	83
7. Raça I.....	93
8. Raça II	108
9. Raça III	121
10. O Cristianismo I	137
11. O Cristianismo II.....	152
12. As Nossas Duas Vidas.....	163

Introdução

Daqui de cima, perto da estrada e junto da porteira, divisa-se lá em baixo a casa-grande, passando antes pelo pasto de capim-gordura que margeia os dois lados da estrada após a porteira, e depois pelo lago represado, sempre cheio de patos e marrecos. Cerca a casa-grande um arvoredor exuberante constituído por muitas mangueiras, jabuticabeiras, cajueiros, abacateiros, bananeiras, coqueiros, tamarindeiros, jaqueiras, pequizeiros e um laranjal florido, cujo perfume é trazido pela brisa matinal.

Ah! Não há nada que se compare ao perfume das laranjeiras floridas, logo de manhãzinha. Só quem já sentiu pode saber!

Mais lá embaixo, avistam-se as benfeitorias da fazenda: currais de confinamento, casa da ordenha, galpão dos tratores e dos implementos, paiol de milho e fábrica de ração. Entre a casa-grande e as benfeitorias fica a vila dos peões. Ao lado, uma grande pastagem de capim-colonião, repleta de vacas leiteiras e seus bezerros.

Chama a atenção o céu muito azul, cheio de nuvens brancas, colossais, espalhadas até o fim do horizonte.

Ao amanhecer, ainda com o brilho da estrela-d'alva, começa a lida na cozinha. Então, a atmosfera fica impregnada de uma deliciosa mistura de cheiros e aromas: de fumaça da lenha queimada nos fogões, de café coado, de biscoitos assando, de mato e capim molhado pelo orvalho e do perfume delicioso das flores de um pé de jasmim, esparramado sobre o caramanchão que há numa varanda junto à cozinha.

O relevo da fazenda é plano, embora sejam freqüentes os morros isolados e muitos chapadões dominem a paisagem. De um desses morros, nasce um rego d'água cristalino, represado junto à casa-grande. Dessa represa sai uma tubulação de água, canalizada para uso geral da propriedade, abastecendo currais, chiqueiros, galinheiros, horta, pomares e jardim. Nessa represa, há grande quantidade de peixes, como lambaris, carás e traíras, que fazem a alegria da meninada. Os pescadores mirins ficam com as suas varas de pescar, concorrendo com os martins-pescadores, muito abundantes na região, de plumagem brilhante, os quais vivem mergulhando com rapidez para apanhar os peixes que se aventuram a subir à tona.

Nesse lago represado, um longo trecho das margens é formado por lajes naturais de pedra amarelada, entre as quais se espalham centenas de pés de coqueiro-amargoso, constituindo um guarirobal abundante, cujos palmitos entram em vários pratos da cozinha goiana.

Em relação à vegetação, o cerrado, por ser constituído de um solo arenoso e ácido e não ter muitos dos nutrientes necessários ao crescimento das plantas, faz com que predominem na região árvores baixas de galhos e troncos retorcidos. Possuem cascas grossas e folhas duras, carnudas e peludas. As árvores nativas nascem umas distantes das outras e entre elas crescem arbustos e capim.

Os horizontes da fazenda são largos, com campos abertos e ventos circulantes, “ventos que virão”, conforme o poeta Guilherme de Almeida escreveu no brasão do Distrito Federal, Brasília.

Na fazenda passa o Rio Corumbá. É ainda cortada por vários cursos d'água afluentes. Acompanhando os cursos d'água, a vegetação, espessa e abundante, forma vários capões de mato redondo, pequenas florestas com matas de cocais, onde predominam os coqueiros babaçu e o buriti, este último abundante nas áreas alagadas.

A atividade econômica da fazenda é a pecuária de corte. Vô Mário compra garrotes das raças nelore, gir ou guzerá, todos de sangue zebu, para engorda-los estabulados. A ração para esses animais é produzida na própria fazenda.

No terreiro da fazenda, andam soltas muitas galinhas, frangos caipiras, galinhas garnisés, galinhas-d'angola, perus, patos, marrecos e galos. Os galos, todos músicos, começam a sinfonia ao amanhecer, acompanhados pela passarada no arvoredos.

Quando o sol desponta, de um enorme eucalipto, uma árvore velhíssima com mais de oitenta anos, que fica junto à entrada da casa-grande, exala um agradável perfume de óleo de eucalipto que, em se inalando, proporciona o refrescar dos brônquios. Em seus galhos a passarada pousa às dezenas. Bandos de ruidosas maritacas, periquitos e joões-de-barro, de peito vermelho, todos em coro, num cantar alegre, assemelham-se ao alarido, à algazarra da criançada brincando na hora do recreio.

A fazenda possui luz elétrica, água potável de poço artesiano, telefone, televisão com antena parabólica e água encanada fria e quente, sendo a água quente obtida através de uma serpentina embutida no fogão a lenha da cozinha.

Toda a criação de terreiro, inclusive a criação de leitões para consumo da casa, é cuidada por Severo, agregado que acompanha vô Mário há muitos anos. Severo é um mulato sorridente, prestativo e obediente, que se gaba de ter dado banho nas filhas de vô Mário quando elas eram criancinhas. Ele adora os netos de vô Mário. Faz tudo que pedem e tem o maior cuidado em escolher e arrear os cavalos para os meninos.

No meio da criação, solto no terreiro, andando por toda parte, há um peru pouco domesticado. Estranha as pessoas e sai correndo atrás de quem estiver vestindo camisa colorida. Lá existe também um cachorro grande, marrom-claro, mestiço de fila brasileiro, que se chama Brilhante. Amigo de todo mundo, se alguém o manda rir, ele levanta o lábio superior e mostra os dentes. Tem-se a impressão de que está rindo mesmo. Quando o peru sai correndo atrás de alguém, é ele quem dá um chega-pra-lá no peru, fazendo-o desistir das suas perseguições.

Também existe um carneirinho que anda pelo meio da criação. É Severo quem o está criando na mamadeira, pois a mãe o rejeitou. O carneirinho acompanha Severo como se fosse um cachorro. Basta chamá-lo e ele vem correndo e balindo.

Contornando a beirada da varanda da cozinha, existe um rego d'água canalizado, que corre a céu aberto, mais ou menos na altura da cintura de uma pessoa, cuja água é utilizada para lavar os “trens de cozinha”, como diz a Dona Maria, cozinheira fina do trivial goiano, autoridade em pratos típicos, como arroz com pequi, galinha com arroz, pamonha de sal, frango com açafrão, feijão frito, arroz com macarrão, pastéis, arroz com suã, guariroba ensopada, caldo de mocotó, arroz de forno, macarrão com batata e açafrão, quibebe de mandioca etc. Dona Maria também entende de quitandas mil: broas, roscas, biscoitos, mamão ralado com coco, doce de laranja da terra, compota de frutas, pé-de-moleque, doce de leite etc.

As vias de acesso à fazenda, as estradas vicinais até Goiânia e a BR-050, que liga Brasília-São Paulo, são todas asfaltadas, sinalizadas e muito bem conservadas, graças ao Presidente Juscelino Kubitschek de Oliveira (1902-1976) e ao Governador do Estado de Goiás Íris Rezende.

A entrada da fazenda é murada, com porteira e mata-burro, destinados a impedir a passagem de animais. Tudo é pintado de branco. A estrada que liga a entrada à casa da fazenda corre por baixo de um

túnel de *flamboyants*, todas árvores com ramagens altas e engalhadas, ladeadas por buganvílias e ipês-amarelos.

Era o início do mês de julho. Nesta época do ano, as filhas do vô Mário, com os respectivos maridos, filhos e filhas, vinham passar as férias na sua fazenda de Goiás, localizada numa região dominada pelo mesmo cerrado do Planalto Central que se estendia até a cidade de Catalão. Com que alegria as crianças, quatro rapazes e três meninas, passavam as férias na fazenda. Viviam em São Paulo e Goiânia, morando em apartamentos. As idades dos meninos variavam de 10 a 16 anos. Levantavam-se cedo, apesar do friozinho, e iam tomar leite no curral, tirado na hora, quentinho, cheio de espuma. Depois voltavam para casa e encontravam a mesa posta e tomavam um café reforçado. Terminado o café, sumiam pelos pomares, pastos, plantações, várzeas e pelas beiradas do rio. Somente retornavam na hora do almoço, ao meio-dia, mortos de fome e queimados de sol. Almoçavam e desapareciam novamente.

As meninas eram duas. Uma com 11 anos e outra com 12. Ficavam brincando de casinha com outras meninas, filhas dos empregados, numa área de chão batido, junto a uma mangueira, pós de jabuticaba, tamarindo e araticum, onde vô Mário construiu uma casinha de verdade, contendo sala mobiliada, cozinha com fogão e alpendre. Neste local também colocou gangorras, balanços e escorregadores.

Todos sentavam-se à mesa exatamente às 19 horas. Os horários das refeições eram rigorosamente cumpridos, por exigência do dono da casa, que não abria mão dessa disciplina, desde quando vô Marione era viva. Às 18 horas as crianças começavam a tomar banho e se vestir para o jantar, tomando cada um o seu respectivo lugar à mesa. Somente após o jantar é que podiam assistir à televisão.

Dois dias depois da chegada dos netos, durante o jantar, a luz apagou. Foi um descontentamento geral. Vô Mário, empunhando uma lanterna a pilha, foi à dispensa, juntamente com Marquinho, o neto mais velho, buscar lampiões a gás, destes que se usam em *camping*, cuja luz era produzida por uma camisa que se acendia, irradiando luz intensa, cujos lumens chegavam a ser equivalentes a duzentas velas de ceras. Com os lampiões acesos, terminaram o jantar, na esperança de a luz voltar logo. Mas, qual nada! Uma hora depois vô Mário telefonou para o escritório central da companhia de eletricidade e recebeu a notícia de que a queda de um raio havia danificado um transformador de alta

tensão da subestação. Não sabiam quando poderiam restabelecer o circuito, pois a avaria não era coisa simples. Enviariam o transformador para Goiânia, a fim de ser reparado. Talvez o conserto demorasse uns dez dias.

Em face de não se ter nada para fazer, pois ler à luz de lampiões, jogar damas ou xadrez não era agradável, tia Zinha, a filha mais velha de vô Mário, sugeriu, sorrindo:

— Atenção todos! O que vocês acham do tio Marcos falar sobre o Racionalismo Cristão, um assunto que ele conhece tão bem, durante as noites em que não teremos luz elétrica?

A aprovação foi unânime. Tio Marcos era muito querido. Era um amigão. Entendia como ninguém de pipas, aeromodelos, balões e autorama. Nas férias anteriores, havia ensinado código morse a todos, e à noite, com uma lanterna a pilha, podiam transmitir mensagens uns para os outros, como fazem os marinheiros e os escoteiros.

— Então vamos para a sala de estar - disse tia Zinha, já que não teremos tão cedo as telenovelas, nem os telejornais, nem videogames, nem vídeos para ver os filmes alugados que vocês trouxeram. Vamos lá, aprender um pouco de filosofia com o tio Marcos.

— Esperem um pouco - disse tio Marcos levantando-se. Vocês vão por os seus pijamas, e todos nós, sentados à mesa da saleta do quarto das meninas, calmamente desenvolveremos nossas palestras. Faço isso por uma questão de didática, pois muitos cientistas têm feito inúmeras experiências com a memória e o esquecimento. Para alguns, ficou demonstrado que as pessoas indo dormir, logo após terem aprendido alguma coisa, provavelmente estão menos sujeitas ao esquecimento ou, então, poderão fazer como os meninos do Oriente Médio. Eles comem fígado torrado de ouriço, transformado em pó, porque acreditam que esse produto é bom para a memória.

— Minhas aulas serão científicas. Vocês, que já estão concluindo o 1º grau, e alguns que estão cursando o 2º grau não terão dificuldades em entender o que lhes vou transmitir. Nossas palestras visarão livrá-los das credices, das superstições e dos sofismas, ou melhor, dos argumentos falsos. Espero que tenham disposição para libertarem-se da adoração, dos mitos e das fantasias ensinadas pelos sacerdotes, pastores, gurus e mestres de várias seitas. Farei o possível para ser claro. Quero também que vocês pensem no que irão ouvir. É muito importante que, desde

cedo, aprendam a pensar e a analisar. E se a razão não quiser aceitar, descartem o que ouviram ou leram. Outra coisa: o que eu falar e vocês não entenderem, não me deixem prosseguir, interrompam, perguntem.

— Vocês sabem que o estudo desenvolve gradualmente a estrutura do nosso pensamento, do nosso raciocínio. Por isso, é necessário estudar, ler, pois a leitura expande os nossos horizontes, aumentando a compreensão das coisas. O método mais seguro para desenvolvermos a nossa percepção e compreendermos a nós mesmos é ler, ler sempre e cada vez mais, mergulhando em todos os campos do conhecimento humano.

— Às vezes eu falarei o nome de uma figura ilustre e em seguida mencionarei duas datas. Por exemplo: Pedro Álvares Cabral (1467-1520). Significa que Pedro Álvares Cabral nasceu em 1467 e faleceu em 1520. Também, quando eu mencionar depois de uma data o termo a.C., significa antes de Cristo, ou d.C., significa depois de Cristo. Quando eu falar século XVI, significa que eu estou me referindo aos cem anos com início em 1500 e término em 1599. Quando eu falar em século XVII, significa 1600 a 1699. Então, daí pode-se inferir uma regrinha: dado o século em algarismo romano, subtrai-se um para obter-se o século expresso em algarismos arábicos. Por exemplo: o século XX é igual ao período de 1900 a 1999; o século XXI é igual ao período de 2000 a 2099.

— Também é importante que vocês gravem bem o seguinte postulado: **Não existe mistério algum no mundo físico que, uma vez entendido, não leve a outro mistério situado mais adiante.**

— No meu entender, esse 'mistério situado mais adiante', encontra explicação no **Universo Espiritual**, o qual lhes descreverei em toda oportunidade que surgir, no decorrer das palestras, conforme o Sr. Racional explicou, e não esqueçam: **No Universo tudo é ciência.**

Então, as crianças se levantaram e foram vestir os pijamas. Em seguida todos se reuniram na saleta do quarto das meninas. Sentados confortavelmente, esperaram tio Marcos, aguardando que ele trocasse a sua cadeira por uma poltrona de encosto estofado, mais cômoda.

Nessa ocasião, tia Zinha entrou na sala com um gravador a pilha, colocou-o sobre uma cômoda, atrás da poltrona de tio Marcos, e ajustou o volume para que a gravação ficasse nítida. Em seguida encarregou

Fernanda de ligar, virar as fitas quando fosse necessário e desligar o aparelho antes de dormir. Em seguida saiu da sala, dizendo:

— Aproveitem bem, meninos!

Já instalado, tio Marcos começou ...

1. O Universo I

O Racionalismo Cristão é um conjunto de princípios que formam a base de uma filosofia divulgada por Luiz de Mattos, Luiz Alves Thomaz e Antonio do Nascimento Cottas, a partir de 1910, nas cidades de Santos, SP, e do Rio de Janeiro, RJ.

Essa doutrina constitui uma escola que ensina a Verdade Moral, através das lições deixadas por Jesus na Terra, antes dos Evangelhos, que sucessivas deturpações ocorridas ao longo dos séculos tornaram-nas irreconhecíveis. O Racionalismo Cristão visa ao esclarecimento humano, sem se preocupar com as religiões, seitas ou credos, defendendo a Verdade dentro dos limites do conhecimento. Portanto, para falarmos sobre o Racionalismo Cristão, precisamos conhecer o que é o Universo, o que é a Vida, o que é a Evolução e também conhecermos os povos, principalmente os que colonizaram o Brasil.

A minha finalidade, com essas palestras, é transmitir a vocês esclarecimentos que, utilizados durante a vida, possibilitem que sofram menos, pois o ser humano sofre porque desconhece a Verdade. É necessário que todos se esclareçam sobre a finalidade da Vida e a maneira correta de conduzir-se na existência terrena, para evitar sofrimentos desnecessários e perda de encarnações. É necessário que vocês aprendam a comportar-se na existência terrena, desenvolvendo o domínio sobre si mesmos, subjugando os ímpetos, as inclinações condenáveis, para que o raciocínio possa apontar-lhes as melhores soluções, pois todos nós estamos sujeitos às inclinações más, provenientes dos maus costumes.

Como antes nos referimos, vamos começar falando sobre o Universo.

Para os povos antigos, o planeta Terra era o centro do Universo. Acreditavam que a Terra era fixa em sua posição, enquanto tudo o mais, a Lua, o Sol, os planetas e as estrelas se moviam ao seu redor. Conhecemos oito planetas e seus satélites. Todos mudam de posição em relação às estrelas fixas. Estes astros, na ordem de suas distâncias em relação à Terra, são os seguintes: Lua, Mercúrio, Vênus, Sol, Marte, Júpiter, Saturno, Urano, Netuno e Plutão.

Júpiter e Saturno têm a atmosfera cheia de nuvens. Eles são muito frios. Netuno, Urano e Plutão são ainda mais frios. Assemelham-se a

gigantescas bolas de neve feitas de gelo e gases congelados, com o centro de rocha endurecida. Mercúrio, ao contrário, é muito quente. É feito de rochedos e a sua superfície é muito parecida com a da Lua. Marte é um planeta árido, de superfície rochosa, com capas de gelo cobrindo os pólos norte e sul. Vênus é coberto por espessas camadas de nuvens.

As geleiras existentes nestes planetas não são de água. São de dióxido de carbono solidificado, conhecido também por gelo-seco, que é muito mais frio que aquele feito de água.

A espantosa teoria de que somente a Lua se movia em volta da Terra, enquanto a Terra e os demais planetas moviam-se ao redor do Sol, foi pela primeira vez proclamada no século XVI por Copérnico, astrônomo polonês. O livro que continha essa teoria foi publicado em 1543, quando o autor encontrava-se no leito de morte.

Desde a Antigüidade, têm sido criadas inúmeras hipóteses para explicar o Universo. Nos últimos séculos, o desenvolvimento da Ciência permitiu conhecer a Terra, não só como planeta, mas também como membro de uma família muito maior: o Sistema Solar. Convém lembrar algumas informações sobre isso.

O espaço cósmico apenas começa a ser conhecido pelos homens. Sabemos que nele a Terra é um minúsculo planeta, em meio a bilhões de astros de diferentes naturezas e tamanhos. Mas nesse universo há organização. Assim, o sistema planetário a que pertencemos tem como centro uma estrela, o Sol, e é constituído, ainda, por mais oito planetas e 39 satélites, além de cometas, planetóides e meteoritos.

O Sol se desloca no espaço a grande velocidade, juntamente com os astros que o acompanham. Os planetas do Sistema Solar são bastante diferentes uns dos outros. Em relação ao Sol, alguns estão mais próximos, outros mais distantes. Alguns têm grande massa, outros não. A velocidade com que cada um se desloca em sua órbita também é variável. O Sol e sua família de planetas movem-se todos tão regularmente como um relógio de altíssima precisão.

O meu mestre, o Sr. Racional, afirma que o Universo inteiro obedece a uma severa disciplina, verificada na pontualidade dos movimentos dos corpos no espaço sideral. Diz também que o hábito é uma segunda natureza e que devemos introduzir em nossas vidas o hábito da disciplina, da metodização, da ordem, para que tudo que temos a fazer seja feito com espontânea naturalidade. Esta é a forma mais fácil

de vencermos as dificuldades da vida. A disciplina é um dos segredos do sucesso.

O Sistema Solar é imenso, mas ele é apenas parte de uma imensa galáxia, onde circulam 250 milhões de estrelas de grandezas diversas, muitas das quais maiores e muito mais brilhantes que o Sol. Essa galáxia à qual pertencemos é constituída por um enorme conjunto de sistemas solares, formando uma grande família. Ela é, vista de cima, como uma grande espiral e, vista de frente, como uma lente biconvexa.

A galáxia onde vivemos é conhecida por Via-Láctea. Podemos vê-la, nítida, nas noites límpidas como uma nuvem no céu. Se pudéssemos vê-la inteira, de uma só vez, ela pareceria uma roda, protuberante no centro e afinada nas bordas. Ela é uma nebulosa que se avista no céu, nas noites serenas, sob a forma de uma larga faixa esbranquiçada, também conhecida pelos cristãos da Idade Média como Caminho de São Tiago.

A Via-Láctea compreende uma pequena parte do espaço cósmico. Como tudo no espaço gira, a grande espiral da galáxia roda ininterruptamente. Imaginem que a galáxia seja um imenso carrossel. Numa das bordas desse carrossel, distando mais ou menos um terço do raio, encontra-se o nosso sol, rodeado pelos seus planetas. Sabemos que existem no Universo inúmeras outras galáxias, muitíssimo distantes umas das outras.

Para os gregos somente existiam estrelas fixas e estrelas ambulantes. As estrelas ambulantes eram as que nós chamamos de planetas. Sabiam que existiam duas estrelas fixas no Universo. Eram, elas, muito brilhantes: Arcturus e Sírius. Em 1718, o astrônomo Halley verificou que essas duas estrelas fixas haviam se deslocado cerca de um grau e um grau e meio, respectivamente. Depois de Halley, rigorosas medições das posições das estrelas mostraram que nenhuma poderia chamar-se fixa. Todas as estrelas estão em movimento e só por estarem a distâncias incomensuráveis é que seus movimentos, desde a Antigüidade, passaram despercebidos.

Somente agora começa a ser desvendado o espaço intergalático.

A Nasa, através de pesquisas feitas por telescópios montados em satélites artificiais, tem feito muito progresso nesses estudos.

— *Tio Marcos, os foguetes interplanetários que colocam os satélites com telescópios em órbita são iguais aos aviões a jato? - perguntou Silvinho.*

O princípio de funcionamento dos motores do avião a jato e do foguete é o mesmo. Funcionam baseados na 3ª Lei de Newton, também conhecida como Princípio da Ação e da Reação. Quando os combustíveis dos foguetes e dos aviões a jato queimam, produzem grande quantidade de gases, que são expelidos em grande velocidade e alta temperatura. Os gases são expelidos por uma força exercida pelas paredes internas da câmara de combustão desses motores. O gás aplica uma força de reação nas paredes internas e é essa força que impulsiona o foguete ou o avião, em sentido contrário à abertura de escape dos gases, onde a pressão é bem menor, em virtude da velocidade de escape desses gases.

O motor do avião a jato precisa de oxigênio para queimar o seu combustível, que é retirado do ar atmosférico. O motor do foguete não utiliza o oxigênio da atmosfera. Ele carrega, juntamente com o combustível, um oxidante. A mistura de ambos possibilita a combustão, gerando gases ultraquentes, fazendo grande pressão. Desta forma ele pode viajar pelo espaço interplanetário onde não existe oxigênio. Logo “Ação” é o escape dos gases e “Reação” é a força para frente, oposta à saída dos gases.

Certa ocasião, o Sr. Racional explicou que o Princípio da Ação e da Reação é também verdadeiro na vida moral dos homens, das sociedades e das nações. Dizia o Sr. Racional: “Não as façás que as pagas”. É a Lei de Causa e Efeito que tem o seguinte enunciado: Irrevogavelmente as boas ou más ações determinam, para quem as pratica, como consequência, um resultado correspondente aos pensamentos e atos que o geraram. Portanto, quem mal faz para si está fazendo. Essa é a lei.

No plano espiritual não há perdões, nem deuses para perdoar. Numa filosofia oriental chamada Bramanismo, em textos chamados Vedas, há um conceito denominado carma que afirma: “Todo conjunto de ações dos homens, boas ou más, gera consequências que irão eclodir num futuro próximo ou remoto”. O Sr. Racional diz que nós poderemos sofrer, no futuro, em consequência de pensamentos errados ou da má aplicação do nosso livre-arbítrio. Agora, digo eu: esse sofrimento não

deve ser interpretado como castigo. Os sofrimentos que atingem todos nós do planeta Terra têm por finalidade nos ensinar e não nos punir. Portanto, não existe carma, nem destino, nem sorte, nem azar. O que existe é o livre-arbítrio, cujo atributo é uma herança que nos pertence, própria do espírito que já atingiu a condição de possuir pensamento contínuo e raciocínio, conquistado por nós próprios em nossa trajetória evolutiva. Se não fosse assim, o homem seria um títere, um fantoche manipulado por uma força maior. Como consequência, suas realizações seriam vãs e seus erros, sem significação. A vida não teria qualquer finalidade e poderíamos abandoná-la quando desejássemos.

O carma ou a Lei de Causa e Efeito, como é chamada pelos espiritualistas do Ocidente, tem também aplicação coletiva, no sentido de que o progresso, os benefícios ou as desgraças que os povos sofrem ou desfrutam são os reflexos, as consequências do que realizaram em encarnações passadas. Da mesma forma, os problemas e as situações negativas, que muitos povos coletivamente têm enfrentado, são o resultado dos maus pensamentos, muitas vezes gerados pela religiosidade e pelo fanatismo. Mas voltemos ao nosso assunto, Universo.

Aristóteles, filósofo grego que viveu entre os anos 384 e 322 a.C., afirmava que os astros giravam em torno de um centro imóvel, a Terra. Segundo Aristóteles e seus seguidores, acima da Lua, todos os astros eram eternos e não sofriam qualquer mudança. Abaixo da Lua estavam as coisas imperfeitas, sujeitas à decadência e ao desaparecimento. Aristóteles também pensava que os corpos caíam porque o seu lugar natural era a superfície da Terra. Para Aristóteles a Terra era esférica. Ele chegou a essa conclusão observando a sombra terrestre projetada na Lua, durante os eclipses lunares.

Um outro grego, Aristarco, nascido a 310 a.C., defendia a idéia de que o Sol estava no centro do Mundo, imóvel, e que a Terra movia-se em torno dele, juntamente com outros planetas. Essa visão do mundo foi chamada de heliocêntrica (helios significa sol, em grego). Aristarco dizia também que a Terra girava. Sua visão do mundo era, portanto, mais parecida com a atual.

No século II a.C., um astrônomo chamado Ptolomeu afirmava, como Aristóteles, que os planetas estavam presos a pequenas esferas de cristal, as quais também giravam. A nova descrição do Mundo criada por Ptolomeu ganhou muitos adeptos porque explicava melhor os

movimentos dos astros e possibilitava fazer previsões sobre a posição que os planetas teriam em tempo futuro.

Os pensamentos de Aristóteles e de Ptolomeu foram incorporados pela Igreja Católica da Idade Média, como parte de suas doutrinas, e quem se opusesse aos ensinamentos aristotélicos era considerado herege, isto é, pessoa que professa doutrina contrária ao que foi definido pela Igreja como matéria de fé. Conseqüentemente era condenado pelo Tribunal da Inquisição e queimado vivo para purificar-se pelo fogo a alma desse herege.

Na Idade Média, entre os anos 1225 e 1275, viveu o teólogo italiano São Thomás de Aquino, o qual propôs demonstrar que existia união íntima entre a Fé e a Razão, isto é, entre a Teologia e a Filosofia, criando a Doutrina Escolástica, que procurou uma síntese entre a filosofia de Aristóteles e a fé católica, a qual se apoiava na revelação e na autoridade divina, integrantes dos Evangelhos.

Procurando conciliar os postulados da fé cristã com o pensamento aristotélico, reconhecia São Thomás de Aquino duas fontes de conhecimento: a fé cristã, transmitida pelas Escrituras, e as verdades adquiridas pela razão humana, como foram ensinadas por Platão e Aristóteles.

Agora, vejam vocês! Quanto disparate quererem justificar os dogmas da fé, uma coletânea de lendas bíblicas, com o pensamento de Aristóteles, discípulo de Platão, cuja filosofia ensinou a humanidade a pensar, que aprofundou o estudo da Lógica, ou melhor, da Ciência do Pensamento.

O Papa Leão XIII, em 1879, proclamou o padre dominicano São Thomás de Aquino o filósofo oficial da Igreja.

Roger Bacon (1214-1292), padre franciscano, rejeitou a filosofia escolástica, proclamando simplesmente que a razão e a autoridade não eram condições suficientes para provar os conhecimentos. Dizia que o único meio de se chegar à verdade era através da observação e da experimentação. Criticava os sábios que dissimulavam suas ignorâncias com argumentos verbosos. Veremos mais adiante que a experimentação era também a proposta de Galileu para demonstrar a Verdade.

Roger Bacon, um dos pais da ciência experimental da Idade Média, era protegido do Papa Clemente IV, que o estimulou a escrever a sua obra e a enviá-la a Roma. Após a morte desse papa, Bacon foi

condenado pela Igreja e encarcerado. Ficou preso durante catorze anos. Morreu logo depois que saiu da prisão.

Nicolau Copérnico (1473-1543), astrônomo polonês, considerava que o Sol estava no centro do Universo, com os planetas girando ao seu redor. Morreu no mesmo ano da publicação das suas teorias, mas deixou muitos seguidores. Um deles foi Giordano Bruno, sacerdote e teólogo nascido em 1548 na Itália. Giordano Bruno acreditava nas idéias de Copérnico, mas foi além. Afirmava que o Universo era infinito, contrariando as idéias de Aristóteles, de que o Universo era esférico e fechado. Para Giordano Bruno não havia no céu esferas de cristal segurando os astros, como afirmavam os astrônomos antigos, e as estrelas, assim como o Sol, podiam ter planetas girando ao seu redor. Ele acreditava também na existência de inúmeros mundos e afirmava que, para os habitantes desses mundos, a nossa Terra seria apenas um astro a mais. A Igreja não aceitou essas idéias. Em 1600 ele foi preso pela Inquisição, condenado e queimado na fogueira.

Um outro defensor das idéias de Copérnico foi Kepler, um astrônomo alemão que viveu entre 1571 e 1630. Johannes Kepler não foi perseguido pela Igreja Católica porque na Alemanha, sua pátria, a Igreja não tinha o mesmo poder que na Itália. Kepler chegou à conclusão de que os planetas descreviam elipses, e não órbitas ovais em torno do Sol.

De todos os seguidores de Copérnico, quem realizou o trabalho mais revolucionário foi o italiano Galileu Galilei (1564-1642). Físico e astrônomo, ganhou em 1609 um telescópio que havia sido inventado anos antes na Holanda.

Os primeiros telescópios permitiam ver um objeto como se estivesse três vezes mais perto. Galileu aperfeiçoou o invento, construindo outro telescópio que permitia ver um objeto como se estivesse trinta vezes mais perto e passou a usá-lo para observar o céu.

Descobriu que Vênus apresentava fases como a Lua. O estudo dessas fases levou Galileu a concluir que Vênus girava em torno do Sol. Apontando o telescópio para o Sol, descobriu as manchas solares. Observou o movimento dessas manchas e concluiu que o Sol fazia movimentos de rotação, em torno de si mesmo. Portanto, o Sol não era imóvel. Descobriu também os satélites de Júpiter.

Observando esses fatos, não era possível continuar afirmando que a Terra era o centro do Universo. Galileu descobriu também que todos os corpos sobre a Terra, inclusive a atmosfera, e mesmo uma pedra

lançada verticalmente, movem-se junto com a Terra. Por isso, nós não percebemos o movimento de rotação da Terra, o qual produz o dia e a noite.

Sempre houve elementos científicos em qualquer pensamento, até na magia. O primeiro homem, ao perceber que o fogo queimava, fez uma observação científica, nascida do bom senso. Mas quando atribuiu ao fogo uma vontade própria e maligna de queimar, deixou de fazer ciência para criar a Demonologia. A Ciência é herdeira do primeiro raciocínio e abandonou o segundo porque ele não era comprovável. O conhecimento científico é, pois, conhecimento comprovável. As provas também têm que ser científicas. O selvagem pode “provar” a presença de um demônio nas chamas, alegando que ele foi visto certa vez, ou que sonhou com ele, ou que é assim porque “todos sabem disso”. Esse tipo de prova não interessa à Ciência.

A Ciência não começou com os gregos. Ela começou com Galileu e tem apenas quatro séculos. Vamos explicar isso.

A observação diária nos diz que uma pluma flutua no ar e uma pedra se precipita velozmente para o chão. O que leva o bom senso a acreditar que pesos diferentes caem a velocidades diferentes. Se perguntarmos à maioria das pessoas o que cai mais depressa, um peso de um quilo ou um de dez, quase todos apontarão o de dez quilos. Alguns acrescentarão que o de dez quilos cai dez vezes mais depressa que o outro, assumindo um ar muito científico. Apesar de essa resposta estar baseada no bom senso, ela é completamente falsa: pesos diferentes caem com velocidade igual. Isso foi demonstrado por Galileu, quando jogou bolas de metal e pedra com o mesmo diâmetro, mas com pesos diferentes, de cima da torre inclinada de Pisa.

Galileu estava envolvido numa disputa a esse respeito com seus colegas professores. Aristóteles afirmara em seu livro de Física que pesos diferentes caem com velocidades proporcionais ao seu peso. Até a Renascença, quando começa a revolução científica, Aristóteles era autoridade indiscutível. Já que ele tinha dito, “devia” ser assim. Galileu fez a experiência e achou o contrário. Seus colegas teimaram. Se estava escrito em Aristóteles, então a experiência de Galileu estava errada. E sorriam condescendentes.

Galileu foi para cima da torre e jogou os pesos exatamente na hora em que pela praça passavam estudantes e professores, para que todos pudessem testemunhar os resultados. Os estudantes aplaudiram-no e os

professores tornaram-se seus inimigos. Alguns acrescentaram que se tratava de um truque, uma ilusão de óptica ou uma trapaça qualquer.

Galileu, em 1632, publicou em Florença todas as provas que demonstravam o sistema proposto por Copérnico. Por isso, foi obrigado a renunciar à sua teoria diante do Tribunal da Inquisição, um ano depois, em 1633. Forçado a retratar-se, por haver proclamado que a Terra girava sobre si mesma, contrariamente à letra das Escrituras, ainda ajoelhado, após abjurar, pronunciou em voz baixa, em italiano, a frase histórica: “Eppur, si muove!”, que quer dizer: “E no entanto, ela se move!”

A fé que Galileu tinha na Ciência separou-o do mundo universitário do seu tempo e terminou por condená-lo à prisão domiciliar pela Inquisição. Mas de seus trabalhos nasceu o método científico em estado puro. Foi o iniciador da escola dos grandes cientistas modernos que não mantém relação com a magia, ao contrário, por exemplo, do seu contemporâneo Johannes Kepler, um dos fundadores da moderna Astronomia, que também era um astrólogo convicto. Dava tanta importância às suas descobertas planetárias como aos seus horóscopos que, seja dita a verdade, garantiam-lhe o sustento, possibilitando que estudasse o céu. Kepler foi o homem da transição entre a época do pensamento mágico e a época do pensamento científico. Foi o último dos grandes magos-cientistas, como foram Paracelso e os alquimistas.

Galileu, ao contrário, só acreditava no método científico. Foi o primeiro a denunciar os grandes inimigos desse método: os argumentos baseados na autoridade e no bom senso.

Tanto a autoridade indiscutível de Aristóteles como o bom senso da escolástica de São Tomás de Aquino tinham enganado a todos sobre a queda dos corpos de pesos diferentes e sobre várias outras coisas, entre elas a afirmação de que a Terra ocupava o centro do Universo.

Em 1642, quatro anos antes da desencarnação de Galileu, quando ainda cumpria pena de prisão domiciliar imposta pela Inquisição, ele mandou a um editor da Holanda o manuscrito do seu livro *Duas Novas Ciências*, cuja obra, mais do que seu apoio às teorias de Copérnico, foi a gênese da Física Moderna.

Nisso, tio Marcos levantou-se e disse:

— Já são horas de dormir. Amanhã, continuaremos o mesmo assunto.

2. O Universo II

— *Tio Marcos, como se explica o aparecimento do Universo? - perguntou Serginho, muito interessado.*

Antes de continuarmos esse assunto, vou fazer um pequeno preâmbulo.

O homem, apesar das suas imperfeições, no estágio evolutivo em que presentemente se encontra, apesar de tudo o que já aprendeu e realizou, ainda se pergunta sobre a sua origem. Evoluiu ou foi criado? Ou será o resultado de uma combinação dessas duas possibilidades? O Universo foi criado ou foi o resultado de uma grande explosão? Nosso planeta estará caminhando para a idade do gelo, que os cientistas chamam de Era Glacial, ou ficará cada vez mais quente sob o efeito estufa?

Podem-se ouvir centenas de teorias sobre esses assuntos, oriundas de filósofos das mais diferentes escolas e dos mais renomados cientistas, tentando explicá-las como fato em processo de realização.

A criatura, antes de querer entender a complexidade do Universo, precisa, para tal fim, adquirir outros conhecimentos mais simples, porém necessários a esse entendimento. Deve, com humildade, aprender as inúmeras lições que ainda não conseguiu entender. Precisa livrar-se das ilusões, das fantasias e da religiosidade. Somente após várias encarnações, durante as quais os sofrimentos e as grandes dores depurarão o espírito, ficará ele, quando o sofrimento passar, livre da ilusão da paixão, livre da ilusão da posse, livre da ilusão da proteção divina, livre da ilusão dos conceitos corporativistas, dos conceitos de nacionalidade, seita, classe e família. Somente nessa fase da sua evolução, limpo, depurado, terá condições de entender a Verdade. Até chegarmos a esse ponto da nossa evolução, nossa obrigação é trabalhar, estudar e raciocinar.

Feita esta pequena introdução, vamos agora explicar o que até agora tem sido aceito pela comunidade científica. Contudo, os acontecimentos que hoje acreditamos serem fatos provavelmente se transformarão amanhã, à medida que continuarmos a aprender sobre o mundo. Lembrem-se de que eu já disse, antes de iniciarmos estas aulas, que: “Não existe mistério algum no mundo físico que, uma vez

entendido, não leve a outro mistério situado mais adiante.” Mesmo que acreditássemos saber tudo sobre o passado remoto da Terra, estes conhecimentos estão sempre sujeitos a novas interpretações, à luz de novas descobertas.

Bem, continuemos: a energia radiante emitida pelas estrelas, pelos sóis de todas as galáxias, que vemos como luz material, tem origem nas reações atômicas que ocorrem nessas estrelas. Conseqüentemente não pode ser confundida com a Luz Astral, emitida pelo Grande Foco, qual Força Inteligente que enche o espaço infinito e ilumina as regiões espirituais. As trevas da noite nada significam para o espírito, pois este enxerga por meio da luz astral que atravessa tudo, que penetra todos os corpos existentes no espaço sideral. O dia e a noite expressam períodos apenas relacionados com a vida material.

O homem, procurando o sentido criador da vida e o poder ilimitado da Inteligência Universal, há de perceber que não passa de um ser de reduziísimas dimensões diante da grandiosidade do Universo. Se o seu estado evolutivo permitisse, compreenderia então a imensa caminhada que há de fazer na longa estrada da evolução.

Os estudos sobre a possível origem da evolução do Universo constituem uma ciência chamada Cosmogonia, a qual acredita que o Universo tenha surgido há 10 bilhões de anos. A Cosmogonia estuda a origem e a evolução do Universo. A Astronomia estuda a constituição, a posição relativa e os movimentos dos astros.

Há várias teorias cosmogônicas muito bem elaboradas para explicar a origem do Universo. Temos a Cosmogonia de Alfvén-Klein, cujo modelo descreve o Universo inicial como uma gigantesca nuvem esférica, constituída de matéria e antimatéria. Quando a densidade crítica é alcançada, a matéria e a antimatéria começam a se aniquilar, provocando a expansão do Universo.

Temos também o Modelo Cosmogônico Relativista, desenvolvido com base na Teoria Geral da Relatividade de Einstein. Sintetizando essa teoria, o Universo poderia ser comparado a uma bolha que se estaria expandindo no espaço em todas as direções, continuamente, ao longo do tempo cósmico. Desta forma, o Universo não seria alguma coisa acabada e pronta, mas estaria em contínua evolução e teria as mesmas propriedades em todas as direções.

A matéria existente no Universo estaria distribuída, formando aglomerações de galáxias, quais milhares de ilhas num oceano infinito,

separadas por distâncias incomensuráveis. Isto significa que, em algum momento, o volume do Universo foi zero. Portanto, os seres vivos, os seres não vivos, o espaço e o tempo teriam se iniciado a partir de um estado em que a matéria estaria concentrada. Essa explicação sobre a possível origem do Universo ficou conhecida como Teoria da Grande Explosão Inicial ou Teoria do Big-Bang. Ela leva a imaginar que todo o Universo teria se iniciado a partir da explosão cósmica de um núcleo inicial concentrado de matéria, cuja temperatura era extremamente elevada. Supõe-se que, ao explodir, o Universo tenha se esfriado. A matéria então reagrupou-se, dando origem às galáxias.

Uma outra teoria recente sobre a formação do Universo é muito abstrata e baseia-se em teorias físicas, segundo as quais é possível haver no Universo grandes vazios, onde não há seres nem energia, mas apenas oscilações de Tempo e Espaço. No interior desses vazios, a matéria pode aparecer a qualquer momento e penetrar em nosso tempo-espaço. Essa nova matéria apareceria como uma intensa explosão, liberando diferentes formas de energia e sem qualquer causa compreensível. Surgiram então os buracos brancos.

Não confundir esses buracos brancos com os buracos negros, que são outra coisa. Chama-se buraco negro um determinado estado que a matéria atinge ao sofrer um colapso gravitacional, no qual nem a luz, nem a matéria nem qualquer outro tipo de sinal podem escapar. Portanto, forma-se um buraco negro quando o campo gravitacional se torna tão intenso que a velocidade de escape de um corpo se aproxima da velocidade da luz (300 mil km/s no vácuo). De acordo com essa teoria, falar em idade do Universo perde o significado, pois a matéria estaria sendo criada a qualquer tempo.

— *Tio Marcos, qual é a origem do Sol e da Terra? - perguntou Fernanda, a mais nova das meninas.*

Vocês já aprenderam que o Sol é uma estrela em torno da qual giram a Terra e os outros planetas do Sistema Solar. O Sol é uma estrela que, comparada às outras existentes no Universo, é relativamente pequena e de brilho fraco, parecendo ser maior e mais brilhante por se encontrar bem perto de nós. A sua luz leva oito minutos e meio para atingir a Terra. A estrela que está mais próxima de nós, logo depois do Sol, é a Alfa do Centauro. A sua luz leva 4,3 anos-luz para chegar até

aqui. Em seguida vem a estrela Sírius, cuja luz leva 8,8 anos-luz para chegar à Terra.

Segundo hipóteses, as estrelas formam-se de nuvens de matéria interestelar, constituída de partículas sólidas e de gases, principalmente o hidrogênio e o hélio, que vagam pelo espaço. Tanto o Sol como outras estrelas teriam se formado pela condensação gradual de uma dessas nuvens. À medida que uma nuvem de matéria interestelar fica mais densa, os átomos e outras partículas vão se concentrando e seu movimento torna-se mais acelerado. A colisão entre os átomos vai aumentando e liberando grandes quantidades de energia. A temperatura torna-se tão alta que os núcleos dos átomos começam a se fundir. Essa fusão de átomos corresponde à mesma fusão nuclear que produz a energia atômica. A fusão nuclear do hidrogênio continua ocorrendo em nosso sol, e a energia atômica liberada é a energia solar que chega até nós.

Quanto à Terra, durante a formação do Sistema Solar, isto há bilhões de anos, supõe-se que o nosso planeta tenha sido inicialmente uma imensa massa de material incandescente, de origem estelar, girando no espaço sideral. Com o tempo, e muito lentamente, a superfície dessa massa foi sendo resfriada. Ao atingir temperaturas mais baixas que o seu interior, começou a formação de uma crosta sólida. Esta foi se tornando cada vez mais espessa com o decorrer do tempo, contado em bilhões de anos. No interior da Terra encontramos uma temperatura elevadíssima, da ordem de milhares de graus centígrados. Seu núcleo, constituído por material em estado de fusão, é chamado magma.

Enquanto se formava a camada sólida externa, houve a cristalização e a formação dos elementos minerais, tal como os conhecemos. Houve também o desenvolvimento de gases e vapores que, em parte, escaparam da força gravitacional e se dispersaram no espaço sideral. Outra parte, pela ação da gravidade, permaneceu sobre a superfície da crosta, envolvendo o planeta e formando a atmosfera.

O esfriamento da atmosfera, por sua vez, acarretou a lenta condensação de alguns elementos, formando líquidos, principalmente a água, que viriam a dar origem aos oceanos, rios, lagos e lençóis de águas subterrâneas.

Envolvendo a parte sólida do planeta, a litosfera, e a parte líquida, a hidrosfera, acha-se a atmosfera, com aproximadamente 1000 km de altura, formada por gases diversos. A camada atmosférica mais próxima

das superfícies continentais e oceânicas é chamada troposfera, formada por gases como o oxigênio, nitrogênio, hélio, argônio e contendo também bióxido de carbono e vapor d'água. Acima da troposfera está a estratosfera, formada principalmente por nitrogênio, hélio e oxigênio, em concentrações já bem menos densas. Nas partes superiores da estratosfera encontramos o ozônio, que age como filtro dos raios ultravioletas provenientes do Sol.

Em seguida temos a ionosfera, a mais alta e menos densa das camadas atmosféricas. Nela aparecem o hidrogênio, o oxigênio e o nitrogênio, em baixas concentrações. Além da ionosfera, também encontramos cinturões de radiação que envolvem o planeta, descobertos pelo físico Van Alen, o qual desenvolveu satélites científicos equipados com instrumentos para medir esses campos. Acima desse limite já estamos no espaço interplanetário.

Calcula-se que o Sistema Solar, incluindo-se a Terra, começou a existir há cerca de 5 bilhões de anos. As rochas da crosta terrestre mais antigas que se conhecem datam aproximadamente de 4 bilhões de anos, época em que o planeta Terra era árido e sem vida.

A Terra ainda hoje é muito quente em seu interior. A 50 km de profundidade, abaixo da superfície, as rochas já não são totalmente sólidas. A lava expelida das erupções vulcânicas é material rochoso em estado de fusão e incandescente, evidenciando a alta temperatura do interior do nosso planeta. Em regiões de 3300 km abaixo da superfície, a temperatura é de aproximadamente 4000°C. A prova dessa alta temperatura subterrânea, temos aqui mesmo, a nossa cidade vizinha chamada Caldas Novas, GO. O Rio Quente, que nasce no sopé da Serra Caldas, distante 25 km da cidade, é considerado um dos maiores mananciais de águas termais conhecidos, pois esse rio tem centenas de fontes, onde a água brota com a temperatura de 60°C. A cidade encontra-se próxima à borda de um grande vulcão extinto.

— *Tio Marcos, por que os astrônomos dizem que o planeta Vênus é irmão gêmeo da Terra?* - perguntou Boris.

Quando se observa o planeta Vênus, uma das características que mais chama a atenção é o seu brilho, que é intenso, ao amanhecer e ao entardecer. Vênus também é conhecido pelo nome de estrela d'alva. Depois do Sol e da Lua, ela é o astro que mais brilha no céu. Por ocasião da sua maior aproximação com a Terra, pode ser visto durante o dia, de

manhã e ao entardecer. Por isso, os antigos gregos julgavam que se tratava de duas estrelas distintas, dando-lhes nomes diferentes: Fósforo, quando aparecia no céu matutino, e Héspero, quando brilhava ao pôr-do-sol. Até há poucos anos, Vênus ainda era um dos maiores mistérios do céu. Um século de cuidadosas observações telescópicas revelou pouco dos seus segredos. Em 1950, o radar foi introduzido na Astronomia, mas também foi de pouco auxílio. Para se saber mais coisas sobre Vênus, foi preciso esperar pela Era da Astronáutica. Mas a exploração do planeta com satélites automáticos é cara. Das dezessete sondas lançadas em direção a Vênus, somente seis chegaram lá funcionando.

Antes do aparecimento dos satélites artificiais, os astrônomos já sabiam que Vênus descreve uma órbita quase circular em torno do Sol, uma elipse com raio médio de 108 milhões de quilômetros. Sabiam também o seu tamanho e achavam Vênus tão parecido com a Terra que os chamaram planetas gêmeos.

Em maio de 1969, a sonda espacial Mariner V constatou que as condições reinantes no planeta são bastante hostis. A pressão atmosférica de Vênus é cem vezes superior à pressão da Terra. Duas cápsulas russas, apesar de blindadas, foram esmigalhadas, muito antes de tocar a superfície, submetidas a esta pressão. Este será um dos primeiros problemas a ser vencido quando para lá for enviada uma expedição exploradora. Sua temperatura também é muito elevada: 250 a 270°C. No solo, a temperatura pode chegar a 327°C. O ano de Vênus tem 225 dias.

A única semelhança que há entre a Terra e Vênus é quanto ao seu tamanho. Vênus tem um diâmetro de 12400 km, e a Terra tem um diâmetro de 12700 km. Portanto, o diâmetro da Terra é maior em 300 km. A superfície venusiana é inóspita. Tempestades violentíssimas varrem permanentemente a sua superfície com ventos de até 200 km/h. Vênus é rodeado por uma atmosfera densa. A composição química dessa atmosfera é conhecida desde 1932, quando foi constatada a presença de muito gás carbônico (CO₂). Recentemente as análises revelaram pequenas quantidades de oxigênio e de vapor d'água, 1,5 % , além de traços de nitrogênio e outros gases. Na sua atmosfera, o que predomina mesmo é o carbono, que representa 95 % do total.

Os astrônomos, sabedores de que Vênus está perto do Sol, imaginaram então que suas nuvens reteriam parte do calor recebido do Sol, criando na superfície do planeta um ambiente de estufa. Portanto,

Vênus deveria ser um imenso pântano, onde, no meio do lodo, nadariam animais monstruosos, parecidos com os dinossauros que habitaram a Terra há 380 milhões de anos. Tudo isso, porém, não passou de simples conjectura. Os mais sofisticados instrumentos não conseguiram revelar nada do que existe sob as nuvens venusianas. A única coisa que se sabia com certeza era a temperatura da camada superior das nuvens que cobrem o planeta: -50°C .

Vênus é mesmo um forno escaldante, varrido por furacões e coberto por um teto de nuvens amarelas.

A aproximação mais favorável para se alcançar Vênus com um foguete, para que se tenha o mínimo gasto de combustível químico, é quando Vênus está a 42 milhões de quilômetros da Terra, o que ocorre a cada dois anos.

— *Tio Marcos, é verdade que existem canais na superfície de Marte?* - perguntou Boris, que gostava muito de Astronomia.

Esses canais já deram muito o que falar. Entre 1877 e 1890, o astrônomo Schiaparelli descobre em Marte estranhas linhas escuras que sugeriam canais construídos por obra de uma inteligência viva. Quase um século depois, em 1965, a sonda Mariner IV, em órbita no planeta Marte, transmitiu imagens de um mundo inóspito, aparentemente inadequado à vida, e esclareceu que os canais não existem. Hoje, depois de uma sistemática exploração científica, por meio das sondas espaciais Mariner IV, VI e VII, os astrônomos podem afirmar com segurança que não há seres inteligentes em Marte.

Sobre os canais, a melhor explicação encontrada para eles, e de modo geral aceita pelos astrônomos modernos, é de que se trata de uma ilusão de óptica, causada por uma tendência natural do olho humano de dar estrutura geométrica a pontos distintos.

Apesar da exploração feita através das sondas, Marte, sob muitos aspectos, continua como um grande enigma a desafiar permanentemente os cientistas. Por exemplo: suas luas Fobos e Deimos, que possuem características tais que é difícil admiti-las como satélites naturais. Estes dois satélites foram descobertos em 1877 pelo astrônomo norte-americano Asaph Hall. Ambos giram em grande velocidade em redor do planeta e por isso foram denominados Deimos (em grego, terror) e Fobos (medo). Por apresentar características muito singulares, há quem pense que Fobos seja um satélite artificial. Deimos gira em torno de

Marte em 30 horas e 18 minutos, numa órbita a 23000 km de altura. Seu diâmetro é de cerca de 8 km. Visto de Marte, apresenta-se como um astro tão brilhante quanto Vênus. Fobos, bem mais brilhante que Deimos, dista quase 9400 km e tem 16 km de diâmetro. Enquanto Deimos faz o movimento normal, circulando de leste para oeste, Fobos circula em sentido contrário, a uma velocidade espantosa, efetuando uma revolução em 7 horas e 39 minutos, portanto, atravessando o céu marciano três vezes no mesmo dia. Um dia marciano é praticamente igual ao terrestre. Tem 24 horas e 37 minutos.

Outra hipótese proposta pelos cientistas é de que Fobos seria um cometa capturado pela atração gravitacional de Marte, tendo perdido a cauda e a cabeleira, ficando apenas o núcleo.

Marte possui nos pólos duas calotas. O primeiro pensamento foi encará-las como recobertas por enormes massas de gelo. Mas não é verdade. Informações enviadas pela sonda espacial Mariner VII indicam que as calotas são constituídas de bióxido de carbono, isto é, gelo-seco.

Marte goza de estações semelhantes às terrestres. Um ano marciano vale 687 dias terrestres.

A menor distância entre a Terra e Marte, nas ocasiões favoráveis, é de 55 milhões de quilômetros. Somente se podem fazer observações telescópicas favoráveis de dezesseis em dezesseis anos, quando o planeta está em situação de distância mínima.

As fotografias obtidas pela sonda Mariner VI, em 1969, vieram trazer informações muito mais detalhadas que as obtidas por telescópios. Sua superfície é muito semelhante à da Lua. As fotografias mostram também que a calota polar sul é cheia de crateras cobertas de gelo-seco.

O tempo de vôo entre a Terra e Marte, feito por um foguete com potência igual à do Saturno 5, é de mais de um ano, para ida e volta. Além dessa grande distância que separa os dois planetas, as condições hostis de Marte são obstáculos difíceis de superar.

A atmosfera marciana é semelhante à da Terra; contudo, sua quantidade de oxigênio é várias vezes menor e a água, centenas de vezes menor. Em 1969, obteve-se a prova de que existe água na atmosfera de Marte, embora em quantidades mínimas. A temperatura pode atingir extremos muito elevados: no equador, 30°C ao meio-dia e 0°C ao entardecer. Nos pólos, -60°C no inverno e -30°C no verão. A pressão atmosférica de Marte é de apenas 5 a 10% da pressão terrestre, donde se

conclui que a sua atmosfera é muito rarefeita. Ventos intensos agitam a superfície, formando-se tempestades de areia levantada do solo.

Baseados nessas informações, os cientistas concluíram que, se existir qualquer tipo de vida em Marte, deverá ser vegetal e microscópica.

Tio Marcos levantou-se da mesa e disse:

— Por hoje chega. Amanhã continuaremos com o mesmo assunto. Boa noite.

— Tio Marcos, antes de o senhor sair, me responda uma perguntinha só. Qual é a estrela mais próxima da Terra? - perguntou Fernanda.

Tio Marcos respondeu:

— É claro que a estrela mais próxima da Terra é o Sol. Mas a segunda mais próxima é a estrela Alfa do Centauro. Essa estrela é a principal da Constelação do Centauro, no hemisfério sul. A estrela mais brilhante desta constelação é uma estrela múltipla, e uma das suas componentes é a estrela chamada Próxima do Centauro. É, de todas, a mais próxima do Sol. Sua luz leva quatro anos para atingi-lo. Para quem ainda não sabe, chama-se estrela múltipla o conjunto de estrelas muito próximas, ligadas gravitacionalmente entre si e que à vista desarmada parecem uma só. Também existem em Astronomia as estrelas binárias ou duplas. as quais estão ligadas entre si gravitacionalmente e a olho nu parecem ser uma única estrela.

3. O Universo III

— *Tio Marcos, existiriam no Universo sistemas solares iguais ao nosso? - perguntou Silvinho, que estava concluindo a 8ª série.*

Antes de 1838, ainda não se conhecia nenhuma distância interplanetária. O progresso no conhecimento das distâncias estelares foi lento até o emprego da fotografia telescópica. A observação fotográfica apresenta numerosas vantagens sobre as observações diretas, daí o seu largo emprego na Astronomia. A fotografia pode registrar definitivamente a imagem de um fenômeno para análise posterior. Além disso, no caso específico das nebulosas e dos aglomerados globulares, constituídos por milhares de estrelas, a objetiva fotográfica permite captar imagens que seriam muito fugazes para a sensibilidade do olho humano.

As variações de abertura das objetivas fotográficas são muito mais amplas que as da pupila. E a sensibilidade química dos filmes é muito mais rápida que a da retina. Em consequência das distâncias incomensuráveis, os débeis sinais de luz provenientes das nebulosas e dos aglomerados podem ser fotografados em frações de segundo, com uma exposição tão diminuta que, no mesmo tempo, o olho humano não veria nada.

A questão de saber se a nossa galáxia era todo o Universo ou se as nebulosas espiraladas eram longínquas galáxias, isoladas no espaço, foi resolvida pelo grande telescópio de 100 polegadas de Monte Wilson, que foi concluído na época da Primeira Guerra Mundial, em 1918. Hoje sabemos que a nossa galáxia é apenas uma entre muitos milhões de outras galáxias existentes.

Atualmente os astrônomos pesquisam o Universo com um grande telescópio, o do Monte Palomar, com radiotelescópios, com satélites, com espectroscópios que permitem conhecer os elementos químicos existentes em estrelas situadas a distâncias inimagináveis, com raios laser e com telescópios colocados em órbita.

Em 1983, os norte-americanos puseram em órbita o telescópio orbital Iras e com ele descobriram planetas em redor da estrela Vega. A estrela Vega é duas vezes maior que o nosso sol e 65 vezes mais luminosa. É a quinta estrela mais brilhante do firmamento. Dista do

nosso sol 25 anos-luz. Pela primeira vez na História, foi confirmada a existência de outro sistema planetário, porque, até então, somente conhecíamos o nosso. Isso era previsto ou pressentido, mas somente agora, com a tecnologia dos satélites, foi possível saber que o Sol não constituía uma exceção. Essa descoberta trouxe novas luzes à ciência astronômica, pois abriu novas perspectivas para a compreensão do Universo e da existência de outras civilizações, tese ensinada pelo Sr. Racional.

Ensina o Racionalismo Cristão que, disseminados pelo Universo, existem mundos pertencentes a milhões de sistemas solares, tanto na nossa galáxia, denominada Via Láctea, como nas demais. Esses mundos dividem-se em cinco ordens, que abrigam espíritos de diferentes classes evolutivas, a saber:

1. *Mundos Materializados*, que comportam espíritos da 1ª à 5ª classes.

2. *Mundos Opacos*, que comportam espíritos da 6ª à 11ª classes.

3. *Mundos Brancos*, que comportam espíritos da 12ª à 17ª classes.

4. *Mundos Diáfanos*, que comportam espíritos da 18ª à 25ª classes.

5. *Mundos de Luz Puríssima*, que comportam espíritos da 26ª à 33ª classes.

Essas cinco ordens de mundos estão divididas em duas categorias: mundos-escolas e mundos de estágio.

Os mundos-escolas são de natureza idêntica à Terra. Neles encarnam espíritos da 1ª à 17ª classes, pertencentes aos mundos materializados, mundos opacos e mundos brancos.

Os espíritos que desencarnam e deixam a atmosfera da Terra, cada qual ascende ao mundo correspondente à sua classe, denominados também mundos de estágio ou mundos de luz, pois são neles que irão transmutar em luz espiritual as experiências vivenciadas e muitas vezes dolorosas da última encarnação. Nestes mundos não estagiam espíritos de graus diferentes. A Terra é um mundo-escola em que dezessete classes, da série de 33, promovem a sua evolução, partindo da 1ª e chegando à 17ª, em períodos que variam muito, de espírito para espírito, demandando no geral milhares de anos.

Para ascensão de uma classe a outra imediatamente superior, não existem privilégios nem proteção. O Princípio de Justiça fundamenta-se na Lei da Igualdade. Todos os espíritos têm que enfrentar idênticas dificuldades e chegar ao triunfo pelo próprio esforço. À medida que o

espírito evolui, vai-se tornando conhecedor das coisas do espaço sideral. Se na Terra há tanto o que aprender, muito mais ainda há no Universo.

Mas voltemos à Astronomia.

O diretor do radiotelescópio de Jodrel Bank, na Inglaterra, Sir Bernard Lovell, afirma que 1% das estrelas da nossa galáxia possui planetas com possibilidade de vida. O Museu do Ar e do Espaço Smithsonian de Washington avaliou que, somente na Via-Láctea, existem 500 milhões de mundos habitados. Provavelmente com humanidades iguais à nossa.

Em 1961, diversos cientistas se reuniram nos Estados Unidos e fizeram várias sugestões acerca dos meios pelos quais poderíamos tentar comunicações interplanetárias. Optaram por sinais de rádio, que deveriam ser enviados ao espaço, transmitidos por radiotelescópios ou por raios laser, codificados em linguagem matemática. Da mesma forma, se tais habitantes estiverem tentando comunicações com o nosso planeta, é de se esperar que o façam de maneira também matemática.

Vários outros radioastrônomos, de outros países, também estão tentando essa comunicação. Foram dirigidas gigantescas antenas parabólicas para as estrelas Tau Cita e Epsilon Eridani, na esperança de escutar-se algum sinal organizado.

A partir de 1972, a NASA lança na imensidão do espaço as sondas Pioneer 10 e 11 e Voyager 1 e 2, destinadas a sair do sistema solar, levando mensagens. As Pioneers levavam uma placa de alumínio gravada e as Voyagers, um disco com sinais conversíveis em sons e imagens, contendo informações sobre a espécie humana e sobre a nossa posição no Universo.

A placa das Pioneers mostra os planetas que compõem o nosso sistema solar, a trajetória e o formato da nave, as figuras de um homem e de uma mulher, bem como a representação de uma molécula de carbono, base da vida biológica existente na Terra. Também foram desenhadas coordenadas que indicam a posição de catorze fontes especiais de energia de rádio, chamadas Pulsar, para localização do nosso sistema solar.

Em 1983, a Pioneer 10 saiu dos limites do Sistema Solar, cruzando a órbita de Netuno, e atualmente ruma para o infinito. Daqui a 100 milhões de anos, a Pioneer 10 poderá manter-se exatamente como foi lançada, até quando já não houver mais vida na Terra.

Nós já vimos em uma aula anterior que, desde 1975, a evolução da Astronáutica possibilitou a pesquisa do planeta Marte. Contudo, ainda não foi constatada a existência ou não de vida orgânica neste planeta. Com essa finalidade, em 1975, a NASA, através do Projeto Viking, lançou duas sondas Mariner, rumo ao planeta Marte. O professor Harold Kleim, chefe da equipe biológica do Projeto Viking, comentou que a hipótese de vida aceita pela maioria dos cientistas contemporâneos é de que a vida teria surgido na Terra, há bilhões de anos, quando as condições ambientais foram propícias à criação de moléculas orgânicas, mediante a combinação de elementos químicos. Até certo ponto, algo semelhante deveria ter ocorrido em Marte, porque o planeta possui o mesmo tipo básico de atmosfera, os mesmos elementos químicos e sempre recebeu a mesma quantidade de energia solar que a Terra. Portanto, segundo o mesmo cientista, a vida seria um acidente, resultado fortuito de certas condições químicas, cuja lei, por sua vez, aplica-se à evolução dos seres. Desta forma, a vida seria um acaso, resultado de combinações químicas, sendo as células formadas por cadeias moleculares de carbono.

Na Terra, através de evolução química, foram criadas moléculas orgânicas mediante combinações de elementos químicos existentes, após bilhões de anos, quando as condições ambientais foram propícias, tais como elementos químicos, atmosfera e energia solar.

No solo da Terra, existem grandes quantidades de seres vivos microscópicos. Uma pequena colher de solo contém cerca de 5 bilhões de bactérias, 20 milhões de fungos filamentosos e 1 milhão de protozoários. Muitas dessas espécies são anaeróbicas, isto é, vivem sem oxigênio. Portanto, se as pesquisas das naves Mariner do Projeto Viking demonstrarem que nunca houve microorganismos vivos em Marte, será necessário reformular as teorias atuais sobre a origem da vida na Terra e sua evolução.

As naves Mariner pousaram na superfície de Marte, colheram amostras do solo, analisaram e demonstraram que nunca houve vida orgânica em Marte, apesar de o planeta apresentar quase as mesmas condições existentes na Terra. E agora? Como explicar a vida no planeta Terra?

Em 1992, dezessete anos após o lançamento das sondas Mariner, a NASA voltou a pesquisar o planeta Marte, lançando a sonda Mars, com a missão de observar e ficar durante dois anos estudando-o.

Primeiramente fez um levantamento cartográfico do planeta. Em seguida pesquisou a composição dos minerais e outras substâncias do planeta, do seu campo gravitacional e novamente tentou detectar sinais de vida orgânica.

O Sr. Racional ensina que o Universo, considerado em si mesmo, é todo movimento e ação. Prega que o Universo é composto de Força e Matéria, e que a vida é a ação permanente da Força sobre a Matéria. A Força mantém o Universo regido por leis comuns, naturais e imutáveis. A Força, agindo em obediência às leis evolutivas, utiliza-se da matéria, no estado primário desta, e com ela forma corpos e realiza fenômenos incontáveis e indescritíveis, que escapam à apreciação comum.

A Força, utilizando-se da Matéria, começa a sua evolução na estrutura do átomo, passando depois à composição das moléculas, e em seguida a uma nova ordem de ação construtiva. Em todo o constante agregar e desagregar dos corpos, a intensidade da Força vai aumentando, nesses núcleos infinitesimais, com maior acentuação das vibrações da vida, fazendo progredir o seu grau de inteligência.

Completado o ciclo iniciado no primeiro dos três grandes reinos da natureza — o mineral — de onde ascenderão para o vegetal e depois para o animal, passam esses núcleos de Força a constituírem-se em microorganismos, de ínfima espécie. Desses microorganismos, partindo da espécie mais simples, empreende a partícula de Força a sua evolução através de outras espécies e de outros organismos de maior desenvolvimento, atingindo sempre formas mais elevadas.

Da explicação acima, deduzimos que as partículas de Força, já individualizadas e pertencentes ao planeta Marte, estão fazendo a sua evolução no reino mineral, como nós já o fizemos aqui na Terra. Portanto, lá não existe, ainda, vida orgânica. Talvez, possa existir alguma condição que impossibilite a existência de vida em reinos superiores.

— *Tio Marcos, o que é o Universo de Einstein? -perguntou Marquinho que estava na 1ª série do 2º grau.*

Vou tentar explicar, pois, para bem se entender a Física do Dr. Einstein, são necessários conhecimentos superiores de Química e de Matemática, ensinados nos cursos universitários. Para vocês entenderem, vamos primeiro falar sobre a matéria, depois eu chegarei lá.

O professor e cientista americano E. Russel Hardwick dá a seguinte explicação sobre a natureza da matéria: “A idéia de que todos os materiais são constituídos de partículas individuais tão pequenas que não podem ser vistas com os instrumentos que possuímos até agora é chamada Teoria Atômica. Esse modelo tem o nome de teoria, porque tecnicamente ninguém jamais viu átomos ou moléculas; entretanto, a instrumentação moderna tem mostrado a existência de partículas de matéria de modo tão convincente e de tantas maneiras que os químicos não hesitam em usar essa teoria como a pedra fundamental de seu estudo.”

Em 1808 um químico inglês chamado John Dalton propôs um modelo explicativo a respeito da natureza dos materiais, o qual recebeu o nome de Teoria Atômica. Três anos depois, essa teoria ganhou uma valiosa colaboração feita pelo químico italiano Amadeo Avogadro. Ao conjunto das idéias de Dalton e Avogadro, deu-se o nome de Teoria Atômica Clássica, que apresenta os seguintes pontos básicos:

1. As substâncias químicas são formadas de pequenas partículas chamadas moléculas. A molécula é a menor porção de uma substância.

2. As moléculas são constituídas por partículas ainda menores chamadas átomos. Cada molécula é, portanto, constituída por dois ou mais átomos que se mantêm unidos por forças de atração.

3. As moléculas podem ser divididas nas transformações químicas; os átomos são indivisíveis e indestrutíveis pelos processos químicos conhecidos.

O átomo, revelado pelo inglês Dalton, em 1810, foi aceito durante quase um século, como unidade indivisível da matéria. Mas, em fins do século XIX e começo do XX, dois compatriotas de Dalton, Thomson e Rutherford, conseguem despedaçar o átomo. Derrubam, então, a teoria da indivisibilidade do átomo.

Rutherford, em 1911, representou o átomo como se fosse um sistema planetário. Nessa representação, o átomo é formado por um núcleo central, que contém a quase totalidade da sua massa, bem como uma carga elétrica positiva. Esse núcleo é envolvido por uma nuvem de elétrons, com uma carga elétrica total negativa, oposta à carga do núcleo.

O núcleo é formado por dois tipos de partículas: os prótons e os nêutrons. O número de prótons existentes no núcleo é o que caracteriza um elemento. Por exemplo: o hidrogênio tem número atômico igual a 1

porque o seu núcleo é constituído por um único próton. Já o urânio tem um núcleo constituído por 92 prótons, portanto o seu número atômico é 92.

Em torno do núcleo, como já dissemos, gravitam os elétrons que possuem movimento comparável ao dos planetas em torno do Sol.

Na Antigüidade, 460 a.C., os filósofos Leucipo e Demócrito postulavam que a matéria era formada de átomos, infinitos em número, indestrutíveis, indivisíveis e que se agrupavam em combinações causais e por processos mecânicos. Demócrito dizia que a própria alma, apesar de ser considerada o Princípio Vital, também era composta de átomos.

— *Tio Marcos - interrompeu Marquinho, o senhor acabou de comparar um átomo com um sistema planetário; então, eu gostaria de saber: quanto às distâncias existentes entre as partículas atômicas, serão elas, comparativamente, tão grandes quanto as distâncias estelares medidas com a unidade de comprimento ano-luz?*

Para vocês terem uma idéia das grandezas que envolvem as partículas constituintes de um átomo, imaginem que o núcleo seja do tamanho de uma laranja. O elétron seria do tamanho da cabeça de um alfinete, girando em torno desse núcleo, a um quilômetro de distância. Esse espaço existente entre a laranja e a cabeça de alfinete, isto é, entre o núcleo e o elétron, é preenchido por alguma coisa?

Há uma hipótese que diz ser esse espaço ocupado pelo éter. Segundo os sábios antigos, o éter seria um fluido que encheria todos os espaços, porque esses espaços, mesmo os espaços interplanetários, transmitem a luz, o calor, as ondas de rádio e outras ondas eletromagnéticas, tais como os raios gama, os raios X, os raios ultravioletas e todas as ondas radioelétricas, as quais se propagam no vácuo com a velocidade de 300 mil km/s.

Algumas escolas espiritualistas do Oriente afirmam que, no espaço ocupado pelo éter, estão contidos vários universos espirituais, interpenetrados entre si, e todos interpenetrando o nosso universo material. Explicam isto da seguinte forma: suponhamos um balde cheio de pedras redondas de rio. Esse balde cheio de pedras de rio representaria o nosso universo material, onde tudo é constituído por moléculas grandes. Se despejarmos, dentro desse balde cheio de pedras, areia fina, esta areia penetrará por entre as pedras, ocupando os espaços existentes entre elas. Esta imagem representaria um segundo universo

astral, o qual, composto por moléculas menores, constituiria um segundo universo, existindo interpenetrado no nosso universo material. É nessa região do segundo universo astral, que o Sr. Racional denominou atmosfera da Terra, que vivem os espíritos imperfeitos do Astral Inferior do planeta Terra. São espíritos que não sabem que desencarnaram e que desejam ardentemente satisfazer os seus desejos materiais, o que só é possível com um corpo físico.

Mas, continuando, o balde, que já contém pedras redondas e areia, pode-se ainda enchê-lo com água. Essa água representaria um terceiro universo astral, mais diáfano que o segundo. Ainda no balde, contendo pedras, areia e água, poderíamos, com uma técnica especial, introduzir gás nessa água, o qual ocuparia os espaços intermoleculares da água. Esse gás representaria um quarto universo astral, interpenetrando os três primeiros. E assim sucessivamente.

Portanto, com essa explicação, torna-se compreensível a hipótese de existirem no planeta Terra duas humanidades, uma encarnada e outra desencarnada, esta acreditando possuir um corpo material, há muito desagregado, decomposto. Isto porque tais espíritos desconhecem a sua composição astral e física. Quando encarnados, perderam tempo acreditando nas lendas religiosas. Muitos não sabem que morreram. Pensam que ainda são o corpo físico. Desencarnados, continuam morando nas próprias casas, querendo satisfazer as suas necessidades materiais e manter os seus costumes, ou permanecem junto das pessoas encarnadas que amavam, querendo ajudar, ou junto de desafetos, unidos pelo ódio, ou ainda atraídos por pensamentos afins. Sabem que algo estranho aconteceu com eles. Procuram conversar, mas ninguém os ouve. Também não escutam com nitidez o que as pessoas conversam. Outros, fixos num pensamento de ódio, perdem a capacidade de manter o seu corpo astral com a forma que possuíam e transformam-se em bolas pretas, do tamanho de uma cabeça humana, aderindo aos seus desafetos, sugando-lhe as energias anímicas e contaminando-os com seus fluidos doentios, constituindo quadros obsessivos constrangedores. Daí a necessidade de aprendermos a pensar com elevação, com moralidade, pois os pensamentos indisciplinados, materializados, atraem essas criaturas que infestam a atmosfera da Terra.

Mas voltemos à nossa aula de Química: a Física constatou ser o éter um meio hipotético. Portanto, não existe, e a estrutura clássica do átomo proposto por Rutherford, representando o átomo como se fosse

um sistema planetário, mais tarde foi modificada pelos estudos do físico alemão Max Planck (1858-1947), para poder explicar as leis da radiação corpuscular, isto é, da energia emitida por uma fonte, sob a forma de partículas subatômicas como elétrons, nêutrons etc. Max Planck considerou a descontinuidade da energia e formulou em 1900 a Teoria dos Quanta. Essa teoria modifica a hipótese da estrutura do átomo e considera as novas partículas constituintes do átomo, descobertas no início desse século XX, tais como pósitrons, mésonos, nêutrons, dêuterons, partículas alfa, beta, lambda, sigma, ômega, os mésons pi e K, o fóton e as respectivas antipartículas.

Se vocês estivessem mais adiantados nos estudos, nós poderíamos falar em antimatéria. Só para vocês não desconhecem o assunto, podemos dizer que é um átomo ou matéria constituída pelas antipartículas do próton, do nêutron, do elétron etc. Um átomo de antimatéria, em contato com o seu análogo material, levaria ao aniquilamento dos dois com as transformações destes em neutrinos e radiações gama.

Na Teoria dos Quanta, os elétrons passam a ter duplo aspecto: ora partículas, ora ondas. A matéria, pois, pode ser representada por equações de ondas, compondo a Mecânica Ondulatória. Desta forma, o elétron clássico, esférico, foi reduzido a uma carga ondulante de energia elétrica, e o átomo passou a ser tratado como um sistema de ondas superpostas.

Esses conhecimentos levaram ao surgimento da Física Nuclear, à desintegração do átomo e ao surgimento da energia atômica e também à transmutação dos elementos, isto é, a transformação de um elemento químico em outro, o velho sonho dos alquimistas da Idade Média, que queriam transmutar os metais vis em ouro e prata. Via processos atômicos, é possível realizar essas transmutações; contudo é muito caro, é antieconômico fabricar ouro. Da mesma forma que tirar ouro da água do mar sai muito caro, apesar da existência de grande quantidade de metal nessas águas, também produzir ouro via transmutação atômica sai caríssimo. É muito mais barato continuar com a exploração das minas.

— *Tio Marcos, o que é buraco negro? - perguntou Boris.*

— *Na aula de ontem eu falei sobre esse assunto superficialmente. Vou esclarecer melhor.*

Em 1669, Newton formulou uma teoria física, afirmando que a luz era composta por partículas. Em 1900, surgiu a Teoria dos Quanta de Planck, que dizia que a luz se formava em ondas. Sabemos hoje que essas duas teorias estão corretas. Pela dualidade onda-partícula da Mecânica Quântica, a luz tanto pode ser considerada onda como partícula.

A luz, sendo composta por partículas, é afetada pela gravidade como qualquer corpo, como as pedras, os projéteis de artilharia e os planetas o são.

Albert Michelson recebeu o Prêmio Nobel de Física, em 1907, por ter medido a velocidade da luz. Após muitos anos de observação, provou que a luz se propaga em velocidade constante, a 300 mil km/s.

Numa estrela, quando o seu combustível nuclear se esgota, sua temperatura diminui. Um processo de esfriamento ocorre, e é seguido de uma constante contração. Ora, contraindo-se, a estrela experimenta um novo aquecimento temporário que, sem provocar temperaturas altas o bastante para reacender a fornalha atômica, é suficiente para fazê-la brilhar. Esse brilho, contudo, é efêmero; a estrela continua a contrair-se até atingir uma situação crítica, a partir da qual ocorre uma catástrofe gravitacional inevitável. Se comparada com as suas dimensões originais, ela torna-se um minúsculo ponto, porém, com elevadíssima densidade, correspondente à concentração de grande quantidade de matéria, em uma porção restrita do espaço. Desta forma, origina-se um campo gravitacional tão intenso que mesmo a luz emitida pela estrela em questão não consegue abandoná-la.

Repetindo: uma estrela com massa compacta pode possuir um campo gravitacional tão forte que a luz não lhe pode escapar. Qualquer luz, emitida pela superfície dessa estrela, seria puxada de volta, por sua atração gravitacional. Existe um grande número de estrelas nessa situação. Ainda que não fôssemos capazes de vê-las, porque a sua luz não nos atingiria, poderíamos sofrer sua atração gravitacional. Estes objetos são o que os cientistas chamam de buracos negros, porque é exatamente isso que eles são: vácuos escuros no espaço.

No Universo do Dr. Einstein, o buraco negro é uma região do espaço-tempo, intensamente curva, consistindo uma singularidade. Pode ser entendido como um estado que a matéria atinge, ao sofrer um colapso gravitacional, no qual nem a luz, a matéria ou qualquer outro tipo de sinal podem escapar. A velocidade mínima necessária para um

veículo escapar à ação de um buraco negro se aproximaria da velocidade da luz.

Nessa oportunidade, Serginho fez a seguinte pergunta a tio Marcos:

— Tio Marcos, eu sei que energia é a propriedade de um sistema que permite realizar um trabalho. Sei também que a energia pode ter várias formas: calorífica, cinética, elétrica, eletromagnética, mecânica, potencial e química. Sei também que a energia não pode ser criada, mas apenas transformada. O senhor, explicando os buracos negros, falou em combustível nuclear e em fornalha atômica, e eu não entendi. O senhor poderia explicar o que é energia atômica?

Lá no fogão a lenha da cozinha, a lenha queima, produzindo dois tipos de energia: a energia térmica para cozinhar alimentos e esquentar água e a energia radiante em forma de luz, o clarão do fogo. A energia atômica também produz calor, isto é, energia térmica e energia radiante em forma de luz e de radiação, como raios X muito poderosos. A radiação corpuscular é uma energia emitida por uma fonte sob a forma de partículas subatômicas, dotadas de elevada energia cinética, tais como elétrons, partículas alfa, beta, nêutrons etc. Essas partículas atravessam a maioria dos corpos que não deixam passar a luz.

A unidade de medida de exposição de uma radiação é o roentgen (r) em homenagem ao físico alemão Wilhelm Konrad Roentgen (1845-1923). Ele foi o descobridor do raio X, capaz de atravessar os corpos opacos e sensibilizar as chapas fotográficas. O raio X é muito usado na medicina e na indústria, nos processos e construções metalúrgicos.

As radiações são muito perigosas e podem produzir várias doenças de acordo com as doses a que se expôs o indivíduo. As radiações ou radiatividade são perigosas porque os nossos sentidos não permitem percebê-las. Os danos podem se manifestar nas pessoas atingidas ou em seus descendentes.

Quando as radiações são muito intensas, surgem efeitos imediatos. Doses superiores a 3000 r destroem, em poucas horas, as células nervosas do sistema nervoso central. As radiações com intensidades além de 1000 r desintegram em poucos dias as células intestinais. Para doses maiores que 300 r ocorre, depois de alguns meses, a morte da medula, ocasião em que as células do sangue perdem a capacidade de se reproduzir. Doses inferiores a 300 r não causam, em geral, a morte do

indivíduo. Entretanto, além de eventuais lesões localizadas na epiderme, há um acentuado aumento de incidência de tumores malignos, leucemia etc. A manipulação imprudente de materiais radioativos já causou muitas vítimas. Talvez a perda mais famosa tenha sido a de Marie Curie (1867-1934), morta em consequência da prolongada exposição às radiações do elemento rádio. Até então, não era bem conhecida a natureza das radiações, nem o fato de serem nocivas aos organismos vivos.

Para se detectar a radioatividade, usa-se um aparelho chamado contador geiger, que é um dispositivo capaz de produzir um impulso elétrico e um som como se fosse de fritura, cada vez que for atravessado por uma partícula que lhe forneça certa quantidade de energia.

Como eu estava dizendo, lá no fogão, para provocar o fogo é preciso que haja muito oxigênio para queimar a madeira. Contudo, há certas substâncias que queimam de maneira diferente. Elas desprendem energia por si mesmas. Possuem uma radioatividade natural. Elas desprendem energia sem auxílio exterior. Duas dessas substâncias são o rádio (Ra88) e o urânio (U92). Os átomos desses materiais não se comportam como os dos outros elementos. Muitas vezes, deles desprendem-se partículas atômicas, por si só, produzindo radiações, luminosidade e calor. Muitos relógios têm mostradores cujos números brilham na obscuridade. Isso também ocorre com certos interruptores de luz e nos tubos de televisão. Quando vocês estudarem fotoquímica compreenderão por que isso ocorre.

De um pedaço de urânio, os átomos vão se partindo, uns após os outros, não muito depressa, seqüencialmente, e a energia atômica vai se libertando, em pequena quantidade, porque essa reação é natural e lenta. Para aproveitar essa energia, os físicos conseguiram controlar a velocidade com que ela se produz. Inicialmente utilizaram essa energia para fins bélicos.

Em 1945, nos Estados Unidos, cientistas obtiveram a fissão do átomo, bombardeando com um feixe de nêutrons núcleos de urânio 235, produzindo uma espantosa e mortífera explosão. Nascia a bomba atômica. A explosão atômica produz intensa luminosidade que cega, ondas de calor que tudo vaporizam, um tufão devastador de 400 km/h e radiações mortais até a uma distância de 3 km do ponto em que ocorreu a explosão.

Uma bomba atômica com uma potência de um mégaton libera energia suficiente para ferver instantaneamente 10 mil toneladas de água. Essa é uma bomba modesta. Os arsenais das grandes potências possuem bombas de 50 a 100 mégatons.

A energia atômica está também sendo usada para fins pacíficos. Os cientistas desenvolveram reatores atômicos para ferver água em caldeiras e produzir vapor para movimentar navios, submarinos, acionar turbinas na indústria produzindo energia mecânica (cinética) para movimentar bombas hidráulicas, geradores elétricos etc.

Também aprenderam a usar a radiação como remédio. Por exemplo: as bombas de cobalto 60 e de césio são usadas como fontes radioativas para tratamentos radioterápicos, principalmente de tumores cancerígenos.

Agora, respondo à pergunta do Marquinho sobre o Universo do Dr. Einstein. Em 1905, aplicando a Teoria dos Quanta, Albert Einstein (1879-1955) formulou a Teoria da Relatividade. Einstein propôs que todas as formas de energia radiante, luz, calor, raios X, também se propagam através do espaço, em quanta separados e descontínuos. Imaginou que a luz se compunha de partículas ou grãos individuais de energia: os fótons. Einstein, com a sua teoria, derrubou a estrutura da física tradicional, e a sua fórmula $E = mc^2$, onde: E = energia em ergs, m = massa do corpo em gramas e c = velocidade da luz por segundo, desempenhou papel fundamental no desenvolvimento da bomba atômica.

A energia liberada na explosão de uma bomba atômica é determinada pela equação da energia acima mencionada. A bomba atômica deriva da Teoria da Relatividade e com essa bomba foram destruídas as cidades japonesas de Hiroshima, no dia 6 de agosto de 1945, e Nagasaki, em 9 de agosto do mesmo ano.

Einstein também demonstrou que o espaço e o tempo não são absolutos. São relativos ao observador. Ele procurou demonstrar que não vivemos num universo de três dimensões: largura, comprimento e altura, como demonstrava a geometria clássica de Euclides, mas, sim, num universo de quatro dimensões, constituído pelo Espaço mais a quarta dimensão, o Tempo. O Espaço e o Tempo, quando tomados separadamente, são abstrações da mente humana; porém, na realidade exprimem uma só unidade. Aparecem sempre juntos.

Agora vou descrever uma parte do Universo de Einstein, que a grande maioria das pessoas não entende por falta de conhecimentos. É a seguinte: o Espaço parece ser nada, mas pode ser um meio de força. O ímã atrai o ferro e a Terra atrai a Lua, através do espaço vazio; a luz é certa modificação nesse espaço; as partículas atômicas, elétrons e prótons parecem nada mais ser do que o espaço em estado de tensão. Toda energia tem inércia e sofre conseqüentemente a atração de outras energias e de outros corpos. Segue-se que toda emissão de energia sofre desvios na sua rota, em conseqüência da inércia quântica que se submete à Lei de Atração Universal. Assim o próprio raio luminoso fica impossibilitado de seguir em linha reta e é obrigado a encurvar-se. Daí resulta que o Universo é curvo e, portanto, finito.

Apesar de o Universo de Einstein ser curvo e finito, ele é bastante grande para conter milhões de galáxias, cada uma das quais compostas por centenas de milhões de estrelas em fogo, com temperaturas de milhões de graus centígrados, calor esse originado por reações termonucleares, cujo combustível atômico é o hidrogênio. Esse universo contém, também, quantidades incalculáveis de gases rarefeitos, planetas e asteróides de ferro e pedra e também muita poeira cósmica. Um raio de luz que se lance pelo espaço, com a velocidade de 300 mil km/s, descreverá nesse universo curvo um grande círculo cósmico, e retornará à sua fonte de origem, após uns 200 bilhões de anos terrestres.

No Universo de Einstein, temos duas realidades: Campo e Matéria. Campo representa a Energia e a Matéria representa a Massa. A Teoria da Relatividade acentua a importância do conceito de Campo em Física. Mas ela ainda não conseguiu enunciar uma física de campo pura. Em face dessa condição, admite ainda a existência de ambos: Campo e Matéria.

O Sr. Racional afirma que, no Universo, somente existem Força e Matéria. Na Força está contido o Campo, isto é, a Energia de Einstein e todas as leis que regem o Universo, a Inteligência e a Vida. Tudo com um único objetivo: evoluir. No livro *O Espírito Este Desconhecido*, o pesquisador francês Jean Charon, analisando a estrutura atômica e as moléculas constituídas por estes átomos, através dos seres vivos e corpos inanimados, conclui: “Existe um elemento inteligente que não é matéria, o qual é a causa de as células desses organismos vivos se movimentarem, se transformarem, atuando algo semelhante ao Espírito ou Alma”.

Desta forma, comprova a tese do Sr. Racional de que a Vida é a manifestação das Partículas Inteligentes, emanadas da Força, do Grande Foco em evolução, nos mundos materializados, onde a função da matéria é somente transformar-se.

Tio Marcos interrompeu porque o sono já estava batendo em todos.

—Amanhã continuaremos com o estudo da Evolução.

Boa noite. Durmam bem.

Os meninos foram para os seus quartos. Tio Marcos saiu e fechou a porta.

4. A Evolução I

Todos já haviam jantado e tomado café. Vô Mário comentou sobre 150 garrotes de dois anos, das raças gir e guzerá, que havia comprado em Presidente Prudente, SP, e que chegariam no dia seguinte.

Tio Marcos levantou-se e disse:

— Vamos continuar o nosso assunto. Hoje falaremos sobre a evolução cósmica.

Marquinho apanhou um lampião e subiu na frente para o quarto. Todos acomodados, tio Marcos começou ...

Os astrônomos e físicos, através de seus estudos, reconstituíram a origem e a seqüência das transformações dos seres que fazem parte do Cosmo. Essas modificações chamam-se evolução cósmica.

No planeta Terra, desde o início de sua existência, ocorreram lentas, porém contínuas, modificações no clima e na crosta terrestre. Ao conjunto destas modificações chamamos evolução geológica.

Até 190 milhões de anos atrás, os continentes estavam todos unidos, formando um único bloco de crosta terrestre, emergindo dos oceanos, chamado Pangéia.

Através dos deslocamentos das camadas internas da crosta terrestre, a Pangéia começou a partir-se, iniciando-se a separação dos blocos que gradualmente formaram os atuais continentes. É por isso que a costa leste do Brasil parece encaixar-se perfeitamente na costa oeste do continente africano.

Há cerca de 600 mil anos, ocorreu outra profunda alteração geológica na Terra: a Primeira Glaciação. Esse fenômeno exerceu ação sobre a superfície da Terra pelas geleiras, que eram grandes massas de gelo que se deslocavam. Durante a glaciação a queda de neve é maior que o degelo. A Primeira Glaciação durou 60 mil anos. Neste período houve grandes alterações no clima, pois áreas imensas ficaram totalmente cobertas por grossas camadas de gelo. A Terra, desde então, já passou por quatro períodos glaciários.

Os intervalos de tempo entre os períodos glaciários são chamados períodos interglaciários. Atualmente a Terra passa por um período interglaciário.

Os seres vivos que conhecemos hoje derivam de seres unicelulares ancestrais, que surgiram há bilhões de anos. À medida que esses seres foram se reproduzindo, também foram se transformando, dando origem aos mais diferentes corpos. Os seres vivos que conhecemos hoje resultam dessa diversificação de corpos que ocorreu ao longo de bilhões de anos de reprodução.

Às transformações dos corpos dos seres vivos através do tempo chamamos evolução biológica.

No estudo da evolução geológica e biológica, o tempo de existência da Terra foi dividido em eras. Chama-se era geológica cada uma das quatro grandes divisões da história da Terra, a saber:

1. *Pré-cambriana*: existente há mais de 600 milhões de anos.
2. *Paleozóica*: de 600 a 230 milhões de anos atrás.
3. *Mesozóica*: de 230 a 65 milhões de anos atrás.
4. *Cenozóica*: de 65 milhões de anos até hoje.

As pesquisas sobre a formação das rochas terrestres e as suas transformações permitiram encontrar inúmeros fósseis de plantas e animais. Assim, ao mesmo tempo que se identificaram as épocas em que as atuais rochas se formaram, foi também possível identificar as épocas em que viveram os animais e os vegetais que constituem os fósseis nelas encontrados.

Na Cordilheira dos Alpes foram encontrados inúmeros fósseis de conchas de animais marinhos. Isso significa que o material que hoje forma as rochas dos Alpes, em determinada época, fazia parte do fundo de algum mar. Assim, os cientistas, pesquisando a idade das rochas e estudando os fósseis nelas encontrados, conseguiram reconstruir a evolução geológica da Terra e a evolução dos seres vivos.

Silvinho, muito interessado, perguntou:

— Tio Marcos, o que são fósseis?

Fósseis são restos de corpos de seres vivos, animais ou vegetais que habitaram o planeta no passado. Recobertos por camadas sucessivas de terra, através dos tempos, foram se petrificando e, assim, se conservaram sem perder certas características essenciais.

Os mais antigos fósseis que se conhecem são de bactérias e datam de 3,5 bilhões de anos.

Acredita-se que se trata de bactérias anaeróbicas, isto é, podiam viver sem ar ou sem oxigênio livre, pois a Terra, nessa época, era desprovida de oxigênio.

Há muitos peixes fossilizados, recobertos por sedimentos. Com o tempo seus ossos ficaram impregnados de minerais. Esses ossos, submetidos à pressão de várias camadas de sedimentos do solo, foram mineralizando-se, e formaram fósseis, muitos dos quais fundidos nas rochas terrestres.

Para entendermos melhor a evolução, é necessário ainda que conheçamos o seguinte sobre a constituição do nosso planeta: a Terra hoje se encontra composta por materiais sólidos, líquidos e gasosos, dispostos em camadas. Essas camadas, partindo do centro do planeta, são as seguintes:

1. *Núcleo central*: constituído por minerais de níquel e ferro, em estado de fusão, devido às altas temperaturas internas existentes.

2. *Mesosfera*: envolvendo o núcleo central, é constituída predominantemente de silício, ferro e magnésio.

3. *Sima*: encontra-se logo acima da mesosfera, constituído por rochas pesadas, compostas em grande parte por silício e magnésio.

4. *Litosfera*: sobrepõe-se ao sima, onde os materiais predominantes são o silício e o alumínio. Sua espessura média é de 60km. Ela constitui a camada sólida externa do planeta que envolve as demais e por sua vez é envolvida pela atmosfera. Na litosfera se dispõem as águas de superfície, que constituem a hidrosfera.

A atmosfera possui aproximadamente 1000km de altura e é formada por gases diversos. De 40 a 400km de altura, existe na atmosfera uma região altamente ionizada chamada ionosfera. A seguir vem a magnetosfera atingindo 130 mil km de altura, região em que a taxa de ionização é quase nula.

A hidrosfera é formada pelas águas da natureza, as quais são sempre as mesmas. A água muda constantemente de lugar. Esse passeio que ela dá pela natureza chama-se ciclo das águas. O ciclo das águas é movido pela energia solar. As águas dos oceanos, lagos e rios, do solo e dos corpos vivos evaporam graças à atuação da energia do sol e retornam, caindo sobre a Terra na forma de chuva espalhada pelo vento.

Cerca de metade da energia do sol é refletida pelas nuvens e pelo pó da atmosfera, não alcançando a superfície terrestre.

Parte da energia solar que incide sobre a superfície terrestre volta à atmosfera na forma de calor. Outra parte é consumida na evaporação da água. Outra parte ainda é absorvida pelo solo e aproximadamente de 1 % a 2% são consumidos pelos vegetais no processo da fotossíntese. Calcula-se que anualmente são formadas cerca de 200 mil toneladas de proteínas, açúcares, gorduras e vitaminas pelas plantas do planeta Terra, graças à energia solar.

As plantas são seres autotróficos, isto é, alimentam-se de seres não vivos: gases do ar, água, nutrientes e micronutrientes minerais do solo.

A energia solar é transferida aos animais, via plantas e via algas unicelulares, por meio da fotossíntese. A energia radiante do sol é transformada pela fotossíntese em energia química acumulada nos seguintes sistemas das plantas, que vão alimentar os animais herbívoros:

1. *Sistema radicular*: parte subterrânea, não verde, formada pelas raízes.

2. *Sistema foliar*: parte aérea clorofiliana, verde, formada pelo caule principal, galhos e folhas.

3. *Sistema reprodutor*: formado pelas flores, frutos e sementes.

Nos vegetais, ressaltamos a importância da clorofila, aquele pigmento verde das folhas. É a clorofila que absorve a energia luminosa e que assegura a primeira fase da seqüência complexa de transformações que constituem a fotossíntese, isto é, como já dissemos, a transformação da energia radiante do sol em energia química.

Também existem alguns espécimes vegetais carnívoros, que capturam pequenos insetos, por meio de variados dispositivos, e realizam a digestão mediante a produção de um suco digestivo. Esses vegetais, apesar de carnívoros, possuem raízes e também absorvem alimentos do solo.

— *Tio Marcos, o que é célula? O senhor vem se referindo a essa palavra, mas eu não sei o que seja!* - perguntou Fernanda, que estava na sétima série.

— *Vou explicar-lhes. Prestem atenção!* - respondeu tio Marcos.

Células são as unidades que formam os seres vivos. Ela é uma partícula inteligente, ainda muito rudimentar, em evolução, formando os corpos dos reinos vegetal e animal. São como os tijolos que formam uma parede. Os seres vivos podem ser unicelulares, compostos por uma

única célula, ou pluricelulares, compostos por mais de uma célula. As plantas e os animais são pluricelulares. Os micróbios são unicelulares.

O vírus é um microorganismo que se desenvolve unicamente dentro das células vivas. Portanto, é bem menor que a célula que o hospeda. Os vírus são partículas compostas por ácido nucléico protegidas por uma capa de material protéico.

Para vocês entenderem o que seja uma célula, imaginem um ovo de galinha, quebrado e despejado numa frigideira, antes de ir para o fogo. A clara seria o citoplasma e a gema, o núcleo. O citoplasma e o núcleo são cobertos por uma membrana chamada membrana do citoplasma. É no núcleo que encontramos os cromossomos. O cromossomo é a memória genética. É constituído por um conjunto de moléculas de uma substância chamada DNA e tem o formato de filamentos enrolados em espiral. É no cromossomo que encontramos partículas chamadas genes. Os genes são unidades hereditárias. Encerram os caracteres biológicos do ser e determinam as características de um indivíduo.

Sabemos que o corpo humano é formado por ossos, pele, sangue, coração, fígado, músculos e vários outros órgãos.

Qualquer uma dessas partes do corpo humano é formada por grande quantidade de pequenas partículas chamadas células, as quais são de diferentes tipos e tamanhos, de conformidade com os órgãos que constituem. Acredita-se que o corpo de uma pessoa adulta tenha aproximadamente 60 trilhões de células.

Uma célula é a menor unidade de matéria viva que pode existir de maneira independente e ser capaz de reproduzir-se.

Como todos os seres vivos, as células assimilam, crescem e se multiplicam. As células do óvulo humano fecundado, após o oitavo dia multiplicam-se ordenadamente, primeiramente dando origem às células da mucosa intestinal do feto, depois às células do revestimento cutâneo, em seguida do sistema nervoso central. No fim da segunda semana, certas células se modificam, dando origem ao esqueleto, aos músculos, aos órgãos geniturinários e do sistema cardiovascular, tal qual como se obedecesse a uma matriz, construindo, células diferentes para cada órgão e para os sistemas do corpo em formação.

A Ciência Espírita afirma que essa matriz é o corpo astral do espírito reencarnante, que age presidindo a formação das células e distribuindo-as, obedecendo às leis naturais e imutáveis.

A reprodução das células se faz por divisão. Elas são capazes de se dividir dando origem a duas outras exatamente iguais. Esse fenômeno, que se chama mitose, é um processo complexo.

É o núcleo que regula o momento em que a célula se divide, e a primeira modificação acontece quando o núcleo duplica o número de cromossomos: formam-se 92 cromossomos ou 46 pares. Essa duplicação é indispensável para que cada nova célula tenha 46 cromossomos iguais aos da célula-mãe. Após a duplicação, 46 pares de cromossomos dispõem-se no centro da célula que vai se formar e rompem a membrana do núcleo da célula-mãe, separam-se, e termina o processo formando-se a membrana da nova célula.

Em nosso corpo existem células que nunca entram em mitose como, por exemplo, as células chamadas neurônios, do sistema nervoso.

Existem, também, células que se dividem rapidamente. Por exemplo: as células que revestem o nosso intestino renovam-se a cada dois dias. E as células da nossa pele renovam-se a cada vinte dias, aproximadamente.

Quando cortamos a nossa pele, por algum ferimento, passado certo tempo, a pele volta ao normal. O que aconteceu? Na região do corte, as células da pele ficaram sem contato com as outras, então começaram a se dividir, criando células iguais, e o tecido da pele foi reconstituído.

Conforme estávamos dizendo, as células das plantas possuem a capacidade de transformar a energia do sol em energia celular. As moléculas de clorofila têm a propriedade de guardar a energia do sol e as células vegetais são capazes de utilizar essa energia para transformar moléculas de gás carbônico e água em moléculas de glicose.

Esse processo, em outras palavras, transforma a energia solar em energia química, via clorofila, cuja energia fica armazenada nas moléculas de glicose.

O oxigênio e a glicose são os combustíveis da vida. O nosso cérebro não funciona se não existirem no sangue glicose e oxigênio em quantidade suficiente. O cérebro e os músculos dos animais só funcionam se no sangue deles existir certa dosagem de oxigênio, obtida pela respiração, e de glicose, obtida pela alimentação.

A glicose fornece energia para as atividades do metabolismo celular e para a reprodução das células. Assim, as proteínas, gorduras e açúcares armazenam sempre um pouco de energia solar em suas moléculas.

Quando o animal herbívoro come as plantas, obtém substâncias nutrientes e ao mesmo tempo armazena energia solar através das moléculas de glicose. Estas são desmontadas durante a digestão e remontadas nas células que constituem os seus órgãos e músculos. A energia retirada da glicose é consumida pelos herbívoros no metabolismo de suas células, na produção de calor e nas atividades do próprio corpo, em seus movimentos, por exemplo.

Quando os animais herbívoros são devorados pelos animais carnívoros, as substâncias que formam o corpo dos herbívoros são transformadas em células nos carnívoros. Os carnívoros recebem a energia que os vegetais absorvem do sol, alimentando-se da carne dos animais herbívoros.

Quando uma planta ou animal morre, seus constituintes passam a integrar o corpo de outros seres vivos ou voltam a integrar o solo.

Todos os seres vivos são constituídos essencialmente de compostos contendo o elemento carbono.

Assim, a nave Terra, com todos os seus tripulantes vivos, possui corpos onde está presente o elemento químico carbono, formando moléculas de cadeias carbônicas, as quais constituem as células.

O carbono, incorporado pelas plantas e pelos animais, volta continuamente à atmosfera na forma de gás carbônico, através da respiração. E quando plantas e animais morrem, pela decomposição dos corpos, também há produção de gás carbônico.

Isto se processa da seguinte forma: os animais, que se alimentam das decomposições, insetos, microorganismos etc., alimentam-se de plantas e animais mortos, ocorrendo uma transformação química dos corpos sem vida, onde os compostos de carbono mudam, virando gás carbônico. Assim, a natureza forma uma cadeia alimentar em que o solo, a água, o ar e o sol possibilitam a criação de novos corpos de plantas e estas fornecem matéria e energia para a formação de novos corpos de animais, também dando continuidade ao ciclo do carbono.

Neste ponto da palestra, tio Marcos fez uma pequena interrupção, e nessa oportunidade Fernanda perguntou:

— Tio Marcos, quando, momentos atrás, o senhor falou em células, referiu-se aos caracteres biológicos do ser e eu não entendi.

Em 1809, Jean Baptiste Lamarck (1744-1829), publicou o livro *Filosofia Zoológica*, no qual expôs suas idéias sobre o fenômeno da

evolução. Seu principal argumento era o de que uma grande mudança no ambiente de qualquer espécie animal causaria uma alteração nas suas necessidades. Essas alterações implicariam a necessidade de a espécie se modificar e; conseqüentemente, formar novos hábitos. Com base nesse argumento, Lamarck anunciou duas leis, nas quais afirmava estar contida a essência da evolução e as alterações dos caracteres biológicos das espécies.

A 1ª Lei de Lamarck, ou a Lei do Uso e do Desuso, diz que, em qualquer animal que não ultrapassou o limite do seu desenvolvimento, o uso mais freqüente e contínuo de qualquer órgão gradualmente fortifica, desenvolve e aumenta esse órgão. Assim, o desuso permanente de qualquer órgão imperceptivelmente o enfraquece e o deteriora, diminuindo a sua capacidade funcional, até que ele finalmente desaparece.

A 2ª Lei de Lamarck, ou a Lei da Herança dos Caracteres Adquiridos, tem o seguinte enunciado: todas as aquisições ou perdas feitas pela natureza nos indivíduos, por intermédio da influência do uso predominante ou desuso permanente de qualquer órgão, são preservadas pela reprodução de novos indivíduos que surgem. Para serem preservadas, essas modificações devem ser comuns aos dois sexos ou, pelo menos, estar presentes nos indivíduos que produzem as crias.

Um exemplo citado por Lamarck para fortalecer sua teoria é o da girafa. Segundo ele, a girafa habitante de lugares com solo árido e estéril é obrigada a comer folhas das árvores, fazendo esforços constantes para alcançá-las. Desse hábito resultaria o fato de as patas dianteiras se tomarem mais longas e o pescoço se alongar. Essas características foram transmitidas aos descendentes que, por sua vez, também se esforçaram para alcançar os alimentos. Finalmente, teriam surgido as girafas atuais, que conseguem elevar a cabeça a uma altura de seis metros.

Lamarck referiu-se a muitos outros exemplos da natureza para reforçar a sua teoria. Para ele, os ancestrais das cobras teriam pernas, mas, quando se tornou necessário, esses animais começaram a rastejar pelo solo e, depois de longo tempo, pelo desuso das pernas e por atrapalharem o rastejar, elas desapareceram.

A explicação de Lamarck para a evolução, pelo uso e desuso, tem grande repercussão até hoje. Por ser intuitiva, existem pessoas que nela acreditam. Esse crédito é reforçado, muitas vezes, em razão de modificações que ocorrem nos indivíduos por mudanças nos seus

hábitos. Um bom exemplo é o caso do desenvolvimento dos músculos dos atletas pelo uso. Entretanto, a transmissão dos caracteres adquiridos, o aspecto mais importante da teoria de Lamarck, não pôde até hoje ser experimentalmente comprovada, apesar do grande número de experiências realizadas para testá-la. Uma dessas experiências foi feita cruzando-se um casal de camundongos cujas caudas foram cortadas. Os descendentes do cruzamento nasceram com caudas, que por sua vez eram cortadas. Esse procedimento foi repetido durante vinte gerações, mas os descendentes da vigésima primeira ainda apresentavam caudas tão longas quanto as dos camundongos originais.

Mais adiante, nas próximas aulas, veremos que os caracteres biológicos adquiridos numa vida pelas espécies não se transmitem simplesmente pela sucessão das gerações. Para explicar as transformações dos seres vivos no decorrer dos milênios, foi necessário primeiro aparecer a Teoria da Evolução de Darwin, depois a Teoria da Hereditariedade de August Weismann, para que finalmente o holandês De Vries, baseado nos estudos de Mendel, lançasse a Teoria das Mutações.

August Weismann, biólogo alemão (1834-1914), desenvolveu a Teoria da Hereditariedade, estabelecendo que a continuidade do plasma germinativo de uma geração a outra, independentemente dos tecidos não reprodutores do corpo de um animal, é o que dá uma base teórica à recusa da hereditariedade dos caracteres adquiridos.

Hugo De Vries, botânico holandês, redescobriu as leis de Mendel, contribuindo com numerosos trabalhos de genética e biometria e, sobretudo, com a introdução em ciência da noção de mutação, que é uma das bases das teorias modernas sobre a evolução das espécies.

— *Tio Marcos, o que é então a Teoria das Mutações? - perguntou Maria, com um ar muito interessado.*

— *A Teoria das Mutações estuda as modificações bruscas e hereditárias que aparecem nos seres vivos e que dão origem a uma nova variedade de seres.*

Tio Marcos fez um pequeno intervalo para tomar um copo d'água da moringa que as meninas tinham no quarto e depois prosseguiu.

Para sedimentarmos o que aprendemos até agora e para bem entendermos as nossas próximas aulas sobre a evolução, vamos

sintetizar os pontos mais importantes, à luz da Doutrina Racionalista Cristã.

Para a Inteligência Universal, para a Força, com relação ao Espaço-Tempo, somente existe um presente eterno.

Essa idéia não pode ser bem compreendida no planeta Terra, em virtude das nossas limitações mentais.

Assim, a velocidade da luz no vácuo, a qual pela Teoria da Relatividade é a velocidade máxima que um sinal portador de energia pode se propagar, que é de 300 mil km/s, não passa de uma expressão relativa, subordinada às condições do meio físico.

No universo espiritual, outros princípios, outras leis regem a vida. O Espírito, como força que é, poderá fazer-se presente, instantaneamente, em qualquer ponto do Universo, utilizando-se tão-somente do pensamento. Pensando-se num lugar, o nosso espírito estará instantaneamente naquele lugar, numa velocidade muitíssimas vezes superior à da luz, não tendo nem sentido falar-se em velocidade.

A vida é a ação permanente da Força sobre a Matéria.

Para explicar melhor esses postulados do Sr. Racional, vamos falar um pouco das descobertas do "pai" da Química: Lavoisier.

Antoine Laurent de Lavoisier (1743-1794) foi o criador da ciência química. Foi Lavoisier quem constatou ser o ar atmosférico composto por dois gases principais. Deu a um deles o nome de oxigênio, pois era essencial à respiração dos animais e à combustão. E ao outro deu o nome de azoto, modernamente chamado nitrogênio. Na composição do ar, a grosso modo, 1/6 é de oxigênio e 5/6 de nitrogênio. Lavoisier misturou pela primeira vez esses gases em laboratório e conseguiu o ar atmosférico.

Foi também Lavoisier quem, baseado em suas observações, chegou a uma generalização a respeito das transformações químicas, anunciando a Lei da Conservação da Massa, cujo enunciado é o seguinte: "Nas transformações químicas, nada se perde, tudo se transforma".

A Força age obedecendo às leis evolutivas e utiliza-se da Matéria constituída por 107 substâncias. A Força, com esses elementos, forma corpos, realiza fenômenos incontáveis e indescritíveis, que escapam à apreciação comum.

No Universo não há nada de novo. Pode-se dizer que nele está em vigência uma lei, semelhante à Lei da Conservação das Massas de

Lavoisier. As experiências têm demonstrado que em nenhuma circunstância se pode alterar a quantidade de matéria existente.

Tudo no Universo está criado e também nele nada se perde. Há, somente, transformações da Matéria e evolução da Força.

A Força, utilizando-se da Matéria, começa a sua evolução na estrutura do átomo, passando depois para a composição das moléculas, em uma nova ordem de ação constitutiva.

A Força, como Princípio Inteligente, começa a sua evolução individualizada no reino mineral, onde, durante todo o constante agregar e desagregar, a sua consciência individualizada vai aumentando, permitindo combinações químicas e realizando ligações estáveis de dois ou mais átomos, em proporções definidas, formando substâncias com propriedades físicas e químicas determinadas.

Atingindo determinada fase evolutiva, a composição de uma substância é sempre a mesma, qualquer que seja a sua procedência.

Portanto, deduz-se existir uma seqüência evolutiva nos minerais, pois existem vários elementos químicos distintos. Os átomos de substâncias diferentes são diferentes no tamanho, na massa, na constituição do seu núcleo e no seu comportamento químico.

Acredito que os elementos químicos eletropositivos, em geral sólidos, brilhantes, bons condutores de calor e de eletricidade, constituindo famílias de metais, são minerais bastante evoluídos.

Observemos os objetos metálicos que estão à nossa volta: parafusos, painéis, talheres, ferramentas, automóveis, aviões, estruturas, edifícios, pontes, tudo isso feito com metais. Alumínio, ferro, cobre, chumbo, estanho, zinco, cromo, níquel, ouro, prata, platina e mercúrio são apenas alguns das dezenas de metais que compõem a natureza e que pelas suas qualidades físicas possibilitam a sua utilização de acordo com as nossas necessidades, muitas vezes através de ligas especiais.

Há também os metais alcalinos terrosos, tais como cálcio, bário, estrôncio e o rádio.

Destacamos ainda os metais alcalinos: lítio, sódio, potássio, rubídio e célio.

Parece-nos que a evolução da Partícula Inteligente, passando pelo reino mineral, atinge o seu ápice no cristal, pois a sua geometria, estrutura e crescimento obedecem a leis definidas que regem a sua formação.

Durante o constante agregar e desagregar das moléculas no reino mineral, as Partículas Inteligentes, provenientes da Força, atingem a condição de manifestar vida, passando, então, sua evolução a realizar-se no reino vegetal.

Terminando a evolução no reino vegetal, onde a Partícula Inteligente desenvolve a sensação, passa para o reino animal, quando, então, incorporará, aos atributos já adquiridos nos dois reinos anteriores, a inteligência, iniciando a construção do seu corpo astral, através do pensamento contínuo.

Concluindo, podemos dizer que, no reino mineral, a Força em estado latente é o atributo fundamental, predominante. No reino vegetal, a Força e a vida são os atributos fundamentais. No reino animal, predominam a Força, a vida e a inteligência.

Portanto, a morte resulta de um entendimento completamente errado da vida. Na verdade a morte jamais existiu, pois nesse fenômeno natural chamado morte o corpo físico como matéria decompõe-se, transforma-se em elementos químicos, e o Espírito, terminando mais uma etapa evolutiva, não morre nunca. É imperecível, simplesmente retorna ao seu mundo de estágio.

— *Bom, por hoje é só. Amanhã tem mais. Boa noite - despediu-se tio Marcos.*

5. A Evolução II

Todos, sentados nos seus lugares, tinham acabado de tomar café servido por tia Zinha, quando Boris perguntou:

— Tio Marcos, por que vivemos?

— Você, Boris, foi muito oportuno com esta pergunta - respondeu tio Marcos -, pois justamente a resposta a esta sua pergunta constituirá o assunto de hoje. O que vou lhes transmitir foi-me ensinado pelo Sr. Racional que, sobre esse assunto, escreveu um capítulo especial no seu livro doutrinário Racionalismo Cristão, capítulo XI. Também fez várias conferências sobre este tema e escreveu artigos no jornal A Razão.

Tio Marcos, após pequena pausa, continuou ...

Nós vivemos para cumprir a Lei da Evolução. A Lei da Evolução é uma lei natural à qual estão sujeitos todos os seres pertencentes aos reinos mineral, vegetal e animal.

A evolução tem que ser realizada a qualquer custo e esta lei é indiferente se o ser quer ou não evoluir, porque a vida nos obriga a isto, coercitivamente, isto é, à força e não podemos anulá-la nem iludi-la.

O Sr. Racional ensinava que: “O princípio fundamental da Vida no Universo é a Evolução. Nela reside a base do entendimento de tudo quanto se passa dentro e fora do alcance intelectual humano. A Evolução faz-se sentir em tudo: na semente que brota para transformar-se em flor; na árvore que se agiganta e frutifica na trajetória de um ciclo; no ser humano que entra na escola analfabeto e sai de lá cientista; no desenvolvimento das artes, das letras, das ciências, da música; nas pesquisas, na indústria, no comércio, no transporte, nas cidades, nas invenções e nas utilidades sociais”.

Mas voltemos ao nosso assunto: há 2400 anos, na Grécia, o filósofo Aristóteles já refletia sobre como reunir os diferentes seres vivos em grupos para melhor compreendê-los. Ele os dividiu em dois grandes conjuntos: os que tinham sangue vermelho e os que não tinham sangue. E para estudar as plantas, agrupou-as em árvore, arbustos e ervas.

Aristóteles é considerado o primeiro biólogo da humanidade e o seu sistema de agrupamento de seres vivos foi usado pelos estudiosos da natureza durante mais de 2000 anos.

No século XVIII, na Europa, já eram conhecidos mais de 10 mil tipos de seres vivos e, com o tempo, os antigos sistemas de classificação perderam a utilidade.

Joseph Pitton de Tournefort (1656-1708), professor de botânica em Paris, grande colecionador de plantas e classificador, com o seu livro *Elementos de Botânica*, foi o precursor de Lineu.

Em 1753, o naturalista sueco Carl Von Lineu (1707-1778) criou um sistema de classificação dos seres vivos, chamado Sistema da Natureza, o qual divide o reino animal em seis classes: mamíferos, aves, anfíbios, peixes, insetos e vermes.

Esse sistema de classificação obedece ao seguinte esquema: o ser vivo é enquadrado em ramo, classe, ordem, gênero ou espécie, sendo:

1. *Ramo*: descendente de um mesmo tronco.

2. *Classe*: grupo ou divisão que apresenta características semelhantes.

3. *Ordem*: seres que possuem a mesma qualidade.

4. *Gênero ou Espécie*: conjunto de seres vivos que apresentam certo número de caracteres comuns.

Eis um exemplo da classificação de Lineu:

Rato doméstico

Ramo	Vertebrado
Classe	Mamífero
Ordem	Roedor
Gênero/Espécie	<i>Rattus rattus</i>

Homem

Ramo	Vertebrado
Classe	Mamífero
Ordem	Primata
Gênero/Espécie	<i>Homo sapiens</i>

Chimpanzé

Ramo	Vertebrado
Classe	Mamífero
Ordem	Primata
Gênero/Espécie	<i>Anthropopithecus troglodites</i>

O maior mérito de Lineu foi ter definido, descrito e designado por um nome duplo em latim várias dezenas de milhares de espécies de animais e vegetais, cuja maior parte se conserva até hoje.

A partir do século XVII, o aperfeiçoamento dos microscópios permitiu que uma variedade cada vez maior de seres vivos fosse estudada. Mas essas novas variedades não tinham características nítidas de seres considerados como animais, nem de seres considerados como plantas. A classificação de Lineu era insuficiente para defini-los.

Em 1866, Ernesto Heinrich Haeckel (1834-1919), naturalista alemão, organizou o estudo dos seres vivos em três grandes grupos, que chamou de reinos: o dos animais, o das plantas e o dos protistas, incluindo neste último os seres unicelulares. Este sistema não elimina as dúvidas quanto à classificação de certos seres vivos, como fungos e bactérias.

O sistema de classificação mais atual foi criado por Roberto H. Whittaker, em 1969. Ele estuda os seres vivos divididos em cinco reinos. Por exemplo:

1. *Animal*: são considerados animais os seres multicelulares, cujas células possuem núcleo delimitado por membrana e não apresentam parede celular. Nessas células, a glicose é armazenada na forma de uma substância chamada glicogênio.

2. *Planta*: são plantas os seres multicelulares, cujas células têm núcleo delimitado por membrana e têm parede celular formada por celulose. A celulose é um açúcar complexo formado por glicose. As plantas precisam de luz para realizar a fotossíntese e, dentro das células, armazenam glicose na forma de amido.

3. *Fungo*: os fungos apresentam uma característica especial. São seres unicelulares que vivem associados, formando um corpo semelhante ao dos seres multicelulares. As células dos fungos têm núcleo delimitado por membrana e têm parede celular formada por um açúcar complexo, a quitina. Alguns tipos de fungos são microscópicos e outros são vistos a olho nu. Estes são conhecidos como cogumelos. Alguns cogumelos são comestíveis, outros são venenosos. Os cogumelos não necessitam de luz para viver: não fazem fotossíntese. Armazenam glicose no interior das células, na forma de glicogênio, como os animais. Há fungos que se deslocam pelo ar, formando o bolor, o mofo, razão pela qual deve-se sempre evitar que os alimentos tenham contato com o ar livre para não mofarem.

Sir Alexander Fleming (1891-1955), médico bacteriologista inglês, a partir de um cogumelo microscópico, o *Penicillium notatum*, descobriu a penicilina, um poderoso antibiótico. Foi assim: um mofo contaminava as suas culturas microbianas, impedindo o desenvolvimento de muitos germes. Partindo dessa observação, isolou uma substância que matava os germes patogênicos e não era tóxica ao homem.

A penicilina passou a ser produzida em grande escala, para uso militar, a partir de 1939, quando começou a Segunda Guerra Mundial.

4. *Protista*: são protistas as algas unicelulares e os protozoários. Os protistas são seres unicelulares com núcleo delimitado por membrana. As algas, tanto as unicelulares como as multicelulares, precisam de luz para viver. Os protozoários não precisam de luz.

5. *Monera*: são os seres vivos de corpo mais simples que existe. As bactérias são moneras. São seres unicelulares, sem núcleo delimitado por membrana. Quase todos os tipos de bactérias possuem parede celular rígida. Alguns fazem fotossíntese. As bactérias são tão numerosas na natureza que a soma do peso dos seus corpos, apesar de extremamente pequenos, excede ao peso de todos os outros seres vivos juntos.

Como já dissemos, os vírus são tão pequenos que atravessam os filtros de porcelana. Não foram incluídos em nenhum grupo de seres vivos, pois desenvolvem-se unicamente no interior das células vivas. Desta forma, temos vírus de bactéria, vírus de plantas, vírus de animais. Eles causam no homem inúmeras doenças, tais como varíola, poliomielite, sarampo, gripe, etc.

O vírus é o limite inferior da evolução biológica.

— *Tio Marcos, como o homem surgiu na Terra?* -perguntou Solange.

Tio Marcos, sorrindo, respondeu:

— *Vou lhe responder conforme ensina a Doutrina Racionalista Cristã.*

Os espíritos desencarnados não estão adormecidos nem estáticos. A Lei da Evolução determina que tenham períodos de aprendizagem e de crescimento espiritual nos mundos materiais e também nos mundos opacos, nos quais o tempo, tal qual é conhecido e medido pela Física, não existe. Enquanto eles permanecem nos seus mundos de estágio, esperam pelas condições ideais para encetarem novas encarnações, quando irão vivenciar outras experiências.

O homem encarnado surgiu neste mundo como resultado da evolução dos animais que o precederam.

Vocês se lembram de quando eu, me referindo ao Racionalismo Cristão, disse que no Universo somente existem Força e Matéria?

Pois bem, a Força, ou melhor, a Inteligência Universal pode ser imaginada fazendo-se analogia com um grande clarão, tal qual enorme foco de luz, onde o Universo está mergulhado, como se esse clarão fosse um grande oceano de luz. Desse enorme clarão, qual braseiro incomensurável, saltam pequenos pontos de luz, em busca da própria individualização, como aquelas fagulhas que saltam pipocando das fogueiras de São João. Essas fagulhas, ou melhor, esses pontos de luz desprendidos do Grande Foco são partículas da Inteligência Universal, as quais, simples e ignorantes, possuem um potencial fantástico, latente. Essas partículas de luz, para conquistar a consciência, mergulham nos mundos materiais em busca da construção da individualidade. Cada partícula da Inteligência Universal promoverá o seu progresso, a seu modo, a sua custa, através de método iterativo, isto é, de ensaios e erros repetidos incansavelmente, de acordo com os procedimentos que adotar no transcurso da sua trajetória evolutiva. Trajetória esta que demandará milhares de séculos, vivenciando as suas experiências, através dos reinos da natureza, inicialmente.

— *Tio Marcos, podemos então entender que o nosso espírito nasceu no momento em que a fagulha saltou da grande fogueira ? - perguntou Boris.*

Não devemos entender a Partícula Inteligente já como sendo um espírito. A Partícula Inteligente somente conquistará a condição de espírito quando, através de inúmeras reencarnações, pelos diferentes reinos da natureza, conseguir construir, por si própria, um corpo mental capaz de gerar pensamentos contínuos como homem, porque, ainda na condição de animal, não possui raciocínio desenvolvido. Suas ações são instintivas. Seu pensamento é fragmentado, estimulado pelas necessidades básicas e pelo instinto de defesa. Somente quando tiver conquistado pensamento contínuo e conseqüentemente livre-arbítrio, podemos considerá-la espírito.

Diz o Sr. Racional que é lei natural a criatura, depois de terminar a sua evolução no reino animal, passar para o reino hominal. Mas somente partirá rumo ao Astral Superior quando conseguir libertar-se das

atrações da vida material, sabendo viver as duas vidas: a material e a espiritual.

Quanto ao nascimento da Partícula Inteligente, até o nosso presente estado evolutivo, não temos ainda discernimento suficiente para responder com precisão se nascemos no momento em que saltamos da grande fogueira. Contudo, podemos dizer que a Partícula Inteligente, simples e ignorante, ainda não individualizada, está contida no âmago da Força e será forçada pela lei natural a saltar do seio materno, quando estiver preparada, quando estiver madura para iniciar, por conta própria, a sua autoconstrução, em busca de realizar-se como espírito. Precisa inicialmente do caminho oferecido pela Matéria para chegar ao objetivo de ser Espírito. Atingida essa etapa, como nós nos encontramos agora, o objetivo será, então, nos livrarmos do instinto da adoração, dos atrativos da vida material e iniciarmos um profundo estudo para aprendermos a viver no mundo espiritual.

O Sr. Racional não se cansava de repetir: “Ninguém pode passar a um mundo mais evoluído enquanto neste se mantiver saturado de enganosas idéias sobre a vida e proceder erroneamente, de acordo com elas”.

Temos duas vidas, a material e a espiritual. A vida material, nós sabemos viver, mas a vida espiritual temos ainda que aprender a vivê-la e para isso é necessário nos libertarmos das necessidades e gozos materiais.

Desta forma, podemos deduzir que a Partícula da Inteligência Universal sempre existiu no seio do Grande Foco, sendo, portanto, inascível. Sempre fez parte da essência da Força Criadora. Conseqüentemente, sempre foi imortal, imperecível. O Espírito não morre nem perde nunca a consciência de si mesmo. Jamais parará de pensar. Morre quando encarnado, mas jamais a morte interromperá os seus pensamentos.

A sua consciência é indestrutível, pois ele mesmo a construiu, através de incontáveis lutas e sofrimentos atrozés, sozinho, por si mesmo. Nesse processo nunca interferiu a figura do deus das religiões, nem de anjos, nem de gênios protetores. Temos que nos livrar das fantasias e lendas que a esse respeito foram criadas pelas religiões e seus profetas, avatares, apóstolos e demais aleijados mentais.

Pelo visto, todos teremos que compreender, cedo ou tarde, que a humanidade caminha na mesma direção, para alcançar o

aperfeiçoamento. Esse aperfeiçoamento somente é possível pelo esforço de cada um bem orientado, isto é, pelo trabalho individual disciplinado e pela conquista do saber à custa de atividade intensa e permanente.

Estes conceitos são tão importantes para o nosso esclarecimento que vou repetir o que o Sr. Racional escreveu a respeito:

“As Partículas da Inteligência Universal, em obediência às Leis Naturais e Imutáveis, incitam e movimentam os diversos reinos da natureza, estabelecendo a Vida em todos os seres orgânicos e inorgânicos, desde a pedra aos metais, aos vegetais, aos animais e ao gênero humano. Todos estão em constante ascensão para a Luz, para a sua fonte de origem, que é o Grande Foco, incitador de tudo quanto existe.”

“Assim vão elas, essas partículas da Força, passando por todos os corpos dos reinos da natureza, em evolução, em constante purificação, e assim, cada vez mais aumentando a sua Luz, a sua Força, para cumprimento do Dever e confundir-se com a Luz, de onde partiram para este e outros planetas.”

“Desta forma, é claro que quando essas partículas chegam a organizar, incitar e movimentar corpos humanos, já realizaram grande progresso e fazem parte das Forças de categoria verdadeiramente Racional, e como tais, com inteira responsabilidade dos seus atos e pensamentos, que as fazem conduzir neste mundo, sem que para os seus atos reprováveis, possa haver desculpa, contemplação e muito menos perdão, pelas práticas de atos que prejudicaram o próximo, por serem racionais, responsáveis por tudo quanto poderão fazer de bem ou de mal.”

— *Tio Marcos, o homem é descendente do macaco? - perguntou Serginho.*

O homem atual não é descendente do macaco. Mas os macacos antropóides como o gibão, o orangotango, o gorila e o próprio homem descendem de um mesmo ramo de primata, que teria existido há 25 milhões de anos. Os cientistas denominam esse primata ancestral de *Drypithecus*.

Muitos cientistas e arqueólogos acreditam que foi na África Oriental que apareceu o primeiro homem, há um milhão de anos, chamado *Homo erectus*. Isto porque os ossos mais antigos e as armas que eles usavam foram encontrados enterrados juntos, na Tanzânia, país

da África Oriental, onde se encontra o Pico Kilimanjaro, o ponto culminante desse país, com 5963m de altura.

O *Homo erectus* era uma espécie muito diferente em relação aos outros animais. Era caçador. Junto aos fósseis desses ancestrais humanos, foram encontradas ossadas de animais que viviam na época: elefante, rinocerontes, antílopes, etc.

Fato concreto reconhecido pelos cientistas é que, há muito tempo, viveu um animal que foi o ancestral tanto do homem como do macaco e que hoje está extinto.

Embora os homens primitivos e os macacos fossem parentes, eles eram diferentes em muitos aspectos importantes. Por exemplo: os homens ficavam de pé, eretos, andavam e corriam com dois pés. As pernas humanas e as dos macacos eram ligadas ao corpo de maneira diferente, e os ossos da bacia não eram os mesmos. Os dentes dos homens eram diferentes, assim também as suas mandíbulas. A maior diferença de todas era a do cérebro: no homem, a parte do cérebro usada para falar e se lembrar era muito maior do que a dos cérebros das diferentes raças de macacos. No homem há circunvoluções na superfície do cérebro. Nos macacos não.

Homens e macacos comportam-se de modo diferente. Alguns macacos podem fazer instrumentos bem simples que usam no lugar em que deles precisam. Mas um macaco nunca faz um instrumento hoje com a intenção de usá-lo amanhã. Só o homem consegue pensar no futuro e planejar antes. Só o homem consegue pensar no passado.

Continuando o nosso assunto, a Lei da Evolução submete os homens encarnados a uma pirâmide de necessidades, que afloram obedecendo a uma espécie de hierarquia, as quais serão tanto mais complexas, quanto mais evoluídas forem as almas encarnadas, conforme explicarei a seguir.

A Pirâmide de Necessidades foi estudada no grupo social humano pelo psicólogo norte-americano Abraham Maslow e se resume no seguinte: imaginemos uma criatura de evolução média, habitante do planeta Terra, nem muito boa, nem muito má, com uma noção de honra muito fraca, pois, de acordo com o que dizia o Sr. Racional, “ser digno e honrado não é favor que se faz, mas dever que se impõe”. Portanto, suponhamos também que essa criatura, por ser um homem comum, pertencendo ao grupo de espíritos adoradores, não conhecia ainda a sua

composição astral e física, isto é, como espírito oriundo da Força e evoluindo na Matéria.

Vamos imaginar que essa criatura sai de um lugar qualquer do território brasileiro e vai parar numa grande cidade, sem nenhum recurso financeiro.

A primeira necessidade que aflora neste homem é a fome. O instinto da fome é dominador. Quando o corpo físico não consegue alimentar-se via estômago, o organismo começa a autodevorar-se. Inicialmente alimenta-se das suas próprias gorduras, depois de seus músculos, carnes, etc. Daí aquelas figuras esqueléticas, em pele e osso, mortas de fome nos campos de concentração nazistas, ou dos territórios em guerra em Biafra, na África Ocidental.

Uma pessoa em estado de fome, em virtude da baixa quantidade de glicose no sangue, perde a condição de pensar, pois o cérebro precisa, para funcionar, de oxigênio e de glicose. Passa então a proceder instintivamente, sem capacidade de raciocinar, tornando a satisfação da fome o único objetivo da sua vida.

Admitamos que esse indivíduo, nesta cidade, possuísse parentes e conseguisse alimentar-se uma vez por dia, até arranjar um emprego que lhe pudesse assegurar três refeições diárias. Consegue, dessa forma, satisfazer a sua necessidade principal: a fome.

Quando a fome estiver satisfeita, aflora à consciência humana uma segunda necessidade. Essa segunda necessidade é imperiosa, dominante. É a necessidade afetiva e de reprodução. Então o instinto sexual surge, dominando os seus pensamentos.

O desejo sexual não satisfeito pelo corpo físico provoca angústia e transfere-se para o inconsciente. Daí os sonhos eróticos e o avassalamento dessas criaturas, sem o domínio de si mesmas, pelos espíritos do Astral Inferior, atraídos por pensamentos lascivos, materializados.

Parte então, esta criatura, à procura da sua futura companheira, para constituição de uma família. Casa-se e tem a segunda necessidade satisfeita.

Então, uma terceira necessidade passa a dominar os seus pensamentos. É a necessidade de segurança. Ele precisa arranjar um emprego estável e precisa de uma casa própria, para não ficar sujeito a empregos temporários e à vontade de um senhorio.

Após alguns anos de trabalho, conseguiu um emprego estável e uma casa própria. Está satisfeita mais essa necessidade.

Mas, então, uma quarta necessidade surge. É a necessidade de associação. Nesta fase, a sua família sente necessidade de relacionar-se com outras pessoas. Passa a freqüentar um clube ou entidade beneficente, religiosa ou de prestação de serviço. Uma vez satisfeita essa necessidade, uma quinta aparece.

A quinta necessidade é a necessidade de *status*. O pai ou a mãe quer apresentar-se com o carro do ano e ter ternos ou vestidos do alfaiate da moda e da alta costura.

Esta família está bem situada e resolve essa necessidade com facilidade. Surge a sexta necessidade.

Essa sexta necessidade é a necessidade de realização. Quer que o seu nome apareça nos jornais, com fotografias e reportagens publicadas nas colunas sociais. O pai, se tiver vocação, parte para a política; se não, atua na sociedade desejando reconhecimento e, se possível, um busto em praça pública.

Assim agiria uma criatura religiosa, ignorante da sua composição astral e física. Se essa criatura tivesse valor, se tivesse o domínio de si mesma, subjugaria os seus ímpetos e inclinações, para que o seu raciocínio prevalecesse no seu livre-arbítrio e quando tivesse a necessidade de segurança satisfeita, iniciaria o estudo da vida fora da matéria, passando a preocupar-se com o seu aprimoramento moral, bem como o da sua família, procurando desenvolver os atributos do Espírito: pensamento, força de vontade, disciplina, raciocínio, livre-arbítrio para o bem, justiça e honra. Mas não é bem assim que acontece, pois desconhece que a espiritualidade sem fantasias, sem os conceitos bíblicos errados, constitui um campo do conhecimento que estuda a vida fora da matéria, tal qual é ensinada pela Doutrina Racionalista Cristã.

Tudo o mais que se ensina sobre o assunto, até em forma de doutrina, que não seja oriundo do Pensamento Racionalista Cristão, pode-se designar como magia negra, porque são ensinamentos oriundos de espíritos que tiveram uma formação bíblica, pertencentes ao Astral Inferior, sediados na atmosfera da Terra. Materializados, sem o conhecimento da Verdade, na sua última encarnação, como espíritos religiosos, só aprenderam a pedir, rezar, louvar e adorar. Acreditaram nas fábulas bíblicas escritas pelos quatro evangelistas ou santos e pregadas como ensinamentos morais pelos católicos, espíritas

kardecistas, espíritas do sincretismo (católico africano e indígena), ensinando disparates tais como perdão, graça, céu, inferno, purgatório, penas, expiações, espíritos protetores e outras fantasias mais, oriundas da cultura de espíritos do Astral Inferior, avassalando e intuindo médiuns fracos, indisciplinados, materializados.

Nos mundos de escolaridade como o planeta Terra, as emoções fazem parte da vida cotidiana. Essas emoções são experimentadas, indistintamente, por todos os seus habitantes. Quando o homem se tornar superior às condições de pobreza e de riqueza, que completam o quadro das referidas emoções, como as vivenciadas pelo nosso personagem submetido à Pirâmide das Necessidades, aí sim, o sentido da vida espiritual começa nele a despertar, querendo entender por que se vive.

Para se começar a entender o que seja a Espiritualidade Superior, cada criatura deverá ter sempre em mente que a Força, a Inteligência Universal, denominada pelos diversos povos da Terra como Deus e pelo Racionalismo Cristão como Grande Foco, não tem forma humana. É a grande luz universal que compõe o Universo, a qual envolve as galáxias e respectivos sistemas solares e planetas, regendo-os com as suas leis naturais e imutáveis, não interferindo no livre-arbítrio das criaturas.

Agora pergunto: onde se encontra essa grande luz?

Respondo: encontra-se em tudo o que tem vida. Nas montanhas mais inacessíveis, nas imensas áreas florestais, na vastidão dos oceanos, nos rios, nos campos, nos pomares, nos jardins e em todas as formas de animais, dos mais rudimentares ao homem. Em toda a natureza, somente o homem é adorador. Inventou a adoração por falta de segurança, para enganar a si mesmo, por não querer usar o raciocínio, por ser imperfeito.

A verdade é que todos os adoradores pertencem a uma classe idêntica, embora muitos deles, tendo níveis culturais excelentes, continuam religiosos. Isto porque não se deve confundir Cultura com Espiritismo.

Cultura é desenvolvimento intelectual, saber, ilustração, instrução, tudo relacionado à vida material; porém, a pessoa culta pode desconhecer a vida espiritual.

Já Espiritismo não é religião. É uma convicção oriunda das pesquisas científicas feitas por cientistas de renome internacional, desde meados de 1850, coroadas, neste século, pelo Dr. Pinheiro Guedes com o seu livro *Ciência Espírita* e por Luiz José de Mattos com o seu livro *Racionalismo Cristão*.

Indistintamente, todos os religiosos são candidatos a reencarnações em mundos-escolas como o planeta Terra, até que o amadurecimento espiritual os faça compreender a realidade das coisas, porque, mais uma vez repetimos, ninguém pode passar a um mundo mais evoluído, enquanto neste se mantiver saturado de enganosas idéias sobre a vida e proceder erroneamente, em acordo com elas.

O homem é um espírito ilimitado que temporariamente habita casas de carne e de sangue, a fim de cursar a escola do mundo material. Quando uma casa se torna inabitável devido a doenças, acidente, velhice, ou quando o homem ultrapassa os limites de utilização desta casa, por excessos, desregramentos ou vícios, ele muda-se para outros domínios, é despejado do mundo físico, obedecendo à lei natural e imutável, deixando a casa abandonada para decompor-se.

A morte e o nascimento são na realidade sinônimos. Quando se morre no mundo físico, ocorre como que um nascimento no mundo espiritual, correspondente ao nosso grau evolutivo.

— *Tio Marcos, por que um animal para viver precisa comer outro? - perguntou Fernanda. E acrescentou:— Ontem, lá no paiol, eu vi um gato aqui da fazenda brincando com um camundongo, já muito ferido, todo ensangüentado. Quando eu cheguei perto para livrar o ratinho, ele o abocanhou despedaçando-o e o engoliu de uma só vez.*

Pela sua própria natureza a vida no planeta Terra é de luta. Uma espécie somente sobrevive alimentando-se de outra, geralmente menos evoluída. Esse modo de vida atinge todos os seres, dos minerais ao homem. A luta pela sobrevivência é uma lei imposta pela evolução. Esta lei não foi instituída por maldade do Grande Foco. Isso ocorre porque, na escala evolutiva dos seres, somos ainda espíritos muito imperfeitos. Não adquirimos ainda a capacidade de organizar e manter um sistema orgânico mais aperfeiçoado que o nosso atual, que se alimente diretamente da luz do sol, sem precisar alimentar-se dos hidratos de carbono, das proteínas, das gorduras (lipídios) encontradas nas plantas e animais.

A vida do homem na Terra, em virtude da sua imperfeição, é uma verdadeira guerra e será o vencedor o mais apto. Essa guerra começa com o nosso sistema imunológico, o qual sustenta, através do sangue, um verdadeiro exército de glóbulos brancos, os leucócitos, e de

anticorpos constituídos de proteínas, prontos para atacar e destruir bactérias e vírus invasores do corpo.

Os animais homotérmicos, isto é, que possuem sempre a mesma temperatura do sangue das espécies herbívoras são seres de atividade passiva, pois os alimentos de que necessitam para viver são vegetais encontrados em abundância, fixos no solo. Essas espécies não precisam perseguir nem lutar com os vegetais para se alimentar. Para estas espécies, a procura de alimentos não representa um estímulo muito intenso para mudar as suas condutas.

Para os animais carnívoros a obtenção de alimento é muito diferente. São obrigados a procurar ativamente o seu alimento, que não está imóvel à sua espera e é muito mais escasso que os vegetais. Para obter alimentos, os carnívoros precisam encontrar a presa e caçá-la. Essa atividade da caça representa uma interação mais intensa com o meio ambiente, possibilitando o desenvolvimento de novas formas de conduta.

Mas, por falar em gato e rato, vou lhes contar uma lenda oriental que explica por que o gato caça o rato.

Antigamente existiam, numa casa, um cão e um gato. Os dois animais fizeram uma combinação. O cão ficava de guarda da casa, do lado de fora, e o gato ficaria dentro de casa.

Depois de assinado o acordo, viveram em paz, até que certa ocasião um gênio galhofeiro veio visitá-los. Então, ele pôs na cabeça do cão que esse acordo assinado com o gato era injusto, pois quando chovia o cachorro molhava-se todo.

Convencido, o cão foi procurar o gato para reclamar.

— Acordo é acordo. A fé nos contratos deve ser respeitada - disse o gato.

— Deixe-me ver o que escrevemos - disse o cão.

O gato, então, foi procurar o contrato, mas descobriu que o rato havia comido quase todo o contrato. Então, o gato ficou furioso e começou a perseguir o rato.

Vendo que o gato não trazia o acordo, o cachorro também ficou furioso. Começou a perseguir o gato e, desde então, os cães não pararam mais de perseguir os gatos e os gatos também não pararam mais de perseguir os ratos.

Bem, agora completemos a resposta à pergunta feita pela Fernanda: ao longo da evolução, quando os animais já desenvolveram um sistema nervoso mais aprimorado, surgiu outro tipo de conduta nestes animais: a conduta inteligente.

A inteligência é a capacidade de o animal perceber que determinadas situações exigem soluções novas e encontra essas soluções. Não são soluções instintivas nem aprendidas. Por exemplo: uma galinha e um chimpanzé estão dentro de uma gaiola que tem uma abertura lateral. Se, do lado de fora da gaiola, pusermos alimento de tal forma que, para se chegar à comida, eles tenham que dar meia-volta na gaiola, observa-se o seguinte: a galinha ficará num vai-e-vem, cacarejando, sem descobrir a solução para chegar ao alimento. O chimpanzé resolve o problema imediatamente. Sai pelo lado aberto da gaiola e obtém o alimento.

A inteligência dos animais é uma outra forma de adaptação às exigências do ambiente, ampliando as possibilidades de permanecerem vivos.

Alguns naturalistas afirmam ser verdadeira a seguinte estória: uma raposa tinha milhares de pulgas em seu pêlo e, em virtude das suas mordidas, coçava-se exaustivamente. Cansada de tanto se coçar, foi para as margens de um rio, apanhou um ramo e, segurando-o na boca, entrou na água. A população de pulgas hospedadas nos pêlos da raposa, em contato com a água, imediatamente reuniu-se na parte seca, isto é, nas costas do animal. A raposa afundou mais um pouco e as pulgas saltaram das suas costas para a cabeça. Então não tiveram outra alternativa, saltaram da cabeça para o ramo que ela segurava na boca. De repente, a raposa abriu a boca e soltou o ramo cheio de pulgas correnteza abaixo.

Marquinho, que se interessava muito por Biologia, perguntou:

—Tio Marcos, o senhor agora há pouco falou que o nosso sistema imunológico é constituído de proteínas. O senhor poderia nos esclarecer melhor?

—Boa pergunta, Marquinho. Eu ia mesmo estender-me sobre esse assunto, por ser muito importante nós nos conhecermos também como Matéria. A Ciência descobriu muita coisa sobre a nutrição humana, a partir da Segunda Guerra Mundial (1939-1945).

Tio Marcos fez uma pequena pausa, como se estivesse pondo em ordem os pensamentos. Depois continuou.

A Holanda foi um dos países que muito sofreu com a fome provocada pela guerra. Os fatos se sucederam nesta seqüência: em 1940, ela foi invadida pelo exército alemão. Mais da metade da sua produção agrícola foi confiscada pelos invasores.

Em junho de 1944, pouco sobrava das pastagens holandesas: foram transformadas pelos alemães em plantações de batatas. Os holandeses só conseguiam criar alguns porcos e galinhas. A maior parte da população urbana sobrevivia à custa de pequenas cotas desses alimentos, que só podiam ser compradas com cupons de racionamento.

Em setembro de 1944, o racionamento de comida foi ainda maior. A fome se instalou. As pessoas emagreceram a olhos vistos e cansavam-se com facilidade.

Em dezembro de 1944, completam-se quatro meses de fome. Muitas pessoas tinham o tornozelo e os rostos inchados, pois retinham muita água. Outros inchavam pelo corpo inteiro e até pareciam gordos. Já havia casos de perturbação mental, distração, apatia, crises de choro e obsessão constante por alimentos.

Em fevereiro de 1945, pessoas caíam pelas ruas, sem forças para se mover. Outros deitavam-se em suas camas e não se levantavam mais. Verminoses, gripes, disenterias, infecções e tumores na pele eram comuns. As pessoas apresentavam faces encovadas e olhos fundos. Dos braços, de ossos salientes, pendia a pele frouxa, caindo em pregas. O cabelo era ralo e fino. Muita gente estava com hemorragia interna. Outras sangravam pela pele e gengiva. Muitas pessoas estavam com a temperatura de 27 a 33°C, abaixo da temperatura normal, de 36 a 37°C. Tremiam sem parar, mesmo agasalhadas.

Em maio de 1945, as tropas aliadas chegaram à Holanda. Era o fim da guerra e da fome, mas centenas de pessoas já não podiam ver nem ouvir, apresentando os sintomas finais da desnutrição. Muitas morreriam pouco tempo depois.

Vocês já aprenderam, desde as aulas de Ciências da 8ª série do 1º grau, que o corpo humano é constituído de proteínas provenientes de alimentos de origem animal, como leite, ovos, peixes, aves e carnes vermelhas. Essas proteínas devem ser ingeridas diariamente, em quantidade suficiente para garantir uma boa saúde.

A proteína é uma necessidade vital da dieta humana e de todos os animais, pois o corpo humano e o dos animais são constituídos de proteínas. Ela pode ser de origem animal ou vegetal.

As proteínas obtidas dos alimentos de origem animal, além de formar as células do corpo humano, como os músculos, o sangue, os órgãos vitais, também formam os hormônios, as enzimas e os anticorpos produzidos, quando necessário, pelo sistema imunológico.

Na realidade, porém, do que se necessita mesmo não é da proteína em si, mas dos aminoácidos dos quais ela é formada.

As proteínas não são todas iguais, embora sejam compostas pelos mesmos 22 aminoácidos. Os aminoácidos têm funções diferentes e agem constituindo diversas partes do corpo humano.

Todos os aminoácidos são necessários, só que alguns — os considerados essenciais — não podem ser sintetizados pelo organismo em quantidade suficiente. Basicamente existem dois tipos de proteína: a completa e a incompleta. A completa é de origem animal e a incompleta, vegetal.

A proteína completa fornece, em quantidade equilibrada, oito aminoácidos essenciais necessários à construção dos tecidos do corpo humano. Ela é encontrada nos alimentos de origem animal, como carne, peixes, ovos, leite e queijos.

A proteína incompleta não possui todos os aminoácidos essenciais. Faltam-lhe alguns. Por isso, só é eficaz quando ingerida em combinação com pequenas quantidades de proteínas de origem animal. A proteína incompleta é encontrada nas sementes, nozes, ervilha, grãos, cereais e feijão-soja.

Nosso sistema imunológico é tal qual um grande exército conduzido pelo sangue. Os soldados desse exército são milhares de células sangüíneas brancas, que estão sempre de prontidão, sob o comando da glândula timo. Desta glândula recebem ordens sobre quando e onde deverão atacar e quais os anticorpos que suas companheiras, as células B, deverão produzir. Também no sangue, tanto os glóbulos vermelhos como o plasma são constituídos por diferentes tipos de proteínas, denominadas A, B e AB.

As infecções causadas por vírus só podem ser combatidas pelos glóbulos brancos. Ainda não se conhece nenhum medicamento que tenha ação sobre o vírus. Por exemplo, quando temos uma gripe ou um resfriado, que são causados por vírus, levamos uma ou duas semanas para sarar. É o tempo necessário para os glóbulos brancos combaterem a

infecção. Quando a infecção é causada por bactérias, os glóbulos brancos podem ser ajudados pelos antibióticos.

Não é só incorporando e digerindo micróbios que os glóbulos brancos defendem nosso organismo. Eles agem também de outra maneira: sempre que substâncias estranhas ao organismo entram no sangue, por exemplo, as substâncias tóxicas produzidas pelas bactérias, os glóbulos brancos passam a produzir outras proteínas chamadas anticorpos.

As moléculas dos anticorpos unem-se por meio de ligações químicas às moléculas das substâncias tóxicas, deixando-as sem ação. Da mesma maneira, os anticorpos também deixam sem ação os micróbios ligando-se a eles. Desta forma, os micróbios ficam sem ação e podem ser rapidamente incorporados e digeridos pelos glóbulos brancos.

Portanto, quanto mais proteínas completas uma pessoa ingerir diariamente, mais saúde ela terá, pois é o único alimento que proporciona resistência orgânica e defesa do organismo contra as doenças.

Os ricos têm mais saúde porque ingerem três vezes mais proteínas que os pobres, pois os alimentos que contêm proteínas custam caro, ficando fora da mesa de quem ganha pouco.

Os médicos especializados em nutrição, chamados nutrólogos, explicam que alimento é toda substância que, ingerida pelo ser humano, é digerida e decomposta pelo aparelho digestivo, para liberar nutrientes.

O alimento transformado em nutriente é transportado pelo sangue e é absorvido pelas células do corpo.

A água é o único alimento que, para ser absorvido, não precisa ser desdobrado.

A proteína, para ser absorvida, precisa ser decomposta, liberando os aminoácidos que a compõem. Nesta forma, os aminoácidos são absorvidos integralmente.

Após a deglutição, tudo é automático, inconsciente. Uma criatura alimenta-se e as células do seu corpo nutrem-se.

Os alimentos dividem-se em três categorias quanto ao valor nutritivo, a saber:

1. Alimentos protetores: ar atmosférico, água, leite, queijo, ovos, carnes, verduras, legumes, frutas e sal de cozinha iodado.

2. Alimentos semiprotetores: estes alimentos fornecem a energia de que as pessoas com atividades físicas médias precisam. São os seguintes: legumes secos, feijões, soja, lentilha, castanha, nozes, amendoim, sementes, manteiga e óleos. Não atendem às necessidades orgânicas de proteínas. Só servem para quem pratica atividade física média.

3. Alimentos não protetores: somente precisam desses alimentos as pessoas que praticam grande atividade física, pois fornecem muita energia. São os seguintes: açúcar, azeites, gordura vegetal e animal; os feculentos arroz, milho, batata, aveia e mandioca; os cereais trigo, centeio e cevada. Esses alimentos não atendem às necessidades de proteína. Quando a pessoa come tudo isso e não executa trabalho braçal, estes nutrimentos energéticos transformam-se em gordura corporal, ocasionando muitas doenças a médio e longo prazos; por isso os povos do Primeiro Mundo estão substituindo na alimentação os feculentos e os cereais pelos laticínios, carnes e ovos, deixando-os para a alimentação das aves, dos animais de corte e da pecuária leiteira, que irão produzir em abundância alimentos protetores.

Aqui na fazenda, vô Mário fabrica ração, em cuja composição entram cereais, feculentos, farelos, vários tipos de capins e suplementação de sais minerais. Tudo isso bem dosado e balanceado, visando transformar essa ração em proteínas, via gado estabulado. O mesmo faz em menor escala, com frangos de corte, galinhas poedeiras e porcos.

Agora, para finalizar, prestem muita atenção!

A fome é causada pela falta de calorias, ocasionada pela não-ingestão de carboidratos (cereais, feculentos e gorduras).

A desnutrição é provocada pela falta de proteínas completas de origem animal, sais minerais e vitaminas.

O indivíduo pode estar com a fome saciada, mas desnutrido.

Devemos nos alimentar com bastante proteína animal, qualquer que seja a nossa ocupação, e comer moderadamente os carboidratos: cereais e feculentos. Estes alimentos são indicados para a alimentação de animais de engorda, como porcos, gado, aves e animais de tração como o cavalo.

Alguns nutrólogos afirmam que o trigo presta-se mais para a fabricação do pão do que qualquer outro cereal, porque somente ele

contém as proteínas gliadina, glutenina e leucosina, ricas em aminoácidos essenciais, principalmente o triptofano.

Como vocês acabaram de ouvir, falamos um pouco sobre a alimentação do nosso corpo material. Agora, pergunto: qual é o alimento do Espírito?

O Sr. Racional ensina que o principal alimento do Espírito são os pensamentos de valor e de coragem, de firmeza e de decisão. Esses pensamentos atraem vibrações de outros pensamentos de idêntica formação, produzindo um estado de confiança capaz de conduzir ao sucesso e à saúde psíquica.

A força do pensamento varia com a educação da vontade. A vontade fraca anima um pensamento débil; a vontade forte, um pensamento vigoroso. A força de vontade é o maior poder oculto que o espírito humano possui.

A criatura se arruína, dando acolhimento às vibrações enfermigas do pessimismo, do desânimo, da maledicência, da inveja, da ingratidão, do ódio, da vingança, da perversidade e da indolência.

A noite estava escura e fria. Já passava das 22 horas. As crianças estavam com sono.

— Tio Marcos, para encerrar a aula de hoje, o que é psiquismo? - perguntou Solange.

— Como eu sei que vocês já estão com sono, vou ser breve - começou a responder tio Marcos.

Psiquismo é uma doutrina filosófica que admite a existência de um fluido universal que anima todos os seres vivos.

Vou ser mais claro: cada partícula de matéria, mesmo as microscópicas, todas possuem um interior e um exterior.

O interior é constituído de psiquismo, a Força, conforme explica o Sr. Racional.

O exterior é constituído de Matéria.

As duas formam o conjunto Força e Matéria. Quando uma unidade de Matéria somente contém alguns milhares de átomos, parece estar morta. Contudo, anima-se quando este número corpuscular adquire vida, como acontece com o vírus. Quanto mais os organismos sobem na escala evolutiva, maior será a Força em evolução, pois, como já dissemos, a Matéria não evolui, transforma-se. Quando o cérebro atinge, pela evolução, um grau de complexidade necessária, com um sistema

nervoso adequado, pode então comportar um espírito, permitindo a encarnação dos homens, separando-os, assim, definitivamente das outras espécies de animais.

Diz um ditado oriental que a distância que há entre um homem e “Deus” é a mesma que existe entre o animal e o “Homem”.

Tio Marcos levantou-se, deu boa-noite e saiu desejando bom sono a todos.

6. A Evolução III

Tio Marcos, em pé meditando bem junto à janela da saleta do quarto das meninas, contemplava as estrelas quando falou:

— Hoje, encerraremos esse importante capítulo que trata da Evolução.

Depois, sentando-se á mesa, continuou ...

Vocês já compreenderam que, durante a evolução dos seres unicelulares até aos diferentes seres multicelulares, com os quais convivemos em nosso ambiente, passaram-se bilhões de anos.

As primeiras idéias de como surgiu a grande variedade de seres vivos existentes no planeta são de Aristóteles, em 350 a.C., na Grécia, pela hipótese da geração espontânea. Nesta hipótese, Aristóteles dizia que os seres teriam surgido a partir da matéria bruta.

Durante quase dezessete séculos, a hipótese da geração espontânea foi largamente defendida, chegando-se a acreditar que gansos, carneiros e outros animais pudessem originar-se de certas árvores que os produziam como frutos.

No final da Idade Média, Paracelso (1493-1541), tido como o pai da Medicina, e Van Helmont (1577-1644), médico e químico holandês, escreveram receitas para produzir espontaneamente ratos, sapos e tartarugas a partir de panos velhos, água, ar e madeira podre.

Os hebreus, povo semita instalado na Palestina entre 2000 e 1750 a.C., acreditavam que todos os seres tinham sido criados por um deus onipotente, de uma só vez e para sempre.

Até o século XVIII, quando a Ciência começou a admitir a possibilidade da evolução dos seres vivos, as espécies eram consideradas fixas e imutáveis.

A partir de então, foram publicados vários ensaios a respeito do passado histórico da Terra.

Em 1795, Hutton publicou um artigo no qual afirmava que os fenômenos na crosta do planeta eram gradativos e contínuos, e que as rochas e os solos se modificavam através do processo da erosão.

Mesmo aceitando que a Terra se modificava através dos tempos, ninguém acreditava que tivesse havido qualquer transformação nas plantas e animais. Entretanto, Erasmos Darwin (1731-1802), avô de

Charles Darwin, publicou no fim do século XVIII um tratado, no qual afirmava a crença na evolução das espécies. Não formulou, porém, qualquer hipótese sobre a natureza dessa evolução.

A partir do século XIX, os cientistas começaram a reconhecer a utilidade do estudo de animais e plantas fossilizados, encontrados nas escavações, para se identificar as camadas geológicas.

Com esses estudos, muitas informações sobre as características animais e vegetais foram acrescentadas às já existentes. Porém, a grande maioria das espécies descritas pelos geólogos já não existia mais, estava extinta há milhares de anos.

Começou então a germinar a idéia da sucessão dos seres vivos, através dos tempos, mas nenhuma hipótese evolucionista consistente foi levantada. Eu, respondendo a uma pergunta da Fernanda, já falei em Lamarck. Repetindo: o primeiro cientista a elaborar uma teoria para explicar a evolução dos seres vivos foi o francês Jean Baptiste Lamarck. Esse notável sábio teve o grande mérito de anunciar, claramente e pela primeira vez, a noção de evolução, criando uma teoria que explicava a evolução dos seres vivos pela influência das variações do meio sobre o comportamento dos órgãos.

Coube a Charles Darwin (1809-1882), naturalista inglês, estabelecer a grande teoria da evolução das espécies, por seleção natural e pela sobrevivência do mais apto.

Após o término de uma viagem que fez ao redor do mundo, iniciada em 1831 e terminada em 1837, passou vinte anos estudando os dados coletados, para confirmar a ocorrência de variações nas espécies. Afirmou que “as espécies, ao contrário da crença quase universal, não são estáticas e imutáveis, mas se modificam através de longos períodos de tempo, pela Seleção Natural, permanecendo vivo o mais apto”.

O biólogo alemão August Weismann (1834-1914) desenvolveu a Teoria da Hereditariedade, a partir de estudos de Darwin e chegou a uma visão aproximada da atual Teoria Cromossômica. Por volta de 1890, estabeleceu a distinção entre as células do corpo (células somáticas) e as células germinativas. Concluiu que somente as células germinativas transmitem as qualidades do ser. Os caracteres adquiridos não se transmitem. Como eu já disse, fizeram experiências cortando rabos de rato de centenas de gerações em laboratório e, mesmo assim, sempre continuaram nascendo ratos com rabo.

O abade austríaco Mendel (1822-1884) descobriu as Leis da Hereditariedade.

Em 1901, o holandês De Vries, baseando-se nas pesquisas de Mendel, lançou a Teoria das Mutações. Mutação é uma modificação brusca e hereditária que aparece nos seres vivos, dando origem a novas espécies.

O cientista De Vries, divulgando a noção de mutação, isto é, dizendo que há uma modificação na informação genética situada nos genes dos cromossomos, os quais se encontram nos núcleos das células, explicou que a genética elabora, nas células, um registro estatístico, inexorável, que conduz as espécies a adaptações ao meio, com uma perfeição estupenda. Por exemplo: os mamíferos desenvolveram mecanismos orgânicos de termorregulação da temperatura do sangue, mantendo-o a 37,5°C, qualquer que seja a temperatura externa do ambiente em que eles vivem.

Essa capacidade de termorregulação dos mamíferos foi o que proporcionou a esses animais a supremacia sobre as demais espécies, durante os períodos de glaciação da Terra, muitas das quais desapareceram por não possuir essa capacidade.

— *Tio Marcos, eu não entendi ainda como surgiu a vida em nosso planeta!* - *falou curioso Serginho.*

Há aproximadamente 3,5 bilhões de anos, surgiram os primeiros seres vivos neste planeta. Eram seres simples, unicelulares, isto é, formados por uma única célula.

A atmosfera primitiva da Terra continha, nas proporções adequadas, moléculas de carbono, oxigênio, hidrogênio e nitrogênio. Essas mesmas moléculas constituem hoje 95 % da composição dos corpos de todos os seres vivos.

No início da Terra, chovia torrencialmente.

Os intermináveis aguaceiros escorriam das montanhas e rochas, e muitas substâncias químicas que existiam nelas foram carregadas para os oceanos de águas mornas. Na água, algumas destas substâncias combinaram-se com outras. Uma delas era muito abundante, o carbono (C), que se combinou com diversas outras substâncias, de maneiras diferentes. Formaram-se, então, pequeninos glóbulos que se comportavam distintamente. Eles se dividiam em duas partes iguais, e cada parte se combinava com substâncias diferentes, de maneira a se

dividir novamente em outras duas partes idênticas. Dessas combinações originaram-se muitas outras substâncias químicas e pequenas plantas verdes que tinham um poder especial: usavam a luz do sol para fabricar compostos que chamamos de amido e açúcar. Desta forma, surge o alimento no mundo. Nós chamamos essa substância verde das plantas de clorofila e os glóbulos unicelulares, que se alimentam de amido e açúcar, de protistas, divididos em protófitos e protozoários.

Estes pequenos animais e plantas desenvolveram-se pouco a pouco, até formar todas as espécies de plantas e animais que existem atualmente. Esta mudança gradativa recebeu o nome de evolução.

Ninguém sabe se, de fato, foi isso mesmo que aconteceu. Os cientistas continuam estudando indícios e elaborando hipóteses para contar como tudo se passou. E todos eles concordam num ponto: tudo ocorreu muito lentamente e a luz do sol teria sido o fator preponderante para facilitar todas essas combinações de substâncias químicas.

Já o Sr. Racional ensina que, mal cessavam os terremotos, maremotos e as intensas erupções vulcânicas, a Terra, qual imensa fornalha, possuía condições químicas, minerais e energia (luz, calor e outras radiações vindas do sol) para poder receber o Princípio da Inteligência Universal, permitindo que ele, manifestando-se na matéria, desse origem às grandes populações de seres unicelulares, como o vírus, a monera, o protista e o fungo.

Desde então, pela reprodução assexuada, isto é, sem o uso de órgãos sexuais, as células primitivas dariam origem ao reino vegetal.

Portanto, o Princípio Inteligente, partindo dos vírus e passando por espécies cada vez mais adiantadas, bactérias, amebas, algas e vegetais, adquiriu condições para manifestar-se, mais tarde, nas espécies animais, esboçando uma estrutura esquelética.

Depois, animando outra série de espécies, desenvolveu, durante milênios, o sistema vascular e o sistema nervoso.

Segundo nos informa o Sr. Racional, o Princípio Inteligente, desenvolvendo um corpo físico, nos reinos vegetal e animal, desenvolveu também, simultaneamente, um corpo astral e um corpo mental, muito rudimentares, ficando cada partícula, então, materializada, constituída por três corpos: o mental, o astral e o físico.

O corpo mental é a sede do ser, de onde derivam seus objetivos e a grande necessidade de existir. É a sede do instinto e do pensamento.

O corpo astral funciona como um molde que preside a formação e a ligação do corpo mental com o corpo físico. É a sede das sensações.

O corpo físico é a sede onde o ser se manifesta materializado.

Os orientais fazem desse conjunto de corpos a seguinte analogia: um cavalo puxando uma carruagem, conduzido por um cocheiro.

O cavalo seria o corpo astral; a carruagem, o corpo físico, e o cocheiro seria o espírito.

Quando o corpo físico morre, isto é, a carruagem quebra, o cocheiro (espírito) monta no cavalo (corpo astral) e parte para o seu mundo, rumo às regiões a que pertence.

Tio Marcos interrompeu, para que todos tomassem café com bolinhos que tia Zinha havia preparado, e em seguida continuou a aula.

Todo o desenvolvimento do corpo físico, compreendendo os órgãos, foi elaborado com lentidão, atendendo às necessidades dos corpos mental e astral, os quais tiveram que aprender a adaptar-se ao meio ambiente, desenvolvendo, primeiramente, os sentidos, da seguinte forma:

1. *Tato*: foi criado quando a Partícula Inteligente passou pelas espécies unicelulares, habitantes das águas e da terra úmida.

2. *Visão*: principiou nos organismos unicelulares pela sensibilização do protoplasma, isto é, citoplasma e núcleo, desses seres expostos ao clarão solar.

3. *Olfato*: começou nos animais aquáticos, de expressão mais simples, por estímulo do ambiente em que evoluíam.

4. *Paladar*: surgiu nos vegetais, muitos deles armados de pêlos viscosos destilando sucos digestivos.

5. *Sexo*: formou-se nas algas marinhas, providas de células masculinas e femininas, as quais nadam atraídas umas para as outras.

— *Tio Marcos, o que são eles perdidos na cadeia evolutiva ? - perguntou Boris.*

Na Geologia e na Antropologia, são alguns fósseis que estão faltando para completar o estudo da evolução dos seres. À medida que se ampliam os estudos das cadeias evolutivas dos seres vivos e se aprofundam as investigações dos fósseis, continuamente os cientistas encontram restos fósseis que estabelecem elos entre um animal ou planta atuais e seres que existiram há milhões de anos. O melhor exemplo

talvez seja o cavalo. Com os dados geológicos que possuímos, podemos acompanhar o desenvolvimento do cavalo moderno, a partir de um cavalinho do tamanho aproximado de um cão e que tinha três dedos nas patas. Pudemos estudar o desaparecimento de dois desses dedos, até se formarem os ossos característicos das patas do cavalo atual. O animal primitivo, do tamanho do cão, é ou era algo que poderíamos chamar de cavalo, mas como era diferente do cavalo de hoje! Os fósseis nos deram também os elos perdidos da cadeia evolutiva entre os répteis e as aves e entre o elefante atual e os seus antepassados de há 30 milhões de anos.

— *Tio Marcos, o que é recapitulação dos embriões?* - perguntou *Serginho*.

— *Gostei da pergunta porque a respectiva resposta completa o assunto que estamos tratando.*

Se acompanharmos o desenvolvimento dos animais da atualidade, a partir do óvulo fecundado até o nascimento, veremos que as fases embrionárias de todos eles são muito semelhantes umas às outras. Os embriões do gato, da galinha e da cobra, em seu período inicial, são tão semelhantes que dificilmente saberíamos distingui-los. Além disso, o coração, as artérias principais e as regiões do pescoço obedecem ao mesmo plano de construção que se vê nos peixes. O coração do embrião de gato não é dividido em quatro câmaras, mas é igual ao coração de um peixe; e o pescoço tem fendas branquiais, o que nos conduz à recapitulação. O embrião recapitula, embora não completamente, a sua história ancestral. Um embrião de mamífero parece peixe, em certa fase de sua história. Só mais tarde é que se diferencia em verdadeiro mamífero. Donde se conclui que animais e plantas derivaram de um tronco comum, no obscuro passado geológico.

— *Tio Marcos, nisso tudo, como se desenvolveu a consciência?* - perguntou *Marquinho* que, repetimos, adorava *Biologia*.

A Partícula da Inteligência Universal, na ocasião em que estava evoluindo no reino mineral, aprendeu, quando estava sujeita às leis de formação dos cristais, o que era atração e o que era afinidade. Passando para o reino vegetal, desenvolveu a sensação. Terminada esta fase, passou para o reino animal, onde através do instinto natural começou a desenvolver a sensibilidade e a inteligência, transformando gradativamente toda a atividade nervosa em vida psíquica.

A Ciência Espírita explica que, durante as fases em que as Partículas da Inteligência Universal vivenciaram a afinidade no mineral, a sensação no vegetal e o instinto no animal, ocorreu o crescimento da consciência da criatura, transformando toda a atividade nervosa em pensamento contínuo, em vida psíquica, formando um corpo mental.

O Sr. Racional diz que as Partículas da Inteligência Universal que, em obediência às leis naturais e imutáveis, animam e movimentam os diversos reinos da natureza, estabelecem a vida em todos os seres, a qual se inicia na pedra, indo para os metais, depois para os vegetais, os animais e o homem, seguindo em constante ascensão para a luz, para a sua fonte de origem, que é o Grande Foco, incitador de tudo que existe.

Assim, vão essas partículas passando por todos os corpos dos reinos da natureza em evolução, em constante purificação, e assim cada vez mais, aumentando sua luz, sua força, para o cumprimento do dever, que é confundir-se com a Grande Luz, de onde partiram para este e outros planetas.

Desta forma, é claro que, quando essas partículas chegarem a organizar, incitar e movimentar corpos humanos, já realizaram grande progresso e fazem parte das forças de categoria verdadeiramente racional e, como tais, com inteira responsabilidade de seus atos e pensamentos que as fazem conduzir-se neste mundo como melhor lhes pareça, sem que para os seus atos reprováveis possa haver desculpas, considerações e muito menos perdão pela prática de atos que prejudiquem o próximo. Eles são, portanto, racionais, conseqüentemente responsáveis por tudo que possa acontecer de mau.

Vimos que os sentidos físicos como o tato, a visão, o paladar, o olfato e a audição foram desenvolvidos quando a Partícula da Inteligência Universal peregrinou pelos diferentes reinos da natureza. Em seguida, quando a criatura já se encontrava encarnada como homem, possuindo um corpo mental bem desenvolvido, através de inúmeras experiências, com ensaios e erros ao longo das vidas sucessivas, outros atributos foram também sendo desenvolvidos, como a razão de ser, o entendimento, a lógica, o juízo, o propósito, o objetivo e, por fim, já em estágio bem adiantado, a concentração e o pensamento. A criatura, tendo conquistado a capacidade de pensar, inicia o desenvolvimento dos atributos morais do espírito, os quais, quando vivenciados no dia-a-dia, proporcionam uma conduta cujo resultado é usufruir de uma felicidade relativa.

Os atributos morais do espírito são os seguintes: firmeza de caráter, honradez, equilíbrio mental, domínio de si mesmo, disciplina, percepção, concepção e capacidade de trabalho.

O Espírito, também através da sua peregrinação evolutiva, já com milhares de reencarnações, desenvolve também uma faculdade chamada mediunidade intuitiva, que seria uma espécie de sexto sentido, capaz de perceber o que aos outros escapa. A potência dessa mediunidade varia de indivíduo para indivíduo. Portanto, em nosso atual estado evolutivo, somos todos médiuns.

Para encerrar o assunto desta noite, vou comentar o que o Sr. Racional pensa sobre a evolução. Diz ele o seguinte: o homem surgiu neste mundo como resultado da evolução dos animais que o precederam. E, apesar do adiantamento atual do planeta, a marcha evolutiva nos três reinos da natureza (mineral, vegetal e animal) prossegue sem qualquer interrupção ou alteração. As condições para evoluir dos que iniciam agora o seu progresso em corpo humano são mais favoráveis ao seu desenvolvimento mental.

Embora essas criaturas, iniciando a sua marcha evolutiva, possam ser consideradas muito mais evoluídas que os animais, de onde se originaram, são ainda desprovidas de razão, sendo suas vidas muito mais orientadas pelo instinto.

Não é admissível que o “deus” que as seitas ensinam os povos semiletrados a adorar, sendo onipotente e soberanamente justo e bom, fosse criar um espírito mais atrasado do que outro e fizesse conscientemente o imbecil e o sábio, como justa maneira de proceder.

Desde quando foram escritos, há milhares de anos, até hoje, no Século das Luzes, os livros que compõem a Bíblia embevecem e atrofiam o raciocínio de milhões de espíritos adoradores. A revelação da vida, apresentada por este livro, é cheia de incoerências, absurdos e contradições, porque foram baseadas em sandices, intuídas por espíritos do Astral Inferior que se diziam profetas, atuando em médiuns confabuladores, desequilibrados, iguais a muitos que andam por aí, a explorar a credence dos adoradores, de onde auferem grandes lucros, explorando a ingenuidade dos ignorantes.

A compreensão e o conhecimento das coisas são frutos da evolução do Espírito, e muitos dos que hoje estão encarnados já consideram a vida sob um aspecto que mais se aproxima da Verdade.

O desconhecimento da Lei da Evolução provoca na humanidade profundos desentendimentos, os quais geram muitas tragédias, muitos males, muitas desgraças, inclusive o ódio, as guerras, a miséria e a fome.

A humanidade, vítima do dogma da salvação, ensinado pelas religiões adoradoras, induz a criatura encarnada ao comodismo, que impede o trabalho, o esforço, a luta para evoluir e toma o progresso material como um mal, acreditando que poderão melhorar de vida com a proteção das supostas divindades, ou espíritos protetores, confiando na “graça” e nos “favores do céu” para saírem-se bem na vida.

— *Tio Marcos, como é pensar certo? - perguntou Marquinho.*

Pensar certo é pensar com lógica, racional e coerentemente. Vou lhes dar um exemplo: numa sala de aula, o professor de português solicitou aos alunos que fizessem uma redação de vinte linhas sobre o que estavam vendo. E mostrou-lhes uma folha de papel com um ponto no centro.

Terminada a aula, o professor recolheu as composições e leu as mais diferentes colocações.

Um aluno tinha visto uma estrela brilhando no firmamento. Outro descreveu uma mosca morta no leite. Outro, um urso num campo de neve. Outro, um barquinho no mar e assim por diante. Somente um não era sonhador. Era racional e coerente, e escreveu o que estava vendo: “Uma folha de papel com um ponto negro pintado no centro”. Deu as dimensões aproximadas da folha, avaliou a espessura do papel e presumiu que o ponto estava no centro da folha.

Quando as situações da vida forem negativas, pensar certo é a melhor forma de reagir a esse estado. Nessas situações devemos modificar nossas ações, buscando um desempenho positivo.

Façam um esforço, se preciso for, consciente, deliberado para interpretar papéis positivos, criados por vocês mesmos, em suas mentes. Se preciso for, renunciem a algum objetivo ou vantagem material.

Também devemos ter paciência no relacionamento com o nosso próximo, sem sermos covardes nem irresponsáveis.

No início da minha carreira profissional na Petrobrás em Cubatão-SP, tive um chefe, Eng. San Giovanni, pessoa íntegra, de grande capacidade de trabalho e muito conciliadora.

Na primeira vez que entrei no seu gabinete, deparei com a fotografia de um sapo, enquadrado e pendurado na parede, atrás da sua mesa de trabalho, bem no alto. Era uma fotografia grande, colorida.

Depois de tratar com ele o assunto que me levava até lá, perguntei-lhe qual o significado daquele sapo. Ele sorriu e me respondeu:

— É a primeira coisa que olho, quando aqui chego de manhã. E logo penso: quantos sapos engolirei hoje? E, em seguida, justificou essa sua atitude dizendo:

— As discussões estéreis não levam a nada e a troca de farpas e desaforos nos fazem muito mal. Os insultos nos envenenam a alma. Se tenho que corrigir alguém o faço com energia, porém respeitosamente, com educação, embora muitas vezes tenha vontade de sair aos gritos.

Por isso, caros sobrinhos, nas situações difíceis, somos nós que devemos controlar a evolução dos acontecimentos e não deixar que situações negativas nos controlem.

O Racionalismo Cristão ensina que, quando discutimos com alguém, nossa mente sintoniza-se com as mentes desencarnadas do Astral Inferior, atraindo falanges inteiras de espíritos galhofeiros, que se divertem com os desentendimentos e com as discussões e bate-bocas, sugando as energias anímicas dos contendores. Por isso, evitem as discussões.

Tio Marcos parou de falar, olhou para o seu relógio de pulso e disse:

— Por hoje basta. Boa noite, moçada.

7. Raça I

As crianças, sentadas á mesa, tinham um ar cansado, pois trabalharam a tarde inteira, ajudando tia Zinha a fazer pamonhas.

Foram dois sacos de milho verde que Marquinho e Serginho descascaram.

Solange e Maria tiraram das espigas descascadas os estigmas, ou cabelos do milho, que eram guardados numa vasilha, para serem usados para fazer chá. Era um poderoso diurético. A Fernanda separava as palhas.

Boris e Silvinho ajudaram Severo a ralar as espigas descascadas e já sem cabelos, enquanto tia Zinha preparava as palhas de milho para embrulhar as pamonhas, atando-as depois com cordão de algodão, para não desmancharem durante o cozimento.

Dona Maria preparava o toucinho para ser derretido e, com a banha derretida e bem quente, escaldar a massa ralada e peneirada, para tirar o bagaço. O grande segredo de fazer a pamonha era adicionar essa gordura fervendo até o ponto certo, quando a massa não a absorvesse mais. Dona Maria era perita nesta arte. No final, sempre separava um pouco de massa para fazer pamonha doce, pois a pamonha goiana é salgada.

Dona Maria tinha colocado um tacho no fogão com água pela metade para ferver e cozinhar as pamonhas. Era a última operação do processo de fabricação, que terminava com o mutirão da limpeza.

Fazer pamonha era um ritual. No meio da lida, quantos “causos” surgiam! Todos tinham estórias para contar.

Tio Marcos, com as mãos apoiadas na borda da mesa, principiou...

De hoje em diante, iremos falar dos povos que colonizaram o Brasil. É comum dizer-se que o brasileiro é o fruto da mistura de três raças: a branca, a negra e a vermelha. Mas não é bem assim, porque a palavra raça não dá idéia dos níveis evolutivos destes povos, isto é, da cultura que possuíam. Por isso perguntamos: que brancos, que negros e que índios formaram o povo brasileiro? Até 1822, ano da Independência do Brasil, os brancos que emigraram para o nosso país eram em sua quase totalidade portugueses. Eram brancos muito diferentes dos que colonizaram os Estados Unidos (ingleses) ou o Canadá (franceses). Do

mesmo modo, os negros que vieram para cá não são os mesmos que foram para os Estados Unidos ou para a Jamaica ou para o Peru. E, por fim, os índios brasileiros são muito diferentes dos índios mexicanos, bolivianos, colombianos e dos Estados Unidos.

Quando se fala do encontro dessas três raças, é preciso lembrar as condições em que ele se deu: os brancos eram senhores, os negros eram escravos e os índios, povos conquistados. Mais do que as diferenças de pele, as condições desse encontro marcaram fortemente a sociedade brasileira. Hoje, as condições são outras, mas as raízes do passado ainda estão muito fortes.

— *Tio Marcos. por que existem gente branca, preta, amarela, etc?*
- *perguntou Fernanda.*

A pele que reveste o corpo humano é constituída por duas partes: a epiderme, que é a parte externa, a que enxergamos, e o derma, parte interna, sobre a qual se assenta a epiderme.

A epiderme é revestida por uma película transparente, incolor, permitindo ver-se as cores por baixo dela.

Logo abaixo dessa parte transparente, encontra-se uma camada especial de células que produzem uma substância marrom-escura, chamada melanina.

Agora vocês podem compreender por que algumas pessoas têm a pele mais escura do que as outras.

As pessoas de cor negra não têm uma quantidade maior de células produtoras de melanina, em comparação com a das pessoas de cor branca. A diferença é que as células das pessoas negras produzem mais melanina. Se as células produzem apenas um pouco de melanina, a pessoa terá uma pele muito branca, muito clara. Há uma anormalidade congênita chamada albinismo que se caracteriza pela ausência total ou parcial do pigmento da pele. São pessoas totalmente brancas, mesmo as de raça negra. Se o conjunto de células da pele não produzir melanina uniformemente, a pessoa terá uma pele manchada e será sardenta. Se cada célula produzir uma grande quantidade de melanina, a pele será marrom-escura, tão escura que realmente parecerá preta.

Os cientistas não sabem por que as células da pele se comportam desta maneira. Alguns naturalistas acham que a pele escura ajudou os povos antigos a viver bem na África, onde o sol é abrasador e há poucas nuvens.

Quando os homens se instalaram nas regiões situadas bem ao norte do planeta, em terras onde o tempo é frequentemente nublado, com pouco sol, aqueles que tinham pele mais clara se adaptaram melhor. Gradativamente estes povos se tornaram pálidos. Sua pele, na atualidade, é quase branca, mas parece às vezes rosada, por causa do sangue, cujos vasos sanguíneos situam-se logo abaixo da epiderme.

Alguns povos do Oriente não são nem escuros, nem róseos. Sua pele tem coloração dourada. Esta cor vem de uma fina camada de gordura amarela, situada por baixo da camada que contém os vasos sanguíneos. A substância amarela que colore esta camada de gordura é chamada caroteno. É o mesmo corante da gema de ovo, da manteiga de leite, da cenoura, etc. Por que esses povos têm mais caroteno que os outros? Não sabemos, ainda.

Nós não devemos ter preconceito quanto à cor da pele dos outros.

Como espíritos que somos, devemos pensar: “Eu sou eu. Nesta encarnação estou habitando um corpo branco, ou preto, ou amarelo, ou vermelho, ou mestiço, masculino ou feminino”. Isso significa que o planeta Terra não é habitado por corpos, mas sim por “eus”, que simplesmente vivem encarnados em diferentes corpos. A essência do “eu” não é negra, nem branca, nem vermelha, nem amarela, nem mestiça, nem masculina, nem feminina. Ela apenas é. Nossa percepção, nosso “eu” não é masculino nem feminino. Não é branco, nem negro, nem de qualquer outra cor. Simplesmente é, e os corpos que habitamos são nossos trajes, nossas roupas para bem convivermos com as condições físicas do planeta Terra e para representarmos nossos papéis, durante nossas passagens pelo cenário do mundo em que vivemos. E não se esqueçam! Esses papéis nós mesmos o escolhemos antes de reencarnar, e todo sucesso ou insucesso que ocorrer no desempenho deles dependerá exclusivamente de nós próprios, através do uso que fizermos do nosso livre-arbítrio durante a vida.

— *Tio Marcos, está correto nós usarmos, em nossa conversação, as expressões “Graças a Deus”, “Se Deus quiser”, “Deus lhe pague”, “Tenho fé em Deus”, etc? - perguntou Serginho muito sério.*

— *Está muito errado - respondeu tio Marcos. E continuou ...*

Este costume de em nossas conversas estar-se louvando ou usando para tudo a figura de Deus é um condicionamento que o Catolicismo, usando no ritual da missa velas e incenso, hipnoticamente introjetou no

inconsciente das beatas e das mais diferentes pessoas, geralmente pobres, ingênuas e semiletradas. Estas expressões são ditas pelos fanáticos que não sabem pensar. Não sabem usar o livre-arbítrio nem o raciocínio para resolver os seus problemas existenciais. Tornam-se mendigos da caridade divina, verdadeiros escravos psíquicos. As religiões transformam milhares de romeiros, devotos dos santos ou seguidores de seitas espíritas em verdadeiros aleijados mentais que precisam das muletas da proteção divina para resolver as suas dificuldades morais e financeiras. Não sabem que é somente com pensamentos de valor, com força de vontade, com raciocínio, com trabalho e com o livre-arbítrio que as pessoas resolvem os seus problemas.

Mas voltemos ao assunto que iremos tratar: os índios.

Quando se fala em índios, muita gente pensa que são selvagens que vivem em aldeias cercadas. Pensam também que matam os inimigos e durante as suas danças praticam o canibalismo, isto é, devoram a carne humana. Essa prática é chamada antropofagia. Mas isso não é verdade. Trata-se de um preconceito que o colonizador estendeu a todos os povos indígenas, quando conheceram os índios tupinambás, que praticavam o canibalismo durante os rituais guerreiros. Os tupinambás pertenciam a diversas tribos tupi-guaranis que habitavam o litoral do Brasil, no século XVI.

No início da colonização, em 1700, existiam no Brasil mais de 3 milhões de índios, que doenças e guerras de conquista reduziram a pouco mais de 200 mil nos tempos atuais. Em 1900, havia 230 grupos tribais, mas muitos deles desapareceram nos últimos oitenta anos. Mesmo assim, existem ainda no Brasil quase 150 povos indígenas, que falam mais de cem línguas diferentes. Apesar de haver semelhanças, cada povo possui características físicas, língua e costumes próprios, que o diferenciam dos demais. Além das várias línguas diferentes, existe grande diversidade biológica, como, por exemplo, no grupo tupi, os índios são baixos; entre os tupinambás, predominam indivíduos de estatura média e magros; já os índios do Alto Xingu são bem altos e corpulentos, existindo entre eles os da raça kreen-akore, que têm pele escura e são quase negros.

As aldeias variam de tribo para tribo. Os antigos tupinambás construíaam suas aldeias dispondo as casas em círculos; os xavantes já dispunham as suas casas em semicírculos, formando uma ferradura, e os

caiovás têm suas aldeias reduzidas a uma enorme casa. Várias tribos são seminômades, ou seja, parte do ano permanecem na aldeia e na época da seca vagueiam à procura de alimentos, construindo pequenos abrigos.

A diversidade dos índios brasileiros também é grande no que diz respeito à produção de alimentos. Existe uma estreita relação entre os costumes alimentares e os recursos naturais da região onde cada tribo vive. Por exemplo: os índios do Alto Xingu dedicam-se muito mais à pesca do que à caça; caçam individualmente e preferem a caça de aves. Já os timbiras fazem grandes caçadas coletivas, pois a caça tem enorme importância na sua alimentação.

As técnicas agrícolas são quase as mesmas nos vários grupos tribais, mas existem muitas diferenças quanto ao tamanho das roças, a quantidade e o tipo de produtos cultivados. A agricultura dos xavantes consiste apenas no plantio de três vegetais: o milho, a fava, uma espécie de vagem, e a abóbora. Já os índios mundurucus, que vivem na bacia do Rio Tapajós, plantam mandioca, batata-doce, milho, fava, abóbora, cará, ananás e pimenta.

Ao chegarem à América, os europeus pensavam ter chegado às índias. Por isso, chamaram de índios todas as populações aqui existentes, do norte ao sul do continente americano, embora eles fossem radicalmente diferentes, tanto no aspecto físico como no cultural, como, por exemplo, os tupinambás do Brasil e os iroqueses da América do Norte.

— *Tio Marcos, qual era a religião dos índios? - interrompeu Fernanda, que gostava muito da história dos índios.*

— *Espere um pouquinho que vamos chegar lá. Mas, antes, quero lhes falar sobre o governo dos índios.*

No Brasil, eles não tinham um chefe responsável por todos. O chefe era sempre o chefe da aldeia, geralmente chamado de cacique, morubixaba, tuxaua, etc. A transmissão dessa chefia podia ser hereditária, isto é, de pai para filho, ou não. Os caciques deviam conduzir a aldeia nas mudanças de região, na guerra; deviam manter a tradição, determinar as atividades diárias e responsabilizar-se pelo contato com outras aldeias ou com os civilizados. Muitas vezes, eles eram assessorados por um conselho de homens experimentados, que os auxiliavam em suas decisões.

Os primeiros povos a serem escravizados no Brasil foram os índios.

— *Tio Marcos, como surgiram os escravos? - perguntou Maria.*

Desde a Antigüidade, 3000 anos a.C., os escravos eram os prisioneiros de guerra. Seus conquistadores os faziam trabalhar na canga, isto é, quais bois de carro, presos por uma peça de madeira que se prendia ao pescoço.

Às vezes, assaltantes atacavam pequenas cidades chamadas burgos simplesmente para capturar escravos. Outras vezes, prendiam homens, mulheres e crianças de tribos nômade para vendê-los.

Escravos com cangalhas eram postos a trabalhar, construindo canais e cavando minas. Movimentavam os enormes remos das galeras, que eram antigas embarcações, compridas e estreitas, com cerca de quinze a trinta remos de cada lado. Cada remo era manejado por três ou cinco homens. Algumas galeras envergavam velas náuticas redondas ou retangulares e podiam ter até três mastros.

Frotas de galeras eram usadas pelos cartagineses, romanos, fenícios, etc., por volta de 900 a. C.

Em Tiro, uma grande cidade da Fenícia, havia um grande mercado de escravos de todas as raças que abastecia as cidades e os palácios do Oriente. Vendiam-se como escravos os prisioneiros de guerra. Negociava-se com negros da Líbia, da Nigéria, da Etiópia ou com brancos capturados na Grécia, no Cáucaso ou com crianças que os pais, naquela época, trocavam por bugigangas.

Mas nem todos os escravos eram prisioneiros de guerra. Muitos homens livres, que tomaram dinheiro emprestado e não puderam pagar, vendiam-se como escravos ao agiota, ou então vendiam sua mulher e seus filhos.

Em 500 a.C., algumas cidades gregas mandavam expedições assaltarem regularmente, em busca de riquezas e de cativos que tivessem habilidades profissionais. Esses prisioneiros eram transformados em escravos nas oficinas das cidades.

Explorando a escravidão, os gregos tinham todo o conforto que quisessem e desprezavam aqueles que se preocupavam com coisas corriqueiras do dia-a-dia. Todo artesão, tanto livre quanto escravo, era olhado com desdém.

Nas idades Moderna e Contemporânea, os europeus que conquistaram a América não acharam facilidade em escravizar os índios. Então eles passaram a capturar negros na África. Isso não foi porque certas raças se prestavam à escravidão mais do que outras. Isso aconteceu porque os africanos não podiam correr de volta para suas casas, mas os índios podiam, e fugiam.

Com a chegada dos portugueses, os índios perderam as suas terras, e foram caçados como animais, para serem obrigados a trabalhar. Na região de São Paulo, por exemplo, eram organizadas verdadeiras caçadas aos índios pelos bandeirantes. Os bandeirantes eram integrantes de expedições armadas que, partindo geralmente da capitania de São Vicente ou de São Paulo de Piratininga, desbravavam os sertões, no começo do século XVIII, a fim de aprisionar índios ou descobrir minas de ouro. Eram expedições organizadas no período colonial pelas autoridades ou por particulares, para explorar o interior do Brasil com fins comerciais. Essas expedições fundaram cidades, abriram caminhos e ampliaram nossas fronteiras.

Tio Marcos fez uma pequena interrupção e, olhando para Fernanda, falou:

— Fernanda, agora vamos falar da religião dos índios.

No Brasil, muitas tribos praticam os ritos de passagem, que se referem à gestação, ao nascimento, à iniciação à vida adulta, ao casamento e à morte. As tribos também possuem os seus mitos.

— Tio Marcos, a que é mito? - interrompeu a jovem.

Mitos são histórias que contam fatos dos tempos heróicos e também traduzem a idéia que fazem do Universo. Poucos índios acreditam na existência de um ser supremo, senhor de todas as coisas. A maioria deles acredita em heróis místicos, misteriosos, muitas vezes nas figuras de dois gêmeos, responsáveis pela criação dos animais, das plantas e dos costumes. Emile Durkheim (1858-1917) escreveu, no fim do século XIX vários estudos sobre as sociedades abrangendo os povos primitivos, como os nossos índios. Ele contribuiu muito para uma ciência chamada Sociologia.

— Tio Marcos, o que é mesmo Sociologia? - perguntou Boris.

Sociologia é a ciência que estuda as relações sociais, as leis e as instituições. É a ciência dos fenômenos sociais. Não confundam Sociologia com Socialismo.

Socialismo é um sistema dos que querem reformar a sociedade, pregando a comunhão dos meios de produção e a volta dos bens materiais à coletividade. Mas estamos saindo do nosso assunto. Estamos falando da religião dos índios. Como eu estava dizendo, um sociólogo francês do século XIX, chamado Durkheim, estudando as práticas religiosas dos povos selvagens, considerou a mentalidade desses povos como pré-lógica, isto é, numa fase anterior ao desenvolvimento da razão, propriamente lógica. São politeístas, isto é, acreditam em vários deuses e numa concepção fantasiosa do mundo, cheia de mistérios e superstições. Essa concepção continua a existir ainda, nas civilizações agrárias e pastoris.

Estes povos primitivos, não podendo explicar os fenômenos da natureza, achavam que esses fenômenos eram obras de muitos deuses. Desta forma, eram divinos o vento, os rios, a terra e principalmente os astros, onde supunham que moravam os deuses.

Na Antigüidade, no Egito e na Mesopotâmia, estes povos cultuavam deuses protetores e demônios vingativos. Eram representados com a cabeça de um animal e o corpo de um homem ou com a face humana sobre um corpo de animal.

No Egito, a esfinge de Gizé representa um monstro fabuloso, com corpo de leão e a cabeça de gente. Era originalmente a guardiã do monumental conjunto arquitetônico de Quéfren, constituído pelas majestosas pirâmides construídas pelos faraós da IV dinastia, Quéops, Quéfren e Miquerinos, que edificaram aí o seu vasto complexo funerário. Essa esfinge de Gizé tem os traços fisionômicos do faraó Quéfren. Napoleão Bonaparte, em 1798, vindo conquistar o Egito, parou em frente das pirâmides e disse:

— Soldados! Do alto destas pirâmides, quarenta séculos vos contemplam.

Entre esses povos primitivos e a nossa civilização, temos uma grande distância que vai da selva à nossa sociedade industrial, e é a mesma que existe entre a imaginação e a realidade.

Os povos ditos selvagens, apesar de humanos nos corpos, são ainda espiritualmente muito jovens e, assim, muito atrasados em

raciocínio, vivendo mais pelo instinto do que pelo raciocínio ou pelo pensamento.

Esses silvícolas das Américas difundiram entre os seus conquistadores costumes primitivos e deletérios, como, por exemplo, o vício de fumar. Este vício tem trazido à humanidade um grande malefício, e trouxe também a magia negra, causadora de loucos.

Também surgiram entre eles tensões sociais e preconceitos, provocando manifestações de agressividade e violência.

Essa situação ocorre em razão de os seres humanos, habitantes do planeta Terra, possuírem, como eu já disse, graus evolutivos desiguais, isto é, possuem atitudes, modos de agir, costumes, conhecimentos e valores de juízo muito diferentes. As reações aos estímulos da vida também são muito diversos, pois há os que se comprazem no vício, no crime e os que cultuam a virtude, em razão de possuírem graus de espiritualidade diferentes.

Uma das principais características que diferenciam os seres humanos entre si é a sua capacidade para aprender e acumular conhecimentos.

Desde que nascemos, começamos a aprender uma série de coisas de nós mesmos e da realidade que nos cerca, da qual fazemos parte.

Fazemos isso, durante a vida, de diferentes maneiras, através da experiência individual, usando os nossos sentidos (visão, tato, audição, olfato e paladar) e os nossos atributos (sensibilidade, firmeza de caráter, honradez, equilíbrio mental, lógica, domínio de nós mesmos para o bem, disciplina, raciocínio, inteligência, percepção, concepção, força de vontade e trabalho). Nesse processo, além das experiências sensoriais, também memorizamos os resultados dessas experiências. Durante a vida, vivenciamos diferentes experiências, registrando os resultados. Por isso, somos capazes de imaginar, reconhecer e enfrentar novos acontecimentos. Toda essa experiência é transferida do cérebro físico, através do cérebro do corpo espiritual (corpo astral, perispírito), ao espírito, que vai compondo um grande arquivo consolidado. Depois da nossa desencarnação, já em nosso mundo de estágio, esses conhecimentos recém-adquiridos na última encarnação serão incorporados definitivamente à nossa personalidade espiritual. E nas futuras reencarnações, manifestaremos esses conhecimentos na forma de aptidões, facilidade de compreensão, vocação, capacidade de raciocinar e encontrar soluções através da criatividade.

O ponto que mais se destaca na sociedade é a desarmonia. Ela começa na família e estende-se à cidade, ao país e ao mundo. Isto ocorre em virtude dos graus de esclarecimento existentes entre as diversas classes de espíritos, pois espiritualidade e intelectualidade são atributos muito diferentes entre si. A compreensão e o conhecimento das coisas são frutos da evolução do Espírito, e muitos dos que hoje estão encarnados já consideram a vida sob um aspecto que se aproxima cada vez mais da espiritualidade.

— *Tio Marcos, o que é reencarnação? - perguntou Fernanda.*

A reencarnação consiste em admitir que o Espírito evolui através de várias existências sucessivas em mundos materializados. A reencarnação também é tratada como pluralidade da existência em vários livros da literatura espiritualista.

Os Vedas, constituídos por quatro livros sagrados, escritos na mais remota antigüidade pelos hindus, pregam a imortalidade da alma e a lei da reencarnação. No livro *Bagavad-Gita*, obra-prima da filosofia bramânica, o “Eu Superior” Krishna transmite ao “Ego” Arjuna a maneira de se libertar do fluxo dos renascimentos.

O Hinduísmo admite a reencarnação e a metempsicose. A metempsicose significa a encarnação da alma do homem no corpo de animais, como punição temporária, mas o Sr. Racional não admite isso. Os animais não possuem sistema nervoso desenvolvido para comportar o potencial das emoções humanas.

O Budismo também prega a reencarnação. No Tibete, existem muitos mosteiros budistas, principalmente em Lassa, sua capital, situada a 3500m de altura, no Himalaia. Nesses mosteiros, além da reencarnação, também se admite a transmigração da alma, que é uma doutrina segundo a qual a mesma alma pode animar sucessivamente corpos diversos, homens, animais e vegetais. Também admitem que, com a desencarnação de um mestre espiritual, este pode reencarnar e mais tarde ser reconhecido ainda criança. O chefe supremo dessa religião e do Estado teocrático do Tibete é chamado Dalai-Lama. Em 1950, tropas comunistas chinesas ocuparam o Tibete, incorporando o país à China.

O Cristianismo primitivo admitia a reencarnação. Orígenes (185-254), escritor grego cristão, teólogo e comentarista da Bíblia, foi padre da Igreja de Alexandria e admitia a preexistência da alma, como

necessidade lógica para a explicação de certas passagens da Bíblia, chegando à conclusão de que, se a reencarnação não existisse, Deus seria sumamente injusto. Em 250, Orígenes, por sua celebridade, foi perseguido pelo imperador romano Décio, que na época perseguia os cristãos. A tese de Orígenes sobre a reencarnação foi rejeitada pelos concílios da Igreja, quando foram estabelecidos os dogmas fundamentais da Igreja Católica, que adotou a tese da unicidade das existências, isto é, a alma teria uma única existência e após a morte submeter-se-ia ao Juízo Final, indo parar no céu, purgatório ou inferno. Mas as sandices dos concílios não pararam por aí. Em 787, por ocasião do 2º Concílio de Nicéia, foi instituído o culto às imagens nas igrejas, com a obrigatoriedade de se prestar veneração e adoração honorífica às imagens de barro ou madeira, sob pena de excomunhão. Este concílio deu ao Catolicismo todas as características de paganismo, restabelecendo a adoração dos ídolos. Deixou de ser cristão para ser pagão. A reencarnação foi ensinada por Jesus antes dos Evangelhos, através da seguinte lei: “Não as façam que as pagas”.

O Universo Espiritual é o nosso mundo eterno, preexistente e sobrevivente a tudo, o que quer dizer que sempre existiu e sempre existirá.

Quando um espírito vai habitar um mundo materializado, dizemos que ele reencarnou e nessa ocasião perde a recordação das suas vidas passadas. Existem as reencarnações planejadas em que o Espírito, encontrando-se no seu mundo de estágio, prepara-se para reencarnar e, na ocasião propícia, nasce num mundo-escola. Nenhum espírito sai da atmosfera da Terra diretamente para a reencarnação. Precisa, antes, passar pelo mundo de estágio a que pertence, para depurar-se das perturbações ocasionadas pelo Astral Inferior.

Existem também as reencarnações compulsórias, em que os espíritos reencarnam independentemente da sua vontade. O livre-arbítrio de cada um é coarctado temporariamente e eles iniciam o processo reencarnatório.

O Espírito, em reencarnando, traz consigo a memória anímica, registrada em seu corpo astral, conseqüentemente conservando uma espécie de atavismo espiritual, responsável pelos seus apetites grosseiros, por seus instintos rudes, ou melhor, por seu caráter, suas aptidões e tendências afetivas e intelectuais. Nesse estado, reiniciará a depuração das suas imperfeições, através da dor e do sofrimento.

— *Tio Marcos, o que é atavismo? - perguntou Boris.*

A ciência biológica diz que atavismo é a “herança de certos caracteres físicos ou psíquicos, remotos, de quem se descende”.

O Dr. Pinheiro Guedes (1842-1908) diz que é “o predomínio da alma sobre o corpo”.

O Sr. Racional diz que é “o modo de ser que o perispírito conserva da forma e do caráter adquiridos em vidas passadas, próximas ou remotas”.

Como exemplo de atavismo, podemos citar: um homem de forma e gostos feminis; uma mulher de aspecto e aptidões masculinas, ou ainda, o que não é raro, pessoas que herdam o tipo de um animal e, como ele, seus instintos, embora brandos.

Portanto, o corpo astral conserva o modo de ser de existências anteriores.

Nós, espíritos encarnados, na atual fase evolutiva em que nos encontramos, já realizamos milhares de encarnações, sendo aproximadamente 50% delas como homem e 50% como mulher.

As características físicas e psíquicas de cada sexo são muito diferentes. O Espírito, como homem, molda-se para a sobrevivência, para a luta, para a conquista, para a guerra. Como mulher, molda-se para ser mãe, para procriar, para atender à criança. Portanto, é delicada, meiga e passiva. Quando um espírito, por necessidade evolutiva, deixa de reencarnar como homem, para vivenciar a experiência de ser mulher, ele passa, no seu mundo de estágio, por um processo psíquico de adaptação, para perder as características masculinas, desenvolver o modo de ser e as formas femininas.

Desenvolvidos essas características psíquicas do sexo em que o Espírito vai reencarnar, estaria pronto para iniciar a sua nova trajetória evolutiva.

Muitas vezes, por razões de resgates dolorosos, um espírito na condição de homem deverá compulsoriamente nascer como mulher. Atendendo à lei: “Não as façás que as pagas”, nascerá sem ter tido tempo de realizar a sua adaptação psíquica à sua nova condição de existência como mulher. E, por atavismo, apesar de possuir todas as características físicas femininas, o seu comportamento psíquico será de homem.

Para reencarnar, o Espírito sofre um processo de materialização de longa duração, via útero, cuja gestação dura nove meses, gerando um corpo que viverá aproximadamente oitenta anos. O Espírito, que é luz no seu mundo de estágio, reduz o seu corpo astral à dimensão do de um bebê e passa a presidir a formação do feto no útero da mãe, permanecendo do lado de fora do corpo físico desta, mais do lado esquerdo. Durante a gestação, vai ligando-se fluidicamente, molécula a molécula, ao feto. À medida que dura a gestação, o corpo astral vai crescendo, acompanhando o corpo físico do bebê, e o processo de ligação somente se completa imediatamente após o nascimento da criança. O crescimento do corpo astral continua até a idade adulta do espírito reencarnante.

Quando um espírito encarnado não tiver mais erros a resgatar, portanto, não havendo mais necessidade de depuração, os sofrimentos desse espírito quase desaparecem. Os bons hábitos tomam o lugar dos maus, as correntes do Astral Superior afastam os espíritos do Astral Inferior e começa, então, a haver mais saúde e mais tranqüilidade. Os seus negócios prosperam, a amizade no meio social floresce e a vida se transforma para melhor. Nessa condição, esses espíritos já atingiram a 18ª classe.

Passam a pertencer aos mundos diáfanos. Somente reencarnarão novamente em mundos materializados em missão a serviço do Astral Superior.

Entretanto, há espíritos que não conseguem progredir nos mundos materializados. Eles estacionam, envolvidos pelas sensações materiais. Por isso, estes espíritos preferem continuar sua trajetória evolutiva nos mundos opacos, a serviço dos espíritos dos mundos superiores. Desta forma, estão sujeitos a uma evolução mais lenta, embora segura.

Tio Marcos levantou-se e foi até a janela. Olhando para a imensidão sideral, continuou.

Para bem compreendermos a vida dos homens encarnados, precisamos entender claramente as diferenças culturais dos povos. Temos, desta diferença cultural, registrado um exemplo em nossa história, que é o seguinte: todo o esforço dos padres jesuítas para catequizar os nossos índios fracassou, em virtude do desnível cultural existente entre os padres e os indígenas. Pois bem, o Padre Manoel da Nóbrega, vivendo no Brasil desde 1549, sempre a serviço da catequese,

deixou escritos dois livros notáveis: *Informações das Terras do Brasil*, publicado em 1549, e *Diálogo sobre a Conversão dos Gentios*, em 1557. Neste último livro, o Padre Manoel da Nóbrega confessa o doloroso fracasso da catequese. Nesta época, o Padre Anchieta e o Padre Manoel da Nóbrega admitiam que somente com a violência, com a força, poderiam sujeitar os índios a Cristo, o que negava a própria essência da catequese.

Bem, vamos voltar para o nosso assunto, os índios, interrompido pela pergunta de Fernanda sobre reencarnação, e de Boris sobre atavismo.

As tribos de índios possuem um chefe espiritual chamado pajé. Ele é um misto de sacerdote, profeta e médico-feiticeiro. Ele conhece a arte de curar, onde entram infusões de plantas medicinais, benzeduras e cantorias, com as quais tratam as mordeduras e picadas de animais peçonhentos e de algumas doenças.

O Sr. Racional explica que todos nós possuímos uma faculdade chamada mediunidade intuitiva. Essa mediunidade possibilita a comunicação entre as pessoas encarnadas e a alma dos mortos, principalmente de espíritos do Astral Inferior. A mediunidade intuitiva é congênita, isto é, nasce com o indivíduo. A potência da mediunidade varia de pessoa para pessoa, de acordo com o desenvolvimento que a criatura vai adquirindo, fruto de estudo, raciocínio e sofrimento, das dores e angústias da vida que a alma encarnada vai enfrentando e vencendo, como cantava o poeta Gonçalves Dias: “Viver é lutar”.

O Sr. Racional dizia sempre que “na vida devemos saber esperar, mas lutando sempre”, e diante dos sofrimentos, a grande escritora racionalista cristã Maria Cottas afirmava: “Tudo passa na vida”.

Como eu estava dizendo, os pajés, possuindo a mediunidade intuitiva mais desenvolvida que os demais índios da tribo, podiam realizar curas, principalmente conhecendo a ação curativa das plantas, que a ciência denomina Fitoterapia.

Quero chamar atenção de vocês sobre o seguinte fato, muito bem estudado pelo Sr. Racional: o médium não é um santo. É um homem comum com a faculdade mediúnica mais desenvolvida que os demais, como se tivesse uma vista melhor ou um ouvido mais apurado.

Os médiuns desconhecedores da Doutrina Racionalista Cristã acham que foram contemplados com um “favor divino”, por “uma graça” do “Pai Celestial”. Essa maneira de pensar é falsa. Os médiuns

são espíritos endurecidos. Muitas vezes, esta faculdade é uma condição para vivenciarem a vida fora da matéria e é uma última oportunidade para se depurarem a serviço do Astral Superior.

Se comerciarem com essa faculdade, como a maioria dos médiuns que se dizem espíritas fazem, geralmente perdem a mediunidade, passam a mistificar e acabam avassalados por espíritos do Astral Inferior, normalmente desencarnando por morte violenta em acidentes e, quando não, por assassinatos. Se falirem, após curta permanência em seus mundos de estágio, voltarão em condições muito piores que as da sua última encarnação.

Tio Marcos levantou-se e bocejando disse:

— Quem está com sono hoje sou eu. Boa noite a todos.

8. Raça II

Tio Marcos, acabando de tomar o cafezinho que esta noite fora servido por tia Zinha, na saleta das palestras, como ficou sendo chamada a salinha do quarto das meninas, iniciou o assunto da noite, com as seguintes palavras:

Assim como os europeus conquistadores rotularam os nativos americanos de índios, denominaram a todos os africanos, que viviam ao sul do deserto do Saara, de negros.

A partir de 1500, Portugal monopolizou o tráfico de escravos, de ouro e de marfim da África e de especiarias do remoto Oriente.

Portugal, tendo como vice-rei da Índia Afonso de Albuquerque, tornou-se uma das mais poderosas e ricas nações da Europa. Afonso de Albuquerque (1445-1515) tinha uma personalidade múltipla. Era profundo conhecedor de ciência, grande navegador, militar talentoso e ótimo administrador. Hábil diplomata, estendeu o império português, conquistando em 1507 o estreito de Ormuz. Em 1510, conquistou Goa e em 1511, Málaga, destruindo o poderio mercantil árabe. Obteve no Oriente a submissão de pequenos reinos e exclusividade do comércio. Auferiu grandes lucros e tornou os portugueses grandes comerciantes, como o foram os fenícios, os gregos e os cartagineses da Antigüidade. Lisboa tornou-se entreposto do comércio da Europa com o Oriente, arruinando os mercadores de Veneza e de Alexandria.

Nessa época, o Brasil ainda não interessava ao governo nem aos comerciantes portugueses, pois não tinha importância econômica e só oferecia ao comércio a sua madeira vermelha, o pau-brasil. Essa madeira foi objeto de intenso comércio nos tempos coloniais, em virtude do corante vermelho que se extraía dela, utilizado para tingir tecidos e fazer tinta de escrever.

A partir de 1530 Portugal percebeu que, para tomar conta do Brasil e ter lucro com isso, era preciso colocar mais gente na terra. Era preciso colonizar o Brasil para que produzisse riquezas. Para isso, enviou em 1532 uma expedição comandada por Martim Afonso de Souza, que marcou o início da colonização do Brasil.

Em 1536, D. João II, rei de Portugal, dividiu o Brasil em catorze capitanias hereditárias.

Enquanto os portugueses se interessavam apenas pelo pau-brasil, suas relações com os indígenas eram amistosas. Todavia, depois de 1530, os índios habitantes do litoral começaram a ser desalojados de suas terras e convertidos em mão-de-obra barata. Foram forçados a trabalhar nos canaviais em expansão, pois, nessa época, os portugueses eram os maiores fornecedores de açúcar para a Europa.

Como os índios escravizados acabavam fugindo ou morrendo, em 1559 teve início a importação de negros africanos como escravos, para trabalharem nos canaviais.

D. Sebastião (1554-1578) foi o décimo sexto rei de Portugal. Subiu ao trono com 14 anos de idade. Desde então, pensava obsessivamente em conquistas na África. Mais tarde, insistindo nesse projeto, pediu auxílio a Felipe II de Castela, o qual era herdeiro do trono português no caso de D. Sebastião desaparecer. Com 24 anos de idade, em 1578, partiu de Lisboa para o Algarve com uma armada de 500 navios. Na África, teimou em entrar pessoalmente em combate contra o príncipe mouro Abdal-Malik. Expôs-se a perigos. Não acreditou quando os seus observadores lhe disseram que os mouros tinham forças superiores. Em 4 de agosto de 1578, travando a batalha de Alcácer-Quibir, D. Sebastião foi morto. Em Portugal, a expectativa do seu retorno gerou o estado de espírito conhecido como sebastianismo.

Após o desaparecimento de D. Sebastião, Felipe II, rei da Espanha e primo de D. Sebastião, pelo suborno e pela força, conquistou o trono português.

Sob o domínio espanhol Portugal decaiu.

No Brasil, nessa época, os portugueses, para conquistar o Nordeste, tiveram que enfrentar os corsários franceses, holandeses e ingleses, além das tribos indígenas locais.

A partir de 1600, os franceses, com auxílio dos índios tupinambás, tentaram estabelecer uma colônia no Maranhão. Nessa época, o produto básico da economia do Brasil era a cana-de-açúcar, cultivada em grande escala em Pernambuco. Outra atividade importante, que também começou no Nordeste, foi a criação de gado bovino, como atividade paralela aos engenhos de açúcar.

A união de Portugal com a Espanha, que durou sessenta anos, permitiu aos portugueses aumentar o seu império brasileiro. Não havendo mais fronteiras com as colônias espanholas, os bandeirantes avançaram para o interior e conquistaram grande parte do nosso

território: Paraíba, Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará, Maranhão, Pará e Amazonas.

A partir do século XVI, algumas expedições armadas, denominadas entradas, foram enviadas ao interior do Brasil para procurar pedras preciosas e ouro. Estas entradas abriram caminho para que bandeiras, de iniciativa particular, demandassem os sertões brasileiros, em busca de escravos índios, mão-de-obra mais barata que os negros.

Em 1637, a idéia de separar Portugal da Espanha começou a tomar vulto. Pensou-se logo em D. João, duque da Casa de Bragança, uma das mais ricas e nobres de Portugal. A situação interna da Espanha se apresentava propícia ao movimento de separação de Portugal. Dado o golpe em 1º de dezembro de 1640, em Lisboa, o duque foi aclamado rei em 15 de dezembro do mesmo ano, passando a chamar-se D. João IV.

Do Brasil, no dia 27 de fevereiro de 1641, o Padre Vieira embarcou para Portugal. Deixava Vieira a Bahia, depois de ali ter passado os 27 anos mais decisivos da sua formação. Em 30 de abril, foi recebido por D. João IV e desde então passou a assessorar o rei antes de qualquer decisão importante. O Padre Antônio Vieira nasceu em 1608 e desencarnou em 1697.

Antônio Vieira é o patrono do Racionalismo Cristão na Terra, e após 213 anos da sua desencarnação, na Bahia, passou a ser o mentor espiritual de Luiz José de Mattos e Luiz Alves Thomaz, para fundarem em Santos, no ano de 1910, o Racionalismo Cristão.

Foi no final do século XVII que foram descobertas as primeiras minas de ouro no Brasil.

Essas minas deslocaram o eixo econômico e político do litoral nordestino para o centro-sul, em especial para Minas Gerais, onde se desenvolveu uma verdadeira civilização do ouro, acompanhada de notável florescimento cultural.

Nessa época, governava Portugal D. João V, o Magnânimo, que reinou de 1706 a 1750. Riquezas fabulosas, provenientes das minas de ouro e diamantes do Brasil, entraram em Portugal. Mas essa riqueza não foi empregada por D. João V no desenvolvimento da economia portuguesa. Esbanjou-as com intensa prodigalidade. O luxo da corte era deslumbrante. Quando D. João V morreu, deixou o Estado endividado e o povo espoliado pelos altos impostos.

Sucedeu-lhe D. José I, o Reformador, rei de Portugal de 1750 a 1777. Ao assumir o trono, escolheu para ministro José de Carvalho e Mello, depois Marquês de Pombal, que se revelou o mais ilustre estadista da história de Portugal.

A partir do século XV, os brancos começaram a chegar à África e a tomar conta de tudo. Os africanos começaram a ser caçados e empilhados em navios e levados para outras terras, como a América do Norte, América Central e a América do Sul. Portanto, desde 1700, os portugueses, espanhóis e ingleses iniciaram intenso e muito lucrativo tráfico de escravos, trazendo milhares de negros da África para o Brasil, onde foram concentrados unicamente nas áreas de agricultura de exportação, espalhando-se posteriormente por todo o território brasileiro, trabalhando em plantações de cana-de-açúcar e de café.

Os povos africanos trazidos para o Brasil vinham de regiões diferentes, possuindo cada povo cultura e costumes diferentes entre si.

Os negros eram vendidos para fazendeiros, em substituição à mão-de-obra escrava dos índios, nas lavouras de cana-de-açúcar. A substituição dos índios pelos negros aconteceu principalmente porque trazer africanos para o Brasil e vendê-los acabou virando um grande negócio para o rei e para os próprios comerciantes portugueses.

Os negros trazidos para o Brasil pertenciam a três grupos bem diferentes. Foram os seguintes:

1. *Sudaneses*: constituídos por povos nagôs que habitavam a África Ocidental.

2. *Guineenses*: praticavam a religião islâmica ou muçulmana, isto é, acreditavam no profeta Maomé e seguiam o Alcorão, livro sagrado do Islamismo.

Os negros da Guiné conheciam mais as técnicas agrícolas do que os próprios colonos brancos. E logo passaram a tomar as decisões nas fazendas, pois os colonizadores portugueses deixavam tudo por conta deles. Além dos europeus colonizadores terem muita dificuldade em trabalhar no calor dos trópicos, eram nobres. Os nobres portugueses contemplados com as capitânicas hereditárias mantinham no Brasil os mesmos costumes e tradições da corte, isto é, não trabalhavam para ganhar a vida. A nobreza da época, pertencente a vários países da Europa, considerava o trabalho indigno. Dedicava-se à guerra, às aventuras violentas, à caça e aos esportes. Enquanto os negros, adaptados ao clima tropical, trabalhavam nus da cintura para cima, o

branco, ao contrário, continuava usando a roupa que era moda na Europa, própria para os climas frios.

3. *Bantos*: pertencentes a diversas tribos das regiões de Angola, Congo e Moçambique, inicialmente foram introduzidos em Pernambuco, Alagoas, Maranhão, Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo.

Já os sudaneses foram concentrados inicialmente na Bahia e no Maranhão.

É claro que essa distribuição de escravos visou somente atender às necessidades de mão-de-obra do ciclo da cana-de-açúcar. No ciclo da mineração, época em que os portugueses e também muitos brasileiros exploravam as minas de ouro, diamantes e outras pedras preciosas, por volta de 1700, os negros sudaneses foram deslocados para as regiões de mineração em Minas Gerais, Mato Grosso e Goiás.

A casta de negros mais procurada nos mercados de escravos era de sudaneses, pertencentes ao povo iorubano da Nigéria, também conhecidos como nagôs. Eles eram inteligentes, altos e fortes.

Assim, começava uma vida totalmente diferente para os africanos, num país distante e estranho, num lugar onde se falava uma língua diferente, com costumes e religião também diferentes e com um tipo de atividade obrigatória, disciplinada e forçada: o trabalho. Não havia mais a vida de liberdade das tribos. Os parentes, pais, filhos, tios, avós, netos, primos, que formavam famílias, foram separados uns dos outros. É claro que os negros não podiam ficar satisfeitos com essa situação. Muitos se suicidavam, outros se recusavam a trabalhar e conseqüentemente eram castigados violentamente. Houve casos de revoltas em que matavam fazendeiros ou os capatazes encarregados de vigiar o trabalho escravo nas fazendas.

— *Tio Marcos. por que Deus permitiu que se fizesse essa grande maldade com os escravos? - perguntou Solange.*

Tio Marcos respondeu calmamente.

Porque o deus cultuado pelas religiões dos povos não existe e é claro que, não existindo, não poderia fazer nada.

O Sr. Racional explica que foi o homem quem imaginou, concebeu e criou os deuses. Criou-os mentalmente, com a forma humana e as mesmas qualidades e defeitos que o homem possui.

Para a maioria dos homens, que não raciocina, que não gosta de pensar, deus é uma entidade que se presta a promover castigos, distribuir

graças e a lavar, em caráter eterno ou temporário, condenações e absolvições.

É comum atribuir-se a Deus, cujos desígnios afirmam ser impenetráveis, a responsabilidade de grande parte das coisas que acontecem na Terra. Dessa maneira, se desencarna uma pessoa da família, foi Deus quem a levou. Se acontece um desastre, Deus assim o quis. Se alguém escapa de ficar sobre as rodas de um automóvel, a Deus passa a ser creditado o salvamento da quase vítima. A individualidade fica sempre subordinada à ação de uma terceira entidade, e essa subordinação exerce esmagadora influência negativa sobre o espírito humano.

Repetindo, o Sr. Racional ensina que os espíritos encarnados e desencarnados são Partículas Inteligentes emanadas do Grande Foco. Ele também demonstra ser o Universo constituído de Força e Matéria. A Força incita e movimenta todos os corpos e enche o espaço infinito de vida.

Repetindo: a Força existe latente no reino mineral. É vida no reino vegetal e é Vida e Inteligência no reino animal.

Força é a expressão empregada quando ela se associa à Matéria, e Grande Foco significa o agente universal, na sua concepção infinita. São, porém, termos sinônimos, têm igual sentido.

Ninguém, por mais sofista que seja, poderá apontar em qualquer destas duas expressões, Grande Foco ou Força, a mais ligeira afinidade com o vocábulo deus, já tão desmoralizado pelo sentido mesquinho e materialista que lhe emprestam os adoradores de todas as religiões, e existem mais de oito mil delas no mundo todo.

O Principio Fundamental da Vida, inclusive o progresso dos povos, no Universo, é a evolução. Nela reside a base do entendimento para tudo o que se passa dentro e fora do alcance da visão humana.

Mas vamos continuar a história dos negros no Brasil.

A partir do início do século XVII, os escravos que conseguiam fugir das fazendas e dos engenhos começaram a reunir-se em lugares seguros, onde ficavam vivendo em liberdade, longe dos seus senhores. Esses lugares chamavam-se quilombos. Alguns chegaram a durar muitos anos e os mais importantes foram o de Palmares, no Nordeste, e o do Jabaquara, em Santos. O primeiro foi fundado em 1694 e o segundo, em 1886.

No início do século XVII, um grande conjunto de quilombos formou-se na região de Palmares, que ficava situada ao norte do Brasil, entre o Rio São Francisco e os sertões de Pernambuco, onde hoje é o estado de Alagoas, 30 léguas dentro do sertão. O nome Palmares foi dado devido ao grande número de palmeiras nativas na região. O quilombo mais importante chamava-se Palmares e era situado junto à Serra da Barriga. Foi o mais importante deles e durou 65 anos. Chegou a contar com uma população de 20 mil pessoas, o que era uma quantidade respeitável de habitantes na época. Era um quilombo formado de vários outros, organizado sob a forma de reino.

Quando houve a segunda invasão holandesa, em Pernambuco, realizada de 1630 a 1654, os diversos quilombos que compunham Palmares foram bastante aumentados, isto porque inúmeros escravos deixaram as fazendas onde viviam e iam refugiar-se neles, aproveitando a ausência dos seus senhores, que fugiam dos holandeses.

Enquanto os brasileiros e portugueses lutavam contra os holandeses, os fugitivos trataram de fortificar os seus quilombos o melhor possível.

Os negros fugitivos, predominantemente de Angola, instalaram em Palmares um tipo de Estado africano baseado na pequena propriedade e na policultura.

Depois de expulsos os holandeses, o governo de Pernambuco entrou em guerra contra esse quilombo, com o objetivo de reaver as terras ocupadas pelos negros.

Em 1695, um exército composto por índios e brancos, comandado pelo bandeirante Domingos Jorge Velho, especializado na captura de índios do Nordeste, após ter sitiado Palmares durante 22 dias, fez chegar ao fim a resistência do quilombo, que por aproximadamente cinquenta anos suportou dezessete tentativas de invasão. Zumbi, o chefe do quilombo, foi aprisionado juntamente com 500 negros.

Diz a lenda que, para não retornar ao cativeiro, Zumbi, encurralado pelas tropas de Domingos Jorge Velho, num gesto teatral, atirou-se de braços abertos num precipício, juntamente com muitos de seus companheiros.

Tio Marcos, olhando para as crianças, perguntou:

— *Vocês conhecem a história de um negro que ficou conhecido com o nome de Chico Rei?*

—*Não - responderam todos em coro.*

—*Pois bem, vou contá-la resumidamente.*

Numa aldeia africana, certa noite, quando se realizava uma das festas que eram comuns ali, os brancos atacaram de surpresa. Pouco sobrou da alegre aldeia. Alguns negros fugiram, outros foram mortos ou abandonados por serem velhos ou estarem feridos, e o restante aprisionado. A família real da aldeia, o rei, a rainha e seus filhos, foi aprisionada e misturada no porão do navio com os demais escravos.

Durante a viagem, que durou vários meses, o rei e um de seus filhos conseguiram sobreviver. Os outros, juntamente com a rainha, não resistiram. Depois de muito tempo de viagem, o navio chegou ao Brasil. Aquela leva de escravos foi vendida e enviada para Minas Gerais. Era final do século XVII. Os bandeirantes haviam descoberto muitas jazidas de ouro. Desde então, desencadeou-se uma verdadeira corrida para o sertão de Minas Gerais, em busca de ouro. O Brasil iniciava o ciclo da mineração.

Em Minas Gerais, o rei africano recebeu o nome de Francisco e ficou sendo conhecido por Chico.

Chico aceitou a sua sorte e tratou de trabalhar com gosto. O seu filho ficou trabalhando junto com ele, seguindo o seu exemplo, sem se revoltar.

Pouco tempo depois, ficaram muito queridos por causa de sua dedicação ao serviço. Chico, então, começou a sonhar em ter o seu reino de volta aqui no Brasil. Era inteligente. Formulou um plano e tratou de realizá-lo.

Chico começou a guardar todo o dinheiro que ganhava. Como era muito esforçado e trabalhava com capricho, seu senhor sempre lhe dava algumas moedas, que iam imediatamente juntar-se às anteriores.

Depois de muito sacrifício, conseguiu acumular o suficiente para comprar a liberdade de um escravo. Mas não pensem que ele comprou a própria liberdade, não! Ele comprou a liberdade de seu filho.

O senhor de Chico ficou muito impressionado com a nobreza de seu escravo. O negócio foi acertado e o filho de Chico ganhou liberdade. Aí, os dois uniram as suas forças. Um juntava dinheiro daqui e o outro de lá. Transcorreu algum tempo e novamente Chico apresentou-se ao seu senhor e comprou a sua liberdade.

Tão logo se viu livre, foi morar com o filho numa pobre cabana. Trataram de juntar mais dinheiro e libertaram outro escravo que pertencia à sua tribo.

Outra vez, os três economizaram dinheiro e libertaram um quarto. Assim continuaram até que todos os escravos pertencentes à tribo de Chico ficaram livres.

Chico, agora conhecido como Chico Rei, continuou a ser o rei de sua gente e formou uma comunidade que ele próprio dirigia com grande capacidade.

Chico, mais tarde, casou-se, e seu filho também, formando uma nova família real.

Jamais um espírito deverá deixar-se abater. Um acidente desfavorável, uma vicissitude, um infortúnio, uma desgraça não significa mais do que um incidente passageiro. Um revés deve servir para chamar a atenção para algo que foi negligenciado, ou que era desconhecido. Muitas vezes um insucesso chega até a ser útil, pois, de qualquer modo, sempre há de haver uma experiência a colher e uma lição a guardar, em cada sofrimento que nos ocorre.

Na vida, nada acontece por acaso. Tudo tem a sua explicação, o seu motivo, a sua causa, a sua razão de ser. Ninguém pode aprender somente com o êxito, pois também se aprende muito com a dor. A felicidade, a saúde e o bem-estar não seriam tão desejados se fossem desconhecidas a desgraça, a doença e a miséria. Na luta pela vida, muitas vezes a melhor estratégia não é a revolta, mas sim a renúncia.

Bem, voltemos ao nosso assunto: toda a escravidão do negro no Brasil foi descrita e ressaltada pela obra de um dos maiores poetas brasileiros, chamado Antônio de Castro Alves (1847-1871), o qual, sempre a serviço da causa abolicionista, fez da sua poesia uma arma para defender os escravos. A causa abolicionista lhe inspirou uma coletânea de poemas, publicados postumamente, em 1883, sob o título *Os Escravos*. Imortalizou-se com o seu livro *Espumas Flutuantes*.

No Rio de Janeiro, Castro Alves foi amigo de Rui Barbosa e recebeu elogios de dois dos maiores escritores brasileiros da época: José de Alencar e Machado de Assis.

— *Tio Marcos, qual era a religião dos escravos? -perguntou Boris. interessado.*

Não era somente combatendo nos quilombos que os negros resistiam à escravidão. Havia outra forma de resistir a essa situação. Era através da religião, dos cultos, da música, da dança e do artesanato, predominando a cultura dos povos iorubas. A língua que eles falavam, o nagô, se converteu por algum tempo na língua geral dos negros da Bahia. Um dos aspectos mais marcantes dessa cultura é a religião dos orixás, oriunda da Nigéria. Os nomes dos orixás tornaram-se conhecidos de todos: Oxalá, Xangô, Exu, Ogum, Yemanjá, Yansã, Oxum e Oxossi.

Para conseguirem a sobrevivência da sua religião, no período da escravidão, até 1888, quando a escravidão foi abolida no Brasil, os negros associaram os orixás aos santos do catolicismo vigente. Por exemplo: Oxalá era o Senhor do Bonfim, Xangô era São Jerônimo e Ogum, São Jorge.

Embora difundidos por outras partes do Brasil, os rituais nagôs ou qualquer das grandes festas dos iorubas eram chamados de candomblé e se concentravam no recôncavo baiano.

A respeito da religião dos negros e demais povos primitivos, o Positivismo ensina que o espírito humano deve renunciar a querer conhecer a natureza das coisas e contentar-se com as verdades tiradas da observação e da experiência dos fenômenos. Mas, para vocês entenderem em que fase evolutiva encontra-se a religião dos negros, vamos ver o que a filosofia positivista diz a respeito.

Vocês sabem que filosofia é uma forma de explicar o conjunto das coisas que constituem a natureza e o Universo. Na Antigüidade houve vários filósofos famosos, dos quais vou destacar os seguintes: Hermes no Antigo Egito; Krishna na Índia; Sócrates, Platão, Aristóteles, Euclides e Arquimedes na Grécia. A contribuição desses filósofos gregos para a humanidade foi notável. Eles ensinaram que a razão era a maior faculdade do espírito, apesar de não existir na Antiga Grécia o ambiente racional dos tempos modernos. Mas, como estamos falando da religião dos negros, vamos ver o que Augusto Comte escreveu sobre esse assunto.

Augusto Comte (1798-1857), pensador francês, publicou em 1842 o livro *Curso de Filosofia Positiva*, onde classificou as ciências, segundo uma ordem de complexidade crescente. Também formulou a lei que denominou Lei dos Três Estados, que descreve as etapas sucessivas seguidas pelo desenvolvimento da humanidade. Essas etapas são as seguintes:

1. *Estado teológico*: nesta fase do seu desenvolvimento, o homem explica os fenômenos da natureza recorrendo aos seres sobrenaturais. Inicialmente cultua objetos, depois passa para o politeísmo, isto é, acredita na pluralidade de deuses. É o caso dos romanos e dos gregos da Antigüidade, os quais possuíam uma imensa galeria de deuses. Este também é o caso dos nossos negros, pois são politeístas acreditando em vários orixás. Passando dessa fase politeísta, a humanidade atinge o monoteísmo. Por exemplo: o povo hebreu, que adora Jeová, o deus único.

2. *Estado metafísico*: neste estado, o homem quer conhecer a essência dos seres e suas causas. O deus supremo é a natureza. O estado metafísico confunde-se com a doutrina do filósofo Spinoza (1632-1677) que prega a identificação de deus com o mundo. “Só o mundo é real, sendo deus a soma de tudo quanto existe.” Esta filosofia chama-se panteísmo.

Tio Marcos fez uma pequena pausa e acrescentou:

— *Eu não quero que vocês acreditem que deus seja o mundo. O mundo que nos cerca é um efeito. A causa é a atuação do elemento Força associado ao elemento Matéria. A Força age em obediência às leis evolutivas, naturais e imutáveis, utilizando-se da Matéria no estado primário desta, e com ela realizando fenômenos incontáveis e indescritíveis, muitas vezes predominando a Vida e a Inteligência. Ao agente universal, na sua concepção infinita, chamamos Grande Foco e, quando da sua associação com a Matéria, para produzir o mundo que nos envolve, chamamos de Força. O Sr. Racional sempre repetia: “No Universo somente existem Força e Matéria”.*

3. *Estado positivo ou científico*: o homem, na busca da Verdade, restringe-se somente aos fatos e tenta explicá-los estudando e descobrindo as leis que os regem. É nesse estado que atualmente encontra-se a humanidade ocidental, desde que Galileu usou o método experimental para investigar as leis da natureza.

O pensamento positivista influenciou muito a primeira legislação republicana brasileira. Promoveu a separação entre a Igreja Católica e o Estado brasileiro. O lema “Ordem e Progresso” da nossa bandeira também é de origem positivista.

Como eu estava dizendo, os bantos eram negros de estatura baixa e fisicamente mais magros do que os sudaneses. Foram inicialmente

instalados no Rio de Janeiro, Minas Gerais, São Paulo e Mato Grosso. Os bantos desenvolveram cultos afro-brasileiros, bastante marcados pelo sincretismo, isto é, pela fusão de elementos culturais diferentes. Podemos entender o sincretismo afro-brasileiro como a associação das crenças indígenas com as crenças católicas, mais as crenças espíritas kardecistas, adicionando tudo isso à religião dos orixás e que hoje, genericamente, chama-se de umbanda.

Aqui no Brasil, os bantos, negros oriundos do sul da África, também chamados de angolas, cabindas, benguelas, congos e moçambiques, desenvolveram um culto de magia negra, isto é, a magia praticada com maus propósitos, constituída de bruxarias e também adivinhações pela invocação de espíritos inferiores, para consertar a vida das pessoas ou fazer o mal, mediante o pagamento de “serviços” ao pai-de-santo. Esta linha chama-se candomblé.

A umbanda possui no Brasil milhares de seguidores num processo cultural onde se misturam as crenças portuguesas, indígenas e africanas, formadoras da cultura da nação brasileira. Em seus altares vivem juntas as imagens de Cristo, Nossa Senhora, orixás, caboclos e pretos velhos. Ela não é a soma das antigas religiões, mas algo novo, diferente.

O Sr. Racional ensina que o espiritismo que se pratica no Brasil é magia negra, cuja assistência astral é obsessora e danificadora de corpos e almas, pois são espíritos do Astral Inferior — mesmo os benévolos — carregados de fluidos deletérios, causadores de muitos malefícios aos encarnados. Além do mais, consciente ou inconscientemente, os freqüentadores desses centros e que também prestigiam os pais-de-santo e outros médiuns mistificadores, além de muito se prejudicarem com essa freqüência, correm sérios riscos de ficarem obsedados, paralíticos e até com a vida material e familiar arruinada, pois vivem saturados de fluidos pestilentos.

Ensina também que o espiritismo místico praticado por criaturas ignorantes do que sejam Força e Matéria, base da composição do Universo e de tudo o que existe, somente males, somente danos morais e materiais pode produzir, e de fato produz, sendo esta a razão de muitas criaturas sensatas não levarem a sério tais práticas. Outro não foi também o motivo de os egípcios e gregos haverem ocultado ao povo ignorante o conhecimento do espiritismo científico, por não estar a

população preparada para praticar essa verdadeira ciência, cuja chave da sabedoria está no pensamento e na ação.

Cada ser encarnado tem que evoluir por si, e para isso deve esclarecer-se para não andar por aqui e ali, à procura da salvação espiritual, da melhoria dos negócios e da família, oferecendo dádivas aos antros espíritas, aos pais-de-santo, a São Jorge, Cosme e Damião e outros que tais.

Não negamos que existam criaturas bem-intencionadas em todas as seitas e no espiritismo religioso, mas a boa intenção não basta. É preciso luz espiritual, raciocínio clarividenciado para o ser humano poder habilitar-se à correção de todas as suas fraquezas, domínio dos seus maus instintos, controle dos pensamentos, e despojar-se de todos os pensamentos que a consciência lhe apontar como inferiores, e desenvolver pensamentos puros, de amor à Verdade e ao próximo.

Ninguém melhor do que José Bonifácio de Andrada e Silva (1763-1838), o Patriarca da Independência, lutou pela abolição da escravatura no Brasil. Um ano após a Independência do Brasil, em 1823, apresentou à Assembléia um projeto de lei, constituído por uma análise da escravidão dos negros e uma exposição de motivos, seguidas de 32 artigos, para serem objeto de uma nova lei, que ele requereu, para regulamentar e propiciar a futura libertação dos escravos. Esse trabalho foi publicado em 1825, sob o título *Representação á Assembléia Constituinte e Legislativa do Império do Brasil sobre a Escravatura*.

Na exposição de motivos desse trabalho, vou mencionar o seguinte trecho, que bem retrata a sociedade brasileira da época: “Qual é a religião que temos, apesar da beleza e santidade do Evangelho que dizemos seguir? A nossa religião é pela maior parte um sistema de superstições e de abusos anti-sociais. O nosso clero, em muitas partes, é ignorante e corrompido, é o primeiro que se serve de escravos, e os acumula para enriquecer pelo comércio e pela agricultura, e para formar, muitas vezes, com as desgraçadas escravas um harém turco”.

— *Bem, queridos sobrinhos! Vamos dormir para repor as energias anímicas gastas no dia de hoje. Boa noite a todos.*

9. Raça III

Os meninos e as meninas, sentados à mesa, aguardavam a chegada de tio Marcos, que estava terminando uma conversa com vô Mário.

Tio Marcos chegou, sentou-se e começou ...

Hoje vamos recordar um pouco da história do homem branco, conquistador do Brasil.

Um dos períodos da História de maior interesse para os brasileiros é o das grandes navegações, que na linha do tempo estão localizadas entre 1400 e 1550.

A História registrou três povos que se destacaram como grandes navegadores. Foram os fenícios, os lusitanos e os espanhóis.

Os fenícios tinham as galeras, que eram embarcações longas e com os bordos baixos, movidas a remos, e serviam tanto para a marinha de guerra como para a marinha mercante.

As galeras de guerra possuíam proa reta, terminada num esporão agudo, horizontal, ao nível do mar. Algumas possuíam dupla ou tripla fila de remeiros. Não conheciam a bússola. Navegavam à noite, no hemisfério norte, guiados pela estrela Polar, uma estrela fixa de segunda grandeza localizada mesmo em cima do Pólo Norte. Este meio de orientação dos navegantes era usado desde a mais remota antigüidade.

Os lusitanos conheciam a técnica de navegação através de barcos equipados com velas náuticas, impulsionados somente pelos ventos. Sabiam decompor a força dos ventos em vetores, rumando para qualquer direção, mesmo contra o vento, usando o “efeito asa” para a impulsão do barco.

Os espanhóis também foram grandes navegantes. Em 1492, os reis da Espanha Fernando V, de Aragão, e Isabel I, de Castela, formaram uma frota de três caravelas, sob o comando de Cristóvão Colombo, nomeando-o vice-rei das suas futuras descobertas, e propiciaram a descoberta da América, onde construíram um grande império.

Os portugueses, voltados para a conquista da África e das Índias, deixaram que a oportunidade dessa grande descoberta lhes escapasse, em favor da Espanha.

No século XV, os portugueses iniciaram a exploração do Oceano Atlântico, principalmente da costa ocidental africana, rumo ao sul. Acabaram por contornar o Cabo da Boa Esperança e conseguiram chegar às Índias, através do Oceano Pacífico, usando grandes barcos veleiros.

Para atingir esse objetivo, D. Henrique (1394-1460), o Navegador, fundou em 1433 a Escola de Navegação de Sagres.

No Castelo de Sagres, que se erguia junto ao Cabo de São Vicente, à beira do Atlântico, D. Henrique reuniu os mais famosos especialistas em navegação da época: geógrafos, cartógrafos, matemáticos, mestres da construção naval, pilotos, marinheiros e navegadores. Construiu um observatório astronômico e estaleiros para construção de caravelas.

Saíram de Sagres os conquistadores da Guiné, dos Açores, de Cabo Verde, da Madeira, da África, da Ásia e da Oceania.

O Castelo de Sagres foi destruído em meados do século XVI, pelo corsário inglês Francis Drake, e o terremoto de 1755 que atingiu Portugal acabou com todas as construções do tempo de D. Henrique, sobrando somente uma rosa-dos-ventos daquela época.

Desde então, com o funcionamento da Escola de Sagres, Lisboa passou a ser um importante entreposto comercial, ampliando suas rotas mercantes do Mediterrâneo para o Atlântico.

A descoberta do Brasil e a exploração das suas minas de ouro e prata pelos portugueses contribuíram para maior enriquecimento e fortalecimento de Portugal.

As descobertas da América e do Brasil forneceram uma grande quantidade de metais preciosos a Portugal e à Espanha.

Desta forma, foram aumentados o uso e a cunhagem de moedas metálicas nestes dois países. Contudo, o ouro e a prata não ficaram em poder do governo português, nem do governo espanhol. Esses governos, considerando-se ricos, não se preocuparam com o desenvolvimento econômico de seus países. Passaram a comprar tudo o que precisavam dos países vizinhos. Suas indústrias regrediram. O ouro e a prata dos portugueses e espanhóis passaram para as mãos dos burgueses ingleses, franceses e holandeses. A partir do século XVI, o ouro e a prata oriundos de Portugal e da Espanha tornaram os burgueses mais ricos que os nobres. Até então, a nobreza era rica porque possuía somente terras. Iniciava-se, então, a Revolução Comercial, surgindo o Capitalismo. Estes capitais foram aplicados, principalmente pela Inglaterra, para

expandir a indústria de manufaturas, eliminando a indústria doméstica. O ouro do Brasil foi, no século XVIII, um dos principais fatores do surgimento da etapa seguinte: a Revolução Industrial da Europa.

Este ouro possibilitou a Portugal desenvolver técnicas navais como elaboração de cartas de navegação corretas e o emprego do astrolábio e da luneta. Toda essa tecnologia avançada para a época permitiu que as naus portuguesas atingissem mares antes nunca navegados e monopolizassem o comércio de especiarias.

— *Tio Marcos, eu não sei quem inventou o astrolábio nem a caravela - quis saber Boris, com o braço levantado.*

O astrolábio é um instrumento astronômico inventado no século II por Hiparco, um matemático e astrônomo grego. Esse instrumento serve para medir a altura de uma estrela em relação ao horizonte, isto é, acima do horizonte. Modernamente foi aperfeiçoado pelo astrônomo francês André Danjou. Trata-se de um astrolábio de prisma, dotado de aperfeiçoamento que diminui os erros de observação. O astrolábio, por sua importância para a navegação, continuou a ser aperfeiçoado e hoje foi substituído por um outro aparelho, chamado sextante, também destinado a medir a altura de uma estrela acima do horizonte. O sextante é constituído por dois espelhos e uma luneta astronômica, presos a um setor circular de 60°. Com o sextante, os navegantes conferem a rota em que estão, ou melhor, o seu curso, determinando a latitude em que se encontram.

Os conhecimentos antigos de navegação são estudados até hoje, embora as posições dos navios e dos aviões sejam atualmente determinadas por sinais radioelétricos, emitidos por satélites, por radiofarol e radiogoniômetros instalados a bordo.

Certa ocasião, na década de 60, visitando um porta-aviões com propulsão nuclear, o Enterprise, de 75 mil toneladas, perguntaram ao oficial que estava mostrando a cabine de comando:

— Se todos os aparelhos eletrônicos de navegação por satélite fossem destruídos em combate, como é que continuariam navegando?

E o oficial respondeu:

— Temos a bordo uma equipe de oficiais especializados em navegação astronômica, isto é, pelas estrelas. Jamais perderíamos o rumo nem a posição.

Agora vou falar sobre a caravela, a qual foi uma obra-prima da construção naval portuguesa. Era um veleiro rápido, embora de pequena tonelagem. Possuía casco arredondado, apropriado para grandes navegações oceânicas. As caravelas eram aparelhadas com quatro mastros e velas de bastardo, isto é, velas triangulares, que se armam numa verga que cruza o mastro. Levavam até dezoito canhões. Foram as naus dos descobrimentos, usadas pelos portugueses.

Já os espanhóis usavam grandes veleiros chamados galeões, armados para a guerra e utilizados também para transportar ouro e prata das suas colônias nas Américas.

Os galeões eram navios de bordo alto e no século XVI os portugueses também os usaram nas rotas comerciais para as Índias. O galeão também foi criado em Portugal, no final do século XV, especialmente destinado à proteção das frotas mercantes. Esses navios foram substituídos pelos clíperes. Eram grandes veleiros de formas finas, mastros altos, proa lançada e grandes superfícies de velas. Eram velocíssimos para a época, 1700.

— *Tio Marcos, o nosso professor de História, comentando as descobertas de novas terras pelos portugueses, salientou que certos historiadores afirmam que o Brasil foi descoberto bem antes de 1300. O que o senhor acha disso? - perguntou Marquinho.*

Esta é uma velha controvérsia. A história do Brasil e a história de Portugal possuem falhas, pois o grande terremoto que atingiu Lisboa em 1755 destruiu muitos documentos históricos. Contudo, existem documentos, quer no Vaticano, quer no Arquivo Português, que comprovam não ter sido a descoberta do Brasil feita por Pedro Álvares Cabral, nem tampouco a América por Cristóvão Colombo. Historiadores como Assis Cintra afirmam que o Brasil foi descoberto por Sancho Brandão, pois, em 1342, já havia portugueses em São Vicente-SP e alguns até com família constituída com índios de tribos que habitavam a região.

Cabral não foi mais do que um enviado diplomático, mandado com certeza absoluta ao Brasil, para que se tornasse pública a sua descoberta. Isto porque fora necessário ocultá-la do Vaticano na ocasião, pois a Igreja Católica Romana também decidia sobre a posse das terras descobertas.

Por ocasião da descoberta do Brasil, o papa de então era espanhol. Sendo assim, o rei de Portugal, D. João II, teve o cuidado de escondê-la do mundo. Não confiava a ninguém o lugar onde estavam guardados tais documentos, comprobatórios dessa descoberta, pois trazia sempre consigo as chaves do esconderijo. Eram mapas e cartas de navegação que lhe tinham sido entregues, comprovando a localização do Brasil, portanto a sua descoberta e também a da América do Norte e América Central. D. João II pouco se importava com o resto. O que ele não queria era perder o Brasil. E assim sendo, provocou com êxito a celebração do Tratado das Tordesilhas, em julho de 1494, entre ele, rei de Portugal, e Fernando e Isabel de Aragão e Castela, pelo qual delimitavam-se os direitos de Portugal e da Espanha nos descobrimentos marítimos realizados e por realizar. Desta forma, tocaria à Espanha todas as terras situadas a oeste da linha meridiana imaginária, situada a 370 léguas de Cabo Verde.

Com esse tratado, pertenceria a Portugal o Brasil, cujas terras eram, então, desconhecidas do Papa Alexandre VI, que homologou o tratado, pouco importando a D. João II que o restante das terras, localizadas a oeste dessa linha imaginária, ficasse com a Espanha. O Brasil estava salvo.

Destacamos que a nação portuguesa, do século XV ao século XVIII, possuía uma grande e valorosa plêiade de espíritos superiores encarnados, constituindo um conjunto de almas muito desenvolvidas, pois Portugal, somente com dois milhões de habitantes, quase dominou o mundo. Toda essa história, toda essa glória foi cantada pelo poeta português Luís Vaz de Camões (1524-1580), autor do poema épico *Os Lusíadas*, no qual ressaltou os grandes feitos heróicos das descobertas marítimas de Portugal. Este livro foi publicado em 1572, com licença da Inquisição. Camões morreu pobre, num hospital de Lisboa.

Mas, continuando a história das descobertas, o acesso a essas novas terras abriu caminho para o contato com uma enorme quantidade de fatos, até então ignorados, ampliando extraordinariamente os conhecimentos acumulados pelos europeus.

Após a descoberta de um novo território, havia a preocupação de ocupá-lo o mais rapidamente possível, e também para saber que tipos de dificuldade essas terras ofereciam à sua ocupação e à sua exploração econômica.

Aplicava-se o princípio de “melhor conhecer para melhor dominar”, principalmente no que se referia aos aspectos militares. Feito o primeiro reconhecimento, isto é, conhecido o inimigo, o terreno, planejava-se e organizava-se a ocupação, construindo fortes e outras benfeitorias militares. Era, então, implantada pela força a cultura católica, impropriamente chamada Cristianismo, como veremos mais adiante, para catequizar, para pacificar, para explorar economicamente os povos conquistados, tomando-lhes as melhores terras cultiváveis. Dizia-se depois nas igrejas que “os mansos herdarão a terra”, sem explicar, porém, que “os mansos” significavam tropas disciplinadas, isto é, formadas por homens escolhidos, bem pagos, treinados, armados e cuidadosamente comandados por uma hierarquia selecionada, com alto grau de escolaridade, preparada por escolas militares criadas para ensinar tecnologia da guerra e logística e para agir como força de ocupação e defesa, em qualquer situação de emergência que compromettesse a ordem estabelecida pela nobreza dominante.

A origem da população branca do Brasil é muito diversificada. Durante mais de três séculos, o território brasileiro foi exclusivamente colonizado por portugueses, dos quais herdamos a língua e a cultura. Após a Independência do Brasil, ocorrida em 1822, grandes contingentes de imigrantes europeus entraram no país, principalmente italianos, espanhóis, alemães e poloneses. Contudo, os fundamentos da cultura brasileira continuaram os mesmos, dados pelos colonizadores portugueses.

A nacionalidade portuguesa e a sua cultura foram forjadas durante séculos de lutas contra o infiel muçulmano. A unidade de Portugal foi mantida pela religião católica, numa campanha heróica, impedindo a expansão da conquista árabe e finalmente expulsando os mouros em batalhas ferrenhas. Desta forma, na colonização do Brasil, os portugueses preocuparam-se menos com a unidade racial do que com as questões de fé. Importava, realmente, que os habitantes do Brasil pertencessem à fé católica. A colonização do Brasil, culturalmente, ainda foi a continuação das cruzadas contra os infiéis muçulmanos. Assim a nova cultura gerada no Brasil, nos últimos cinco séculos, foi profundamente marcada pela religiosidade católica portuguesa.

No entanto, os portugueses que passaram a conviver com negros e com índios, num território totalmente diferente do europeu, transformaram-se, mudaram os seus costumes, o seu modo de pensar, as

suas crenças. Tornaram-se brasileiros. Processo similar ocorreu com o negro e com o índio. Todos se transformaram. Nenhum deles ficou imune à presença do outro.

— *Tio Marcos, ontem ouvi o senhor falar para a Dona Maria, na hora do café, que nós temos duas vidas. O senhor poderia nos explicar isso? - perguntou Marquinho.*

O Sr. Racional nos ensina que o ser encarnado tem duas vidas: uma encarnada, material e, simultaneamente, outra espiritual; que é vivida quando dormimos. Ao desencarnar, o ser passa a ter somente a vida espiritual. Portanto, cada país possui duas humanidades. Ou melhor, a Terra carrega, qual imensa astronave, duas humanidades: uma encarnada e outra desencarnada, invisível aos nossos sentidos físicos.

O Espírito, para viver na superfície do planeta Terra, precisa vestir um corpo de carne, como os astronautas vestiram uma roupa própria, uma espécie de escafandro provido de aparelho respiratório, para poder descer na superfície da Lua.

A humanidade encarnada, todos nós a conhecemos porque estamos ligados a ela, pelo parentesco, nacionalidade, família, empregos, estudos, etc. Já a humanidade desencarnada é muito diferente da primeira, pela sua própria natureza e por serem diferentes as leis que a regem.

O parentesco existente entre os encarnados, tais como pai, mãe, filho, irmãos, avós, tios, esposa, marido, como eu disse, somente existe na Terra, enquanto estivermos encarnados. Na humanidade desencarnada, esses laços familiares deixam de existir com a desencarnação, porque os parentes desencarnados partem para mundos diferentes, por possuírem evolução, ou melhor, graus evolutivos desiguais; daí os desentendimentos que existem na maioria das famílias, pois a convivência, o relacionamento entre os espíritos oriundos de mundos diferentes é difícil. Eles não se entendem. Mesmo os irmãos gêmeos, nenhum deles têm o espírito oriundo do mesmo mundo. Também essa história que as criaturas românticas cantam em prosa e verso, letras de músicas, filmes, novelas, etc., etc., dizendo que todos nós temos uma alma gêmea, é balela. Vem da Bíblia, do Velho Testamento. No primeiro livro de Moisés, está escrito o seguinte: “Da costela de Adão que o Senhor tomou do homem, formou a mulher e a trouxe a Adão” (Gênesis, 2:21-22).

— *Tio Marcos, então quer dizer que o homem não possui mesmo uma alma gêmea? - perguntou Fernanda.*

Não. O que nós possuímos realmente são várias almas que conviveram conosco, independentemente de termos sido homem ou mulher, na luta que travamos, nas milhares de encarnações que já vivenciamos, desde as mais remotas eras. Os românticos fazem fantasia, sonhando, como nos contos de fadas. Dizem existir em algum lugar uma alma gêmea, destinada a permanecer indefinidamente ao nosso lado. Na realidade, nós nos relacionamos, durante as milhares de encarnações que tivemos, com diversos espíritos. Com eles, vivenciamos intimamente sentimentos como o amor e a amizade. Há laços fortes e profundos unindo psiquicamente essas almas. Esses laços, com freqüência, transcendem a simples amizade, até mesmo o amor biológico, romântico, apaixonado. Essas almas compartilharam juntas os melhores e os piores momentos em vidas passadas. No primeiro encontro que tivermos com algumas dessas almas companheiras, sentiremos provavelmente uma afinidade imediata.

Nós e nossas almas companheiras freqüentemente reencarnamos em épocas e locais semelhantes, propiciando encontros, fortalecendo laços.

Em cada vida, em cada relacionamento, nós plantamos as sementes que nos vão unir a outros espíritos, pois, lutando juntos, em determinada encarnação, por mais difícil que seja, todos estão crescendo psiquicamente, estão evoluindo, tendendo a atingir um grau evolutivo maior. Contudo, não devemos deixar também de considerar a Lei de Causa e Efeito: “Não as faça que as pagas”. Esta lei, muitas vezes, nos impõe relacionamentos compulsórios, difíceis, frutos de um passado delituoso. Mas, desencarnando-se, tudo acaba. Cada qual irá para o seu mundo de estágio, integrando a plêiade do Astral Superior, se a encarnação proporcionou a depuração planejada e se sua condição fizer jus, ou, então, integrará as falanges trevosas do Astral Inferior, se for um espírito que somente viveu para a vida material, como em seguida vou explicar.

Os espíritos que já desencarnaram, mas mesmo assim continuam vivendo na atmosfera do planeta Terra, constituem o Astral Inferior. São espíritos que, por razões de condição mental, não conseguiram, imediatamente após a desencarnação, demandarem os seus mundos de

origem, lugar em que deveriam permanecer estagiando durante o intervalo que existe entre as encarnações, quando consolidariam os conhecimentos adquiridos e se livrariam das imperfeições morais expurgadas pelo sofrimento, durante a vida física.

Desta forma, contrariam uma lei natural e imutável, pois o espírito desencarnado não deve continuar no planeta Terra. A Terra é destinada exclusivamente à evolução dos espíritos encarnados. Uma vez desencarnados, devem imediatamente alar aos seus mundos, àqueles de onde vieram para encarnar, de onde tiraram matéria quintessenciada para formar os seus corpos astrais, para materializar-se através de úteros.

A condição de permanecer na Terra, após a morte, causa a esses espíritos imperfeitos e ignorantes muito sofrimento. Muitos não sabem que morreram e voltam para as suas casas, após o sepultamento, e continuam convivendo com a família ou com quem os atrair pelo pensamento, ou pelos vícios, provocando mal-estar e doenças várias por ação de fluidos danosos. Muitas vezes se aproximam dos encarnados querendo ajudar, querendo participar dos problemas familiares, sem saber que os estão prejudicando.

O corpo astral desses espíritos, muitas vezes, logo após a desencarnação, toma a forma que tinha quando encarnados, pela ação dos seus próprios pensamentos, pois pensar também é criar. Muitas vezes pensam num pente e ele se forma em sua mão. Pensam na roupa que estavam vestindo e esta roupa veste-lhe o corpo astral. Percebem que alguma coisa diferente aconteceu com eles. Permanecendo neste estado, fora do seu mundo, não ouvem bem o que os encarnados falam e não são ouvidos quando falam, pois pensam que ainda têm voz. Para eles, os seus pensamentos são como se tivessem som. Ouvem os seus pensamentos como palavras articuladas.

O espírito desencarnado ainda com pensamentos materializados precisa, para viver, de energia anímica, que todos os encarnados possuem em abundância, principalmente os médiuns, em forma de fluido ectoplasmático, invisível por ser transparente, que exsudam pelos orifícios do corpo e poros da pele. Pois bem, eles aprendem a sugar esses fluidos dos encarnados desavisados, sem disciplina mental, quais mata-borrões, deixando os encarnados fracos, sem ânimo, doentes, ou induzindo doenças, muitas vezes iguais às que eles tinham ao desencarnar.

Muitos desses espíritos, de pouquíssimo adiantamento moral, sugam a energia vital do sangue dos animais domésticos degolados e oferecidos a eles em trabalhos de magia negra, ou então adentram aos matadouros e sugam, quais vampiros, a energia vital contida no sangue derramado dos animais abatidos.

Os médiuns são vítimas naturais desses espíritos de baixo nível evolutivo, razão pela qual quase todos são obsedados, avassalados por espíritos parasitas, que se apresentam como guias, mentores, etc.

Nesta condição de espíritos desencarnados, atraídos por pensamentos afins, ocupam as residências, da mesma forma que os sem-terra invadem as propriedades e ficam morando lá. Quando outro espírito deseja também compartilhar a mesma casa, o espírito que invadiu primeiro opõe-se com violência à entrada de mais um desencarnado em seu reduto, ocorrendo entre eles verdadeiras lutas corporais.

Outras vezes, esses espíritos do Astral Inferior, por afinidade mental, vão integrar quadrilhas, que vivem em aglomerados, como aquelas cidades medievais, cercadas de muralhas, fossos e portões elevadiços, com imperador, rei, príncipes, juízes, papas, guardas, prisões, etc. Formam grandes falanges, praticantes de maldades ou a serviço de centros espíritas, que vendem os seus trabalhos para arrumar ou desgraçar a vida de encarnados incautos, ignorantes da vida espiritual.

Outros espíritos desencarnados, por ignorar o seu estado, voltam para os lugares em que trabalhavam. Se médicos, enfermeiros, etc., voltam para os hospitais, para continuar atendendo aos pacientes e muitos chegam a invadir salas de operações, pensando que ainda têm braços e mãos para operar. Desta forma, prejudicam o tratamento dos doentes e perturbam os profissionais encarnados no exercício do seu trabalho.

Outras vezes, vão intuir cartomantes, jogadores de búzios, astrólogos, tarólogos e assemelhados, no intuito de desvendar o futuro de pessoas que pagam para obter esse serviço. Não sabem que o destino não existe, pois depende do livre-arbítrio do presente. O nosso futuro será o que decidirmos de nós próprios hoje. Portanto, não existem sina, nem provações, nem determinismo. As decisões que tomamos hoje, movidos pelo nosso livre-arbítrio, constituirão o nosso futuro, com momentos bons ou maus, dependendo do que nós decidirmos. Por isso

recomendamos: nunca decidam por impulso. Pensem primeiro. Raciocinem e então decidam. Este procedimento é o mesmo que usar a técnica do Edson Arantes do Nascimento para marcar gol. Ele dava sempre uma paradinha na porta do gol, se posicionava e chutava. Era gol certo.

Existem também aqueles que, avassalando médiuns nos centros espíritas evangélicos, se põem a receitar remédios para males que só a Ciência tem condições de curar.

Outras vezes até pode ocorrer cura. É que a quadrilha espiritual, dona do centro, se põe em luta corporal com algum obsessor que acompanha o doente e o põe para correr. Então o doente melhora, para mais tarde ser novamente avassalado, pois nesses centros eles não ensinam a educação do pensamento para não mais atrair espíritos atrasados.

Outros espíritos do Astral Inferior, mentalmente fixos no ódio, na vingança, perdem a condição de pensar continuamente e, arraigados a um único objetivo fixo, perdem a forma humana do corpo astral e transformam-se em bolas negras, do tamanho de cabeças humanas, geralmente ávidos de vingança e de energia anímica.

Esses espíritos “bolas negras” são manipulados pelos médiuns inescrupulosos, pais-de-santo e presidentes de centros, para avassalar, mediante encomenda, espíritos encarnados, com a intenção de desmanchar lares, arranjar casamentos, obter amantes, conseguir ganhos fáceis ou provocar aleijões ou desencarnações prematuras. Há avassalados que se apresentam nas sessões públicas do Racionalismo Cristão carregando várias bolas pretas, quais balões de gás das festas de crianças, presos por cordões fluídicos na nuca. Esse processo é usado pelos magos negros para sugar as energias anímicas das vítimas, enfraquecendo-as e aniquilando-as.

Alguns espíritos do Astral Inferior são atraídos pelos freqüentadores devassos de bares, bailes, motéis, viciados em sexo, álcool, fumo e drogas, com a finalidade de também usufruir os mesmos prazeres físicos que os seus intuídos, induzindo-os a exagerar nas doses, para melhor se satisfazerem.

Muitos desses espíritos do Astral Inferior vagam ao léu pelas ruas, andando a pé, de ônibus ou táxis e também nos automóveis particulares, sempre atraídos por passageiros desregrados, portadores de pensamentos indisciplinados. Estes espíritos são verdadeiros mendigos dos favores

divinos, da ajuda de um deus que não existe, que em vão tentam encontrar. Muitos são frequentadores de igrejas e de reuniões espíritas familiares, sempre com o intuito galhofeiro de se divertir à custa dos encarnados de boa-fé ou ingênuos. Outros adoram política. Frequentam turbas, reuniões de partidos, de sindicatos, comícios, intuindo conchavos, sempre com o objetivo de desunir, de provocar desordem, de bagunçar.

Diz o Sr. Racional que tudo nos vem de fora. Deixem-me explicar melhor este conceito.

Muitas vezes estamos indispostos, aborrecidos, com mal-estar, sem sabermos o porquê. Talvez estejamos passando por uma indisposição orgânica, mas também este sintoma pode ser causado pelos fluidos doentios de um espírito do Astral Inferior que está sugando as nossas energias anímicas, porque o atraímos com os nossos pensamentos descuidados, pois pensar é atrair. Por isso é importante que saibamos pensar.

Devemos pensar sempre em coisas boas e encarar a vida com otimismo. Sabemos que só existem duas correntes de pensamento cruzando o espaço em todas as direções. Se não estivermos ligados na do bem estaremos ligados na do mal. Também devemos deixar de ser maledicentes. A maledicência é o assunto predileto de espíritos grosseiros e maldosos.

Outras vezes podemos estar sendo vítimas do início de um processo obsessivo. Diz o Sr. Racional que “a obsessão é uma enfermidade psíquica resultante do mau uso do livre-arbítrio, da vontade mal-educada, das inclinações sensualistas, do descontrole nos atos cotidianos, do nervosismo desenfreado, dos desejos insuperáveis, da ambição desmedida, do temperamento voluntarioso e, conseqüentemente, do desconhecimento dos ensinamentos racionalistas cristãos”.

Há uma forte corrente obsessora nos seguintes lugares: igrejas, hospícios, velórios, necrotérios e cemitérios, lugares estes em que o Astral Superior não pode irradiar. Também pensar em tais lugares é entrar nessa corrente obsessora.

O grande repositório da Sabedoria não está na Terra, vem de fora, do Espaço Superior. Os progressos avançados das modernas tecnologias não seriam ainda conhecidos, se muitos dos seus princípios não tivessem sido transmitidos aos seres humanos pela via da intuição, ou pela força

do pensamento, diante da qual todas as distâncias se anulam. Vou citar apenas dois exemplos, pelas suas relevâncias, apesar de existirem dezenas.

Isaac Newton e Leibniz descobriram simultaneamente o cálculo diferencial. Este cálculo é uma parte fundamental da Matemática que utiliza as propriedades das derivadas e as operações de integração, que vocês estudarão na faculdade.

Charles Darwin, na Inglaterra, edificou a Teoria da Evolução das Espécies pela seleção natural e sobrevivência do mais apto simultaneamente com Alfred Russel Wallace, o qual, vivendo na outra extremidade do planeta, na Indonésia, elaborou a mesma teoria.

— *Tio Marcos, disso que o senhor está explicando, eu deduzo que grande parte da humanidade encarnada vive subjugada por esses espíritos do Astral Inferior -comentou Marquinho.*

Não é bem assim. O espírito desencarnado não pertence mais ao planeta Terra. As leis naturais e imutáveis que regem o Universo não permitem que eles vivam indefinidamente na Terra, que é destinada aos encarnados.

O que ocorre é que esses espíritos, por desconhecerem que existem duas vidas, a material e a espiritual, e por não sentirem a diferença da mudança para o mundo espiritual, e por não terem parado de pensar após o fenômeno natural da desencarnação, ficam com suas mentes ainda fixas na vida material. Conseqüentemente, o seu corpo astral é pesado, escuro e, como tal, mais uma vez a lei natural e imutável do Universo funciona. Ficam presos ao planeta pela força da gravidade, a qual impede que atinjam o espaço sideral, rumo aos seus mundos de origem. Alguns, sendo escuros e pesados, por terem suas mentes culturalmente bem desenvolvidas, apesar de religiosos ou materialistas, possuem a capacidade de voitar, quais abutres sarcófagos, isto é, capacidade de se transladar através do espaço, independentemente do tempo. Pensam num lugar e imediatamente encontram-se neste lugar. Vocês, então, poderiam perguntar: o que acontecerá com esses espíritos?

Eu lhes respondo: através do sofrimento, da dor, de um perambular constante, esses espíritos da atmosfera da Terra, desiludidos, passam a oferecer condições anímicas para serem ajudados. Então, têm os respectivos livre-arbítrios coarctados, isto é, suspensos temporariamente pela ação das correntes do Astral Superior. São coletados com uma rede

fluídica de arrastão, tal qual aquelas dos pescadores. Também são atraídos por luzes deslumbrantes e conduzidos às casas racionalistas durante as sessões. Os espíritos assim arrebanhados são trazidos às correntes e, como assistentes, ouvem as doutrinações dos presidentes. Ao término das sessões são transportados aos seus mundos de estágio, por uma milícia de espíritos dos mundos opacos, que estão a serviço do Astral Superior, isto porque os espíritos superiores, por serem muito sutis e diáfanos, não têm condições de fazê-lo sozinhos.

É feito desta forma, porque o transporte dessas multidões de espíritos aos seus mundos de estágio necessita de uma poderosa corrente fluídica, produzida desde 1910, nas sessões do Racionalismo Cristão.

A Doutrina Racionalista Cristã, codificada pelo Sr. Racional, ensina que o segredo da nossa libertação não está em atingirmos estados psíquicos, pregados por algumas escolas espiritualistas como o ocultismo, o esoterismo, as induções hipnóticas, os estados alfa, os movimentos rotativos, isto é, o rodar contínuo dos religiosos muçulmanos, os dervixes, ou ainda pela ingestão de drogas, as quais arremessam o corpo astral dos viciados em viagens loucas pelo Astral Inferior. O segredo da libertação, da conquista da Paz, está na mudança da nossa conduta, começando pela mente.

Precisamos ter a convicção de que aqui na Terra somos constituídos por Força e Matéria e vivemos duas vidas, a material e a espiritual, como eu já disse. Como pensar é atrair, pensando no Astral Superior, atrairemos fluidos desses espíritos que nos lavarão, quais água e sabão, eliminando do corpo astral os fluidos deletérios que o contaminam e corroem como ferrugem.

Também a Luz é um estado de consciência que pode ser alcançado, quando regularmente irradiamos aos espíritos superiores, nas sessões das casas racionalistas ou durante a limpeza psíquica praticada no lar. Com a Luz, teremos condições de ampliar nosso entendimento, nosso raciocínio e de compreender claramente a Verdade e as intuições das forças superiores.

É necessário que esclareçamos a nós próprios, através do estudo, do raciocínio e da disciplina. Devemos dividir o nosso tempo de maneira racional, com horários para todas as nossas atividades.

O grande violinista e compositor italiano, Niccolò Paganini (1782-1840), um dos maiores concertistas que o mundo já conheceu, era um

gênio na exploração dos recursos técnicos do violino. Virtuoso, impressionou todas as platéias do mundo.

Certa ocasião, um visitante ilustre perguntou-lhe qual era o seu segredo. Paganini, segurando o instrumento, apontou para os dois rasgos que todo violino tem na caixa, em forma de S, um de cada lado do cavalete que suporta as quatro cordas.

O visitante, vendo que ele apontava para aqueles esses, pensou que fosse a dimensão dos mesmos ou seu desenho. Mas Paganini disse:

— O meu segredo são esses dois esses, isto é, *studiare sempre* (estudar sempre).

— *Tio Marcos, o que acontece a um espírito do grau 33 quando desencarna? - perguntou Marquinho.*

— *Tudo o que o Sr. Racional disse a respeito foi o seguinte: até o grau 17, os espíritos encarnam com a forma humana no planeta Terra e em outros planetas semelhantes. Atingindo a classe 18, até a 33, eles perdem o corpo astral, passando a possuir somente o corpo mental, isto é, o espírito. Nesta fase evolutiva, apresentam-se aos videntes como intensos focos de luz colorida, branca, amarela, dourada, brilhantes, resplandecentes, fulgurantes. Passam, então, a pertencer às humanidades depuradas, num universo onde não existem as dimensões tempo e espaço, como a Física define. Não sabemos se depois mergulham no Grande Foco, desaparecendo. Sabemos que continuam com as suas individualidades, planejando e organizando a humanidade na sua trajetória evolutiva, num presente eterno.*

Nisso, pela janela aberta, entra um pirilampo faiscando, parece que fugindo do clarão do luar, indo pousar na parede lateral, sempre com o abdômen acendendo e apagando.

Todos pararam, acompanhando o pirilampo. Maria, então, perguntou:

— *Tio Marcos. por que eles acendem e apagam? De onde vem a sua luz?*

Tio Marcos explicou:

— *A luz do pirilampo ou vaga-lume provém de dois líquidos que ele fabrica em seu corpo. Nenhum dos dois líquidos tem luz própria, mas misturados com o ar iluminam-se. Um vaga-lume não queima a sua mão quando você o apanha. A luz é fria como a de uma lâmpada fluorescente. Eles atraem os seus pares por meio de sinais luminosos. A*

propósito, Severo uma vez me contou que, quando era criança, a sua mãe pedia para ele apanhar vaga-lumes que apareciam ao entardecer, e enchia com eles um pé de meia de seda de mulher. Sua mãe, então, pendurava a meia cheia de vaga-lumes no quarto de dormir para suavizar a escuridão. Bom, por hoje basta.

Dizendo isto, tio Marcos levantou-se e saiu.

10. O Cristianismo I

Terminado o jantar e servido o café, os jovens subiram. Todos acomodados, tio Marcos começou a aula da noite.

Nós já falamos da religião dos índios, da religião dos negros e hoje vamos falar da religião dos brancos, conquistadores e colonizadores do Brasil.

Vamos iniciar falando um pouco dos povos da Antigüidade.

As pesquisas sobre os tempos mais remotos da espécie humana indicam que os primeiros homens provavelmente foram nômades, vivendo da caça, da pesca e da coleta de produtos vegetais, tais como frutas, grãos, folhas, raízes, etc. Moravam em abrigos rústicos. Cada grupo exercia isoladamente suas atividades dentro de um espaço territorial delimitado. Com o esgotamento dos recursos de uma determinada área, a comunidade era obrigada a mudar-se, a emigrar em busca de novas fontes de alimentos.

O surgimento das atividades agrícolas e do pastoreio possivelmente tenha sido o principal fator de sedentarização, isto é, fixação das populações nômades em sedes. Ou seja, quando o homem começou a plantar e a colher alimentos, a domesticar e a criar animais, passou a depender cada vez menos da caça, da pesca e da coleta de alimentos vegetais. Desta forma, passou a morar mais tempo ou permanentemente na mesma área. Com isso, foi possível a construção de moradias sólidas, que com o tempo se transformaram em vilas e cidades.

Não se sabe ao certo quando surgiram os primeiros aglomerados de habitantes, aos quais se pôde dar o nome de cidade. Mas, há milhares de anos, existiam concentrações urbanas com acentuada divisão de trabalho entre os moradores. Há registros de concentrações deste tipo, entre os povos da Antigüidade, desde 1900 a.C., tais como os egípcios, os hititas, os antigos chineses e os hebreus.

Os hebreus, pertencentes aos povos semitas, durante várias fases da sua história foram pastores nômades. Chegaram à Mesopotâmia e se instalaram na Caldéia, na cidade de Ur, em 1900 a.C., chefiados por Abraão, que os iniciou no monoteísmo, isto é, na adoração de um só deus. Nessa época adoravam o deus Iavé. Com a ocupação do seu território pelos indo-europeus, imigraram para o Egito em 1290 a. C. e lá

viveram por quatro séculos, sendo dirigidos por Moisés. Ao saírem do Egito, Moisés recebeu de seu deus Jeová o Decálogo, no Monte Sinai, contendo os dez mandamentos. Depois atravessaram o Deserto do Sinai e passaram a viver em Canaã, a Terra Prometida, situada na Palestina, no Oriente Médio, a partir do século XIII a. C. Na terra de Canaã, enfrentaram várias guerras. Entregaram, então, o governo geral aos juízes, que eram militares ou políticos. O primeiro deles foi Josué, sucessor de Moisés. Em 1250 a.C., Josué atravessou o Rio Jordão, na Palestina, e conquistou a cidade de Jericó, situada no Vale do Jordão, junto ao Mar Morto.

Os hebreus eram então constituídos por doze tribos, sendo cada uma formada por pessoas descendentes de um dos doze filhos do patriarca bíblico Jacó, que por sua vez era filho de Isaac.

Ao se estabelecerem em Canaã, adotaram a monarquia. O seu primeiro rei foi Saul, sucedido por Davi e Salomão. Ficou na história o Templo de Jerusalém, construído por Salomão, para abrigar a Arca da Aliança, onde estavam guardadas as Tábuas da Lei, dadas a Moisés por Jeová, no Monte Sinai.

Após a morte de Salomão, as dez tribos que viviam ao norte, na Galiléia, formaram o reino de Israel, que existiu de 931 a 721 a. C. e cuja capital era a cidade de Samaria. As duas tribos restantes, que viviam ao sul, formaram o reino de Judá, cuja capital era Jerusalém.

Em 721 a.C., os assírios conquistaram Samaria, destruíram o reino de Israel e levaram os israelitas como escravos. Essas dez tribos perderam-se. Nunca mais apareceram. Persistiu somente o reino de Judá e a sua capital Jerusalém.

Em 587 a.C., o Templo de Jerusalém, construído pelo rei Salomão, foi destruído por Nabucodonosor, ocasião em que a elite da população da cidade foi deportada para a Babilônia.

Em 538 a.C., Ciro II, rei da Babilônia, autorizou os judeus a retornar à sua cidade e reconstruir o Templo de Jerusalém.

Em lá chegando, reergueram o templo e os muros da cidade.

Na Antigüidade Clássica, a partir de 900 a. C., ocorreu um grande desenvolvimento das cidades gregas e romanas. Elas formavam centros de comércio e pontos de concentração, com intensa circulação de pessoas e de mercadorias, cujo domínio estendia-se do litoral até o interior da Europa mediterrânea, ocupada e organizada pelo Império Romano, cuja capital desde 300 a.C. era Roma.

Em 100 a.C., Roma possuía uma notável organização militar, vencendo guerras contra quase todos os povos existentes nesse tempo.

Pompeu (106-48 a.C.), general e político romano, em 64 a.C. invadiu a Síria e ocupou Jerusalém, capital da Judéia, tornando-a um principado. Era nessa época imperador de Roma César Otaviano Augusto, o qual desencarnou em 14 d. C. e foi substituído por Tibério Júlio César.

A Judéia era o antigo reino de Judá e nessa época, por ocasião da ocupação romana, era uma província do sul da Palestina. Essa região da Palestina era cortada pelo Rio Jordão, o qual formava o Lago Tiberíades antes de desaguar no Mar Morto.

No ano zero da linha do tempo, nasceu em Belém, a pátria do rei Davi, Jesus, o Cristo, um dos espíritos moralmente mais evoluídos que já encarnaram no planeta Terra.

Quando Jesus nasceu, Roma governava a Galiléia através de procuradores.

— *Tio Marcos, o que quer dizer “o Cristo”? Era o sobrenome de Jesus? - perguntou Fernanda.*

Não, esse cognome “o Cristo” significa “redentor” ou “aquele que torna o homem livre através da Verdade”, e esclareço mais: mas livre de quê?, pode alguém perguntar. Livre do misticismo. Livre da escravidão mental. Livre do temor aos deuses. Livre para pensar por si próprio, para resolver os seus problemas existenciais, sem rezas, peditórios ou promessas.

Resumidamente, a doutrina libertadora de Jesus, o Cristo, ensinada antes dos Evangelhos, é a seguinte: no Decálogo de Moisés, pela primeira vez apareceu o conceito de “próximo”. Do quinto ao décimo mandamento, tudo se refere ao próximo. Na concepção da Tábua da Lei, Moisés ressaltou o próximo como alguém que deveria ser respeitado nos seus direitos pessoais e patrimoniais.

Jesus ampliou o conceito de próximo trazido por Moisés. O próximo não seria mais uma criatura subjugada a Deus, mas, sim, seu filho, como Partícula da Inteligência Universal que era, pois emanou dele, para seguir o seu caminho, para fazer a sua trajetória evolutiva, iterativa, isto é, pela reencarnação e pelos ensaios e erros. Portanto, o próximo passou a ser a pedra angular do processo libertador do Espírito.

Jesus ensinou também que o próximo, além de ser o nosso irmão, pois todos nós temos a mesma origem, a Força (Deus), é também alguém que, pela Lei da Causa e Efeito, evolui inter-relacionado conosco, guardando uma estreita relação de débito e crédito. O próximo está atrelado a nós no processo reencarnatório e somente poderemos galgar os graus evolutivos superiores se seguirmos a seguinte lei natural: “Quem bem faz, para si está fazendo”.

Jesus também acrescentou aos ensinamentos de Moisés a existência da vida futura, que ele não havia falado, e das penas e recompensas que esperam o homem depois da desencarnação, de acordo com a lei: “Não as faças que as pagas”.

Jesus ensinou ainda que a nossa morada verdadeira não é o planeta Terra. Será um dos milhares de milhões de mundos que estão no espaço sideral, carregando cada qual suas humanidades de um ou mais graus evolutivos.

A doutrina de Jesus, o Cristo, assim que começou a ser difundida, exerceu uma atração muito grande naquele povo, que passou a propagá-la dia a dia cada vez mais. Ela despertou naquela nação oprimida a esperança de um futuro melhor. Era uma espécie de aurora para as pessoas pobres, para as mulheres e para as crianças, que na ocasião não possuíam nenhum direito, desde a mais remota Antigüidade. Eram os párias sociais da época.

Jesus foi um filósofo profundo. Com os essênios aprendeu e desenvolveu poderosas faculdades paranormais (mediúnicas) e, mergulhando no estudo, compreendeu a Verdade, em toda a sua plenitude, divulgando-a depois junto às massas populares, com um alto poder de comunicação, tanto quanto essas massas podiam entender.

Aos humildes e ignorantes, ensinava com paciência e com tolerância. Aos escribas e fariseus, ele os desmascarava e repreendia com energia sempre que eles deturpavam ou mistificavam conscientemente. Para estes foi um acusador enérgico. Não falava para agradar. Os fariseus odiavam-no por revelar seus desígnios ocultos e admoestá-los.

— *Tio Marcos, quem foram os essênios? - perguntou Solange.*

— *Muito bem, Solange. A sua pergunta vai ajudar a esclarecer qual foi a escola de Jesus - disse tio Marcos.*

Os essênios eram ascetas e místicos de uma antiga e misteriosa seita judaica. Viviam em pequenas comunidades localizadas no lado ocidental do Mar Morto e no Lago Maoris, no Egito, onde eram conhecidos como terapeutas. Em 1947, alguns mercadores beduínos descobriram rolos de manuscritos, dos quais o principal é o “Manual de Disciplina”. Esses documentos remontam, pelo menos, ao segundo século pré-cristão. Essas fontes apresentavam os essênios vivendo uma vida simples, meditativa e contemplativa. Eram frugais, vegetarianos, castos, contrários ao sacrifício de animais e à escravatura, e mantinham os seus bens em comum. Foi uma seita que não teve analogia com qualquer outra, baseada em princípios e mistérios que são diversamente interpretados como cabalistas, pitagóricos, orientais, maçônicos, além de judaicos. Ensinavam as doutrinas da preexistência da alma e da reencarnação. Seus membros mais eruditos expunham as Escrituras por meio de símbolos e parábolas. Estudavam o Torah, isto é, os primeiros cinco livros da Bíblia, que contém a essência da lei mosaica. A filiação à seita não dependia de raça, e sim da livre escolha do pretendente, o que denota não terem tido ligação com as sinagogas dos fariseus. Foi entre eles que Jesus conviveu durante vários anos da sua mocidade.

Entre os anos de 1947 e 1956, mais pergaminhos foram descobertos em onze cavernas, nas vizinhanças do Mar Morto, onde hoje fica a Cisjordânia, perfazendo aproximadamente mil textos escritos em pele de carneiro. Ficaram sendo conhecidos como os Pergaminhos do Mar Morto. Esses pergaminhos registram fatos ocorridos entre os anos 250 a.C. e 68 d.C., justamente na época, segundo os Evangelhos, em que viveu Jesus. A partir de 1991, um acervo de aproximadamente 800 manuscritos foi liberado aos pesquisadores, e aproximadamente 250 estão em poder de autoridades israelenses e de estudiosos católicos.

Os pesquisadores constataram que os pergaminhos escritos pelos essênios, pelo menos aqueles que foram liberados ao público, não mencionam, numa primeira constatação, nenhum dos apóstolos, nem a figura de Jesus conforme a descrita nos Evangelhos. Em compensação, fornecem um quadro completo das crenças e do modo de vida de várias seitas judaicas que se confrontavam na época de Jesus.

O escritor John Dominic Crossan, um especialista em Bíblia, escreveu no seu livro *Jesus, uma Biografia Revolucionária* que o pensamento de Jesus era similar ao dos filósofos gregos da Escola Cínica, vigente na época. Os cínicos eram filósofos gregos antigos,

como Diógenes (327 a.C.), que professavam uma moral ascética e um desdém absoluto às conveniências sociais da época. Pregavam a libertação em face do mundo e de todas as paixões humanas. Afirmavam que o bem ideal estava na Virtude, que era colocada acima dos bens materiais.

Segundo Crossan, Jesus ensinava a igualdade de condições para todos os membros da sociedade. Era radical nesse igualitarismo. Jesus também exigia que seus discípulos fossem itinerantes.

Em face desta pregação libertadora, as adesões à sua doutrina aumentavam diariamente. Isto contrariava muito os doutores da lei do Sinédrio, isto é, do tribunal dos judeus em Jerusalém, composto de sacerdotes, os quais julgavam tanto as questões criminais como as políticas.

No auge da sua pregação na Galiléia, Jesus entrou definitivamente em conflito com os seus contemporâneos, autoridades judaicas, governo romano e sacerdotes hebraicos.

As autoridades achavam que a doutrina ensinada por Jesus implicaria numa transformação política radical. As autoridades romanas acreditavam que os ensinamentos de Jesus sutilmente espalhariam a subversão entre o povo. Em face dessa situação, o Sinédrio insuflou o procurador romano Pôncio Pilatos e este prendeu, condenou e crucificou Jesus, o Cristo, como se ele fosse um malfeitor.

Antes dos Evangelhos, o ambiente cultural da Judéia ocupada pelos romanos era elevado, pois predominava a cultura grega. Muitos possuíam discernimento mental suficientemente desenvolvido para entender a moralidade ensinada por Jesus e desprezar a religião vigente.

O desenvolvimento intelectual, nestes tempos, baseava-se nos ideais morais ensinados pelos gregos, pois, para esses filósofos, o conceito bíblico de Deus não era lógico. Sócrates (469-399 a.C.) foi o filósofo moralista que mais influenciou essa época, por ter sido o ponto mais alto do pensamento humano já manifestado. Foi o fundador da ciência moral. Como introdução das suas aulas afirmava: “Só sei que nada sei”, “Conhece-te a ti mesmo”, “O Espírito é o único assunto digno de estudo”, “O verdadeiro Eu não é o corpo, mas a alma, a vida, a vida interior”, “O homem inteligente fatalmente há de preferir o bem”, “O homem mau é antes de tudo um ignorante”. Aos 71 anos de idade, virtuoso, recusou escapar da morte imposta pela lei e bebeu cicuta por

“não ter respeitado os deuses e ter corrompido a juventude”. Sócrates foi o mártir da razão humana.

— *Tio Marcos, o que quer dizer Evangelho? - perguntou Fernanda.*

Evangelho quer dizer boa nova em grego. O Evangelho é constituído por quatro livros, contendo quatro biografias de Jesus, cada qual relatada por autores diferentes, chamados evangelistas.

Não devemos aceitar o Jesus descrito nos Evangelhos, porque seu comportamento relatado nestes livros discorda fundamentalmente do perfil de um espírito superior, que o bom senso aceita e a razão compreende.

O escritor Burton Mack, outra autoridade bíblica, escreveu no seu livro *O Evangelho Perdido* que: “Os Evangelhos narrativos não podem almejar serem relatos históricos. Os Evangelhos são criações imaginárias”.

Esses livros são atribuídos a alguns discípulos de Jesus, também chamados apóstolos. Os autores dos Evangelhos são Mateus, Marcos, Lucas e João. Em geral, considera-se o que Marcos escreveu o mais antigo e que serviu de base para os Evangelhos de Lucas e de Mateus. Já o Evangelho de João é uma redação original. Os Evangelhos de Mateus, Marcos e Lucas foram escritos entre os anos 70 e 80. Já o de João foi escrito por volta de 100.

O Evangelho de João é o que menos fé merece, por estar todo impregnado de influência grega e de ter sofrido várias revisões para adaptá-lo aos objetivos religiosos e místicos da Igreja Católica.

Estes Evangelhos incorporam o Novo Testamento do Cristianismo e foram redigidos inicialmente em grego.

Os 800 pergaminhos do Mar Morto, que eu já comentei, não falam nada dos apóstolos nem de Jesus, o Cristo. Pode ser que os 250 restantes, cujo conteúdo não foi ainda divulgado, contenham alguma coisa.

Jesus viveu num período particularmente tumultuado da história judaica, marcado por guerras e revoluções.

A Jerusalém daqueles tempos era um lugar em que conviviam, juntamente com as tradições gregas, a opressão romana e a cultura das seitas hebraicas.

Desse caldo de culturas diferentes, brotou o Cristianismo.

Depois da morte de Jesus, o número de crentes da doutrina foi crescendo incessantemente. Os correligionários acreditavam num próximo regresso de Jesus, o qual, voltando com poderes ilimitados, soberano, absoluto, viria para premiar os seus discípulos. Essa esperança constituía uma alucinação absorvente e contagiosa, em virtude da propaganda que neste sentido era feita pelos primeiros cristãos fanáticos.

Aos poucos foi se extinguindo a geração contemporânea de Jesus, portanto depositária direta dos seus ensinamentos, e daí em diante foi se deturpando a doutrina original, surgindo um Cristianismo sobrenatural, contemplativo, místico, religioso, impregnado de rezas, orações, lendas e milagres.

No ano 70, por ocasião da grande revolta dos judeus, os romanos destruíram a cidade de Jerusalém, inclusive o Templo de Salomão, que tinha sido restaurado por Herodes, rei da Judéia de 40 a. C. a 4 d. C.

A partir da Judéia, o Cristianismo passou a ser pregado pelos apóstolos itinerantes nos países do Mediterrâneo.

O apóstolo mais ativo da Igreja nascente foi Paulo de Tarso, que propagou o Cristianismo a seu modo, na Ásia Menor, Grécia, Macedônia, Itália e todas as povoações de fala grega. Por isso, o grego foi a língua do Cristianismo nos primeiros tempos.

Paulo de Tarso nasceu na Cilícia, região da Turquia asiática, a 15 d. C. e faleceu no ano 67 d. C. em Roma. Era de origem judia, mas de cidadania romana. Recebeu forte educação religiosa, que fez dele um fervoroso fariseu, adversário dos cristãos.

Quando Paulo de Tarso apareceu, o Cristianismo primitivo já estava muito influenciado pela cultura grega e enveredava para o dogma. Para não ser destruído, defendia-se das possíveis perseguições atacando aos adversários antes de por eles ser atacado.

Era já o deus cruel e vingativo dos hebreus quem prevalecia, conforme Moisés ensinou: “Olho por olho, dente por dente”, que sucedia a doutrina preconizada por Jesus, que havia ensinado ser o princípio de todas as coisas “o Grande Foco de Luz” que, espargindo-se sobre todas as consciências humanas, orientava-lhes a trajetória da evolução e do progresso. Os cristãos de então passaram a aceitar o sobrenatural, os milagres, enveredando para os peditórios, para o misticismo e para as rezas. Isto porque, para o homem, a coisa mais difícil foi sempre pensar.

Essa deturpação do Cristianismo, adotando nova concepção religiosa, iria fazer no futuro, pelos séculos afora, mais estragos e

violências do que haviam feito as superstições do paganismo, já então em declínio acentuado.

Foi justamente nesta fase que apareceu o famoso perseguidor dos cristãos.

O aparecimento de Saulo de Tarso no cenário religioso cristão e suas causas determinantes são fatos que nunca ficaram bem esclarecidos.

Ninguém ignora que ele foi de uma crueldade insuperável na perseguição aos cristãos, como autêntico fariseu que era e discípulo do sumo sacerdote Gamaliel. Na época, ano 37, Estevão era um dos sete diáconos da primeira comunidade cristã de Jerusalém. Estevão era um judeu convertido que falava grego. Foi perseguido por Saulo de Tarso e apedrejado. A ferocidade desse assassinato abalou na época profundamente os cristãos, que desde então passaram a temê-lo.

A conversão de Saulo de Tarso ao Cristianismo nunca ficou bem explicada.

Alguns explicam esta mudança levando-a à conta de histerismo religioso, argumentando que o Saulo convertido continuou tão violento e intolerante como tinha sido o Saulo fariseu.

Além do histerismo religioso, outra causa, mais compatível com o perfil comportamental de Saulo de Tarso, a História registrou. Foi o seguinte: o sumo sacerdote Gamaliel tinha uma filha de rara beleza e grande cultura, por quem Saulo de Tarso se apaixonou.

Ambicioso, ele pretendia também, desposando-a, suceder a Gamaliel e tornar-se o chefe religioso dos israelitas, galgando assim uma posição social invejável em Jerusalém.

Neste sentido expôs ao pai da jovem a sua pretensão, já certo do êxito.

Contudo, a fúria de Saulo de Tarso contra os cristãos causava horror à jovem que, mesmo sendo muito tolerante e compassiva, repeliu o pretendente. Essa atitude da jovem desnorteou-o terrivelmente. Esta repulsa foi o desmoronamento de um imenso castelo de cartas e a liquidação das suas pretensões de predomínio, de vir a ser o sumo sacerdote.

Ambicioso como era, não podendo obter uma supremacia entre os judeus, pensou em conquistá-la entre os cristãos.

Conseguiu isso à custa da célebre aparição na Estrada de Damasco, historieta que contou a seu modo, talvez interessante para crianças de tenra idade, mas sem nexos, sem lógica, sem fundamento, que somente

por medo poderia ter sido aceita por aqueles que, tendo sido já objeto de suas perseguições, temiam-no profundamente.

— *Tio Marcos, que aparição foi essa na Estrada de Damasco? - perguntou Solange.*

Saulo de Tarso viu na Estrada de Damasco uma aparição de Cristo, que fez com que caísse por terra e ouvisse Jesus dizer:

— Saulo, Saulo, por que me persegues?

E Saulo, atônito, perguntou:

— Quem és, Senhor?

E a aparição respondeu-lhe:

— Eu sou Jesus, a quem tu persegues.

— Senhor, que queres que eu faça?

E disse-lhe o Senhor:

— Entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer.

Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via ninguém. Estava cego.

Esteve três dias sem ver.

Em Damasco, o Senhor apareceu a Ananias, e disse-lhe:

— Vai, porque este é para mim um vaso escolhido, para levar o meu nome diante dos reis, dos filhos de Israel e dos gentios.

E Ananias foi, entrou na casa e, impondo-lhe as mãos, disse:

— Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e seja cheio de Espírito Santo.

E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas e recuperou a vista. Levantando-se, foi batizado.

Esta lenda, contada por Saulo de Tarso, é inverídica. É impossível ter acontecido. Sabemos, de acordo com as Leis Naturais e Imutáveis que regem o Universo, que um espírito do Astral Superior, como Jesus Cristo, não tem condições de se manifestar no planeta Terra, sem o apoio de uma forte corrente fluídica, formada por dezenas de médiuns de moral ilibada, honrados e cumpridores do dever.

E pensar que foi sobre essa historieta que se fundou a Igreja Católica, conforme veremos a seguir.

Saulo, depois de convertido, mudou o nome para Paulo, como homenagem e reconhecimento a Sergius Paulus, procônsul romano em Chipre, onde este tolerou que ele um dia fizesse a sua pregação.

Qual era, porém, a natureza da pregação de Paulo e que rumos lhe imprimiria o recém-convertido?

Ele fez uma aprendizagem de alguns dias e logo principiou a pregar nas sinagogas.

Desde então, criou uma doutrina nova, baseada nos dogmas universais, dizendo-se inspirado pelos doze apóstolos de Jesus. Passou o Cristianismo a ser uma seita que misturou idéias judaicas com outras, oriundas do helenismo, firmando-se como religião revelada, isto é, de origem divina, fazendo de Jesus, “Deus” ele próprio.

Paulo, visitando Antióquia, centro cristão florescente desde o século I d.C., ali imbuído pela metafísica grega, pregava que Jesus fora o mediador e o salvador de toda a humanidade. Esboçava-se já o dogma da divinização de Jesus, que ia deixando de ser o Messias, como o apresentavam os cristãos da Palestina, para ser o Salvador, divindade cuja missão era imolar-se para a salvação do gênero humano. Copiava os deuses do politeísmo de Canaã, da Palestina.

A atuação de Paulo de Tarso foi tão grande na evangelização dos povos do século I d.C. que certos autores atribuem-lhe o papel de segundo fundador do Cristianismo.

Para alguns estudiosos do Catolicismo, quem primeiro exerceu as funções de verdadeiro papa foi Paulo de Tarso. Era ele quem doutrinava os primitivos súditos, como autoridade suprema.

Paulo, em 58, tinha um comportamento dúbio. Ora preconizava uma coisa, ora praticava em público ostensivamente outra. Essas atitudes ocasionavam perturbação e confusão na comunidade cristã de Jerusalém e incomodavam muito o Sinédrio.

Neste ano, indo a Jerusalém, o povo fez tudo para linchá-lo. Nessa situação, o procurador romano foi instigado pelas autoridades judias a prendê-lo. Preso, a sua condição de cidadão romano valeu-lhe a transferência do seu julgamento para o Tribunal do Imperador e ele foi transferido para Roma, onde passaria dois anos em liberdade vigiada.

Em continuação a esse fato, há duas versões: uma diz que entre os anos de 62 e 64, ele foi martirizado em Roma. Outra, defende a idéia de que ele foi libertado pelos romanos e, após novas viagens missionárias, teria sido decapitado em 67, na Estrada de Óstia, em Roma.

A sua contribuição para a literatura do Catolicismo foram catorze epístolas (cartas), as quais trazem um resumo do seu pensamento e da sua personalidade.

Entre 64 e 67, Pedro foi considerado o primeiro papa. Diz a tradição que ele exerceu uma autoridade superior na Igreja Cristã de Jerusalém.

Escavações realizadas sob uma basílica em Roma, lugar presumível do túmulo de Pedro, não deram o resultado esperado. Mostraram, contudo, que desde o ano 120 a lembrança do apóstolo Pedro era venerada naquele lugar.

Os romanos, em matéria religiosa, eram em geral tolerantes com os povos conquistados. Mas os cristãos, negando-se a cultuar os deuses pagãos e a adorar a pessoa do imperador romano, foram considerados rebeldes, foras-da-lei e inimigos do Império.

Para divertir o povo de Roma, Nero processou e castigou cruelmente aqueles odiados malfeitores chamados cristãos. Diz a tradição católica que o apóstolo Pedro foi uma das vítimas das perseguições de Nero.

Os cristãos eram martirizados, crucificados e atirados às feras nas arenas dos circos romanos.

Muitas vezes, os cristãos utilizavam cemitérios subterrâneos, em Roma, chamados catacumbas, como centro de reunião, a fim de evitar as perseguições dos romanos. Essa perseguição durou 240 anos.

Vimos, até aqui, que a doutrina de Jesus, o Cristo, por ele ensinada até a data da sua crucificação, foi deturpada por Paulo de Tarso, o qual criou uma nova religião, o Catolicismo, apoderando-se da figura de Jesus, respeitado pelo povo humilde da Palestina.

Mais tarde, o Catolicismo de Paulo foi consolidado pelos evangelistas, em cujos escritos foram inseridos, além do dogma de Paulo, a “salvação” e outras posturas contrárias à lógica e ao bom senso, como a adoração, o temor a Deus, Céu, Inferno e outras fantasias, impedindo as massas de raciocinarem, tornando os católicos escravos mentais subjugados pelas rezas, em busca do perdão e das graças.

Há vinte séculos a Igreja afirma que o Catolicismo foi fundado por Cristo. Os estudiosos da História sabem que esta afirmação é falsa. A massa inculta pode acreditar nisso, mas a História não. A verdade é que o Catolicismo, sob o nome de Cristianismo, foi fundado pelo imperador Constantino.

Em 313, pelo Édito de Milão, o imperador Constantino de Roma concedeu a liberdade de culto aos cristãos. Com esse ato, o imperador Constantino tornou-se o primeiro imperador cristão de Roma. A partir de então, justificou a sua dominação sobre o Império, unificado por uma “teologia política”, pois a sua autoridade vinha de Deus e o seu poder imperial surgia como uma imagem terrestre da monarquia divina.

Na história da conquista do Império Romano por Constantino, há muita fantasia, pueril e ingênua, conforme passaremos a relatar.

Constantino achava-se comandando as legiões romanas na Grã-Bretanha, quando o imperador Diocleciano foi obrigado a abdicar, isto em 305, em consequência de revoltas em várias legiões, cujos soldados cristãos promoviam um motim.

Ambicioso ao extremo, Constantino sonhou com a conquista do trono vago, do qual Maxêncio seria o pretendente legítimo.

Conhecendo a força de que já dispunham os cristãos, pela sua expressão numérica, tanto nas legiões como na sociedade romana, para conquistar o apoio dessas tropas repetiu a farsa de Saulo de Tarso. Inventou a história do aparecimento nos ares de uma cruz luminosa, com os seguintes dizeres em latim: “In hoc signo vinces”, que se traduz: Com este sinal vencerás.

Divulgada a célebre aparição, que somente ele viu no acampamento militar, obteve a adesão de todos os cristãos, adotando para os seus exércitos um estandarte em que figurava a cruz, com os célebres dizeres latinos.

Investiu contra Maxêncio, derrotando-lhe as legiões. Venceu porque o seu exército era maior e mais bem-organizado.

Assumindo o Império Romano, iniciou uma série de crimes dos mais revoltantes. Começou mandando matar Maxêncio, após ter prometido ao general vencido salvar a sua vida.

Constantino também não hesitou em exterminar a própria família, irmão, esposa e filhos, suspeitos de conspiração.

Perspicaz, aproveitando um momento político propício, juntou os destroços de várias seitas que se diziam cristãs e que se hostilizavam reciprocamente, e as fundiu num só bloco homogêneo. Desde então, tornou-se o senhor dos cristãos e o clero nunca mais largou o poder.

Em 337, Constantino morreu, em meio aos preparativos de uma guerra com os persas. Foi enterrado em Constantinopla.

A legalidade conquistada pelo Cristianismo permitiu a realização de grandes assembleias de bispos de toda a cristandade, chamados concílios. Os que acataram a autoridade dos concílios constituíram a Igreja Católica. Os que não aceitaram foram denominados hereges.

Em 380, pelo Édito de Tessalônica, o imperador Teodósio proclamou o Cristianismo a religião do Estado.

Em 391, Teodósio, através do Édito de Milão, colocou o paganismo fora da lei.

Aos poucos, foi desenvolvida uma organização eclesiástica, monárquica. Então, o bispo de Roma assumiu o comando do clero, passando a chamar-se papa.

— *Tio Marcos - interrompeu Maria -, nisso tudo, como nasceu o Diabo?*

Pouca gente sabe como surgiu essa ficção. Na mesma época em que o imperador Teodósio proclamou o Cristianismo a religião do Estado, era muito difundido entre os intelectuais o pensamento de um filósofo persa chamado Maniqueu (215-275). A sua doutrina chamava-se Maniqueísmo e transformou-se numa seita religiosa, que rapidamente se espalhou por todo o Oriente, África, Península Ibérica e pelo Império Romano.

Esta doutrina prega que o Universo foi criado e dominado por dois princípios antagônicos, opostos: o Bem e o Mal. O Bem é representado por Deus, o bem absoluto, e o Mal, representado pelo Diabo, o mal absoluto.

Então, tais princípios foram absorvidos pelo Catolicismo, isto é, pelo Cristianismo religioso do Estado romano. Isto foi feito da seguinte forma: inventaram uma estória, dizendo que um anjo mau, rebelando-se contra Deus, foi precipitado no Inferno e, desde então, ele procura a perdição e a desgraça da humanidade.

Com essa estória, passaram a dominar pelo terror os seus seguidores, ameaçando-os com os demônios e os fogos do inferno, domínio do Diabo. Era a condenação máxima dos pecadores ao fogo eterno.

A tradição popular passou a representar a figura do Diabo como um ser meio homem, meio cabra, de orelhas pontudas e chifre, com asas de morcego, braços com mãos aduncas qual garras de ave de pilhagem,

uma cauda de ponta bifurcada e patas com cascos também bifurcados, geralmente de cor vermelha ou preta.

O incrível é que essa fantasia persiste até hoje, atemorizando os ingênuos, os semiletrados, os analfabetos e demais criaturas sem espiritualidade e sem esclarecimento.

Tio Marcos parou de falar, levantou-se, desejando uma boa-noite de sono a todos, e prometeu voltar ao assunto no dia seguinte.

11. O Cristianismo II

Todos já estavam sentados e conversavam animadamente. As meninas falavam sobre o clube de campo da cidade vizinha, o Country Club, onde foram passar o dia com tia Zinha. Vô Mário era sócio. Os meninos comentavam as pacas que viram na beirada do rio, durante a pescaria que fizeram com Severo, quando tio Marcos entrou.

— Bem, moçada, vamos continuar.

Em 1054 uma dissidência separou a igreja da cidade de Bizâncio, ou melhor, a Igreja Bizantina, fundada pelos gregos no século VII, da Igreja Latina. Surgiu dessa separação a Igreja Ortodoxa, também chamada Igreja Católica Apostólica Ortodoxa ou Igreja do Oriente.

Depois, no século XVI, houve nova cisão, originada por um grande movimento religioso, criando numerosas igrejas cristãs dissidentes, que ficaram conhecidas como Igrejas Protestantes ou Evangelistas ou, ainda, Evangélicas.

— Tio Marcos, esse movimento foi chamado de Reforma? Meu professor de História falou a respeito por alto - comentou Boris.

A Reforma foi um movimento revolucionário, religioso e político, ocorrido na primeira metade do século XVI, o qual quebrou a unidade católica na Europa Ocidental, onde uma parte da Igreja Latina, a maioria situada em países ao norte da Europa, separou-se, criando outra religião.

A Reforma, denominada também Reforma Protestante, tem como personagem central o monge alemão Martinho Lutero (1483-1546).

Em 1511, constatou, durante a sua estadia em Roma, que o Catolicismo já não era mais do que uma infeliz caricatura do Cristianismo primitivo e que as sucessivas deturpações sofridas pelos Evangelhos e outros textos canônicos obedeciam a um intuito premeditado de adaptá-los aos interesses mercantis da Igreja. Conscientemente, deu um grito de revolta diante do estado vigente das coisas, a saber: o ritualismo pagão, as deturpações das Escrituras e o tráfico de influências crapuloso e imoral que a Igreja de Roma praticava e que tão profundamente o impressionou.

Lutero, desde então, fulminou com os seus escritos o celibato sacerdotal, os votos, a abstinência, o culto dos santos, a confissão, o

purgatório, a doutrina do pecado, respeitando apenas o Batismo e a Eucaristia (presença de Jesus representada pelo pão e pelo vinho).

O Vaticano, então, compreendeu que estava surgindo uma convulsão no seio da Igreja, de conseqüências imprevisíveis.

Em 1520, o Papa Leão X publicou uma bula excomungando Lutero e enviou um emissário à Alemanha para a respectiva promulgação solene.

Os escritos de Lutero foram aparatosamente queimados. Mas, em represália, Lutero, por sua vez, fez a queima da bula papal e simultaneamente de todas as leis eclesiásticas promulgadas na Idade Média, isto em praça onde era professor na universidade local.

O papa ficou irritadíssimo, pois via o seu prestígio seriamente abalado em todo o orbe católico.

Imitadores de Lutero surgiram na Suíça, França, Escandinávia e Grã-Bretanha.

Nos primeiros tempos da Reforma, foram criadas sucessivamente três novas igrejas cristãs principais: a Luterana, a Calvinista e a Anglicana.

Houve causas políticas, econômicas e religiosas na época que ajudaram a implantação da Reforma. No caso particular da Alemanha, a Reforma permitiu que a nobreza resistisse à autoridade da Família Imperial, enérgica defensora do Catolicismo.

Reis e nobres de diversos países do norte da Europa consideravam o papa um estrangeiro e viram na Reforma um modo fácil de apoderarem-se das propriedades eclesiásticas: terras, jóias, ouro, etc. As arrecadações de impostos pelo papa esgotavam esses países e enriqueciam a Igreja. A Europa do Norte sentia-se como se tivesse sido ocupada e conquistada por uma potência estrangeira que lhe impunha tributo. Havia também a vontade, por parte dos burgueses alemães, de acumular riquezas, sem sofrer nenhuma censura religiosa, pois a Igreja condenava os ricos.

O ideal ascético da Igreja Católica considerava o lucro, a cobrança de juros e o enriquecimento dos fiéis como imoral, como pecado.

Também, uma das causas do advento da Reforma foram casos graves de corrupção, tais como: a venda em larga escala de cargos eclesiásticos; a venda de indulgências, isto é, de perdões, mesmo para crimes hediondos.

Todo aquele que tivesse dinheiro e resolvesse canalizar uma parte dele para o Vaticano, tinha todo o direito de ser patife, crápula, criminoso e prevaricador, porque o pagamento de indulgências lhe punha a alma limpa. Outra das causas da Reforma está na vida escandalosa de alguns papas, como o dissoluto Rodrigo Borgia (1431-1503), então Papa Alexandre VI.

— *Tio Marcos, eu gostaria de saber alguma coisa a mais sobre a vida de Lutero!* - falou Marquinho, que tinha uma coleguinha muito simpática que era luterana.

Martinho Lutero nasceu em Eislebeu, na Alemanha. Foi frade da Ordem de Santo Agostinho e professor de Teologia na Universidade de Wittemberg. Era muito sensível e constantemente perseguido pela idéia do pecado. Somente conseguiu a paz de espírito quando, estudando a obra de Santo Agostinho, convenceu-se de que a chave da salvação era a fé e a confiança em Cristo.

Deixem-me sair um pouco do assunto Lutero para falar desse Santo Agostinho, que muita influência teve na Igreja.

Santo Agostinho (354-430), padre da Igreja Latina, manteve-se por longo tempo alheio à Igreja, embora fosse filho de Santa Mônica. Buscava os prazeres carnavais, levando uma vida amorosa conturbada, entregando-se a prazeres que depois condenou. Convertido em Milão, sob a influência do Bispo Ambrosio e pelas orações de sua mãe, foi batizado em 387. Retornou para a África. Foi ordenado padre e feito depois bispo de Hipona, em 398. Sua obra escrita é imensa, destacando-se a obra *A Cidade de Deus* (413-427), que é o tratado fundamental da teologia cristã da História. Santo Agostinho morreu no início do cerco de Hipona pelos vândalos. Ficou célebre a sua frase: “A mulher é a porta do diabo”.

O Papa Gregório IX, em 1223, cheio de zelo, confiou o Tribunal da Inquisição somente aos religiosos da Ordem de São Domingos. Esses frades, querendo evitar que se dissesse deles o que se falava dos bispos acusados de serem demasiadamente benévolos, caíram no extremo oposto, exercendo o seu cargo com muito rigor. Os dominicanos foram os assassinos da Inquisição. Mais adiante, explicaremos por que essa ordem foi criada.

Mas voltemos ao nosso assunto, Lutero.

Como eu estava dizendo, em 1517, Lutero sublevou-se contra a “questão das indulgências”, contra o sistema de “perdoar pecados” mediante pagamento, o que considerava um comércio torpe. Atacou os dogmas e rituais da Igreja, o que levou o Papa Leão X a condenar esta sua posição, exigindo retratação. Lutero, porém, como eu disse, queimou em praça pública a bula condenatória em dezembro de 1520 e foi excomungado. Começou então a Reforma.

Condenado como herege, mas protegido pelo príncipe da Saxônia, refugiou-se, permanecendo oculto até a morte do Papa Leão X. Nesse período, Lutero traduziu a Bíblia para o alemão corrente, numa tradução clara e acessível a todos.

Em 1529, Carlos V, imperador do Sacro Império Romano-Germânico, convocou uma assembléia política, a Dieta de Spira. Nessa reunião, resolveram tolerar o Luteranismo onde já existisse; contudo, decidiram evitar a sua propagação às novas cidades. Cinco príncipes e catorze cidades protestaram contra essa decisão, daí a origem do nome protestante.

A partir de 1555, o Luteranismo foi estendido rapidamente da Alemanha para a Suécia, Noruega e Dinamarca.

Na França, João Calvino aderiu ao movimento reformista. Em 1533, foi perseguido por Francisco I, rei da França (1515-1547), e fugiu para a Suíça. Em Basileia, redigiu uma síntese da sua doutrina, publicada em 1536.

Nessa época, Calvino tinha 26 anos de idade e um caráter ríspido e despótico.

Calvino não permitia o menor deslize na prática da sua doutrina. E os castigos eram duríssimos, que iam desde beijar a terra publicamente até ser queimado vivo, como aconteceu com Miguel Servet (1511-1553), médico e teólogo protestante espanhol que, em seu livro *Restabelecimento do Cristianismo*, negou a divindade de Jesus Cristo.

Essas idéias de Servet foram consideradas inaceitáveis, tanto pelos católicos como pelos protestantes. Para escapar da Inquisição espanhola, ele fugiu para Genebra, onde foi preso e queimado vivo, depois de ter sido processado por Calvino.

Este, julgava-se delegado divino na Terra. Dizia ele: “Recebo de Deus o que eu ensino, e Deus me outorgou a graça de declarar o que é bom e o que é mau”. Calvino foi um grande fanático.

O Calvinismo é mais radical que o Luteranismo. Para ele, a salvação é obtida só pela fé, e não pelas obras. Preconiza que a fé é um dom concedido por Deus. Há homens que nasceram marcados para a salvação, os eleitos, ou para a condenação, os réprobos. Esta é a doutrina da predestinação absoluta, peculiar ao Calvinismo.

Já o Sr. Racional afirma que a predestinação não existe. O nosso futuro dependerá somente do que fizermos do nosso livre-arbítrio hoje. Daí a necessidade de aprendermos a pensar e a raciocinar.

Os huguenotes da França, os reformistas da Holanda, os presbiterianos da Escócia, os puritanos da Inglaterra, eram todos calvinistas.

— *Tio Marcos, agora há pouco o senhor falou em Inquisição. O que vem a ser isso? - perguntou Solange.*

A Inquisição foi um tribunal eclesiástico, instituído pelo Papa Inocêncio III, encarregado de reprimir a heresia.

As primeiras vítimas da Inquisição foram os albigenses, uma seita religiosa que existiu no sul da França no século XII. Foram todos dizimados. Até 1209, foram massacradas mais de 50 mil pessoas.

Foi a perseguição aos albigenses que deu margem à criação da Ordem Dominicana, cuja finalidade era estirpar a heresia, objetivo que tão tristemente celebrizaria os padres dessa ordem.

Era lúgubre a procissão que conduzia os hereges à fogueira. Em Lisboa a procissão saía do paço onde estava instalado o Tribunal do Santo Ofício. O cortejo era precedido por uma escolta de arcabuzeiros que no ato da cremação servia para transportar a lenha. Seguiam-se os padres dominicanos, carregando uma cruz com um Cristo e logo atrás o estandarte vermelho de São Domingos, com a figura do santo empunhando uma espada flamejante.

Ante os progressos da Reforma Protestante, a Inquisição foi restaurada. A última vez que tinha sido acionada foi no Languedoc, na França, na cruzada contra os albigenses.

Para combater a Reforma, a reação católica foi a fundação da Companhia de Jesus e a reorganização da Inquisição.

Em 1534, Ignacio de Loyola fundou a Companhia de Jesus, aprovada pelo Papa Paulo III, para dedicar-se ao ensino, tornado indispensável para combater a Reforma Protestante.

Loyola foi um fidalgo e militar espanhol. Ferido em ação de guerra, durante a sua convalescença despertou a sua vocação religiosa.

A Companhia de Jesus não foi criada para a meditação, mas para a ação. Jesuítas, assim era chamados os padres pertencentes à Companhia de Jesus. Foram escritores, professores e missionários. Basta lembrar as notáveis figuras do Padre Antonio Vieira, Manoel de Nóbrega e José de Anchieta, que foram exceções.

O objetivo primordial dos jesuítas era firmar a crença católica em oposição aos protestantes, por meio da pregação, da confissão e do magistério.

Na História, eles foram sinônimos de indivíduos dissimulados, hipócritas e astuciosos.

Em Portugal e nas suas colônias, contrariaram os interesses da Coroa. Foram banidos pelo Marquês de Pombal. Pela lei de 3 de setembro de 1759, foram expulsos de Portugal e seus domínios. Os jesuítas declarados rebeldes, traidores, adversários e agressores foram exilados e tiveram os seus bens seqüestrados. Muitos foram presos, e o Padre Malagrida foi estrangulado e queimado em Lisboa.

Na Espanha, a Inquisição se tornou um instrumento político para combater a Reforma Protestante. Ela foi restaurada na sua forma primitiva, sob as ordens do papa.

Os inquisidores julgavam o delito de heresia e a justiça Real encarregava-se do castigo, que era aplicado com toda a crueldade.

O traço característico, tenebroso deste terrível tribunal era o absoluto segredo da informação judiciária.

Após uma pequena pausa, enquanto tia Zinha servia café com pipocas, tio Marcos continuou.

Que diferença existia entre a tolerância religiosa dos romanos e a tolerância religiosa católica?! As leis romanas, nos primórdios do Cristianismo, eram muito mais humanas e tolerantes que as leis católicas. O Panteon Romano admitia em seu interior os deuses de todas as seitas que dentro do Império tivessem alguns seguidores.

Contam que, um dia, solicitaram ao imperador Tibério licença para supliciar um cristão que havia ofendido os deuses romanos. Tibério deu a seguinte resposta:

— Não. Deixai que os deuses defendam eles mesmos a sua honra.

Tomás de Torquemada, inquisidor espanhol (1420-1498), prior do convento dominicano de Segóvia, tornou-se inquisidor-geral de toda a Península Ibérica em 1483. Sua intolerância manifestou-se pela expulsão dos judeus e pela morte na fogueira de mais de 8 mil pessoas. Essas condenações ocorriam muitas vezes por fanatismo, outras por razões políticas de interesse da Monarquia e outras por suspeitas de bruxaria.

A Inquisição dispunha de um exército regular, bem armado, cuja função era procurar hereges protestantes, judeus e cristãos-novos.

Em 1545, o Papa Paulo III criou a Congregação da Inquisição, sob o nome de Santo Ofício.

Portugal adotou a Inquisição em 1557, no reinado de D. João III, seguindo o sistema recebido da Espanha.

Quando os espanhóis foram à América, levaram consigo a Inquisição. Portugal introduziu-a nas Índias Orientais.

Estima-se um total de aproximadamente 186 mil o número de pessoas entre as assassinadas, torturadas, condenadas à prisão perpétua e com os bens confiscados, que foram vítimas da intolerância católica.

O Catolicismo em nome da conquista para levar a luz do Evangelho aos gentios massacrou, a partir do século XVI, 19 milhões de índios na América do Norte, América Central e América do Sul.

Na Europa, os melhores artesãos, os mais eminentes sábios, os comerciantes mais importantes, os melhores médicos, todos procuravam fugir para não cair nas garras sanguinárias dos Torquemadas.

Joana D'Arc, nascida em Domrémy em 1412 e desencarnada em Rouen em 1431, foi a heroína francesa que venceu os ingleses, quando estes procuravam conquistar a França. O rei da França, Carlos VII, sentindo-se abandonado, pensava em refugiar-se na Escócia, quando o aparecimento de Joana D'Arc lhe deu consciência da legitimidade do seu reinado. Joana D'Arc, pela primeira vez na História, difundiu o sentimento nacional, o patriotismo, o espírito de unidade da nação francesa. Este foi o ponto de partida de uma difícil reconquista do reino da França aos ingleses. Mas essa nova postura do povo incomodou muito o Vaticano, pois o clero francês havia sido submetido ao rei.

Comandando as batalhas contra os ingleses, Joana D'Arc quis socorrer Compiègne, cidade francesa às margens do Rio Oise, cercada por tropas do Duque de Borgonha. Foi aprisionada em 1430 e entregue aos ingleses. Após um processo vergonhoso, foi acusada de feitiçaria, pois ouvia vozes, intuições do Astral Superior. Por isso, foi condenada à

fogueira pelo Tribunal da Inquisição, presidido pelo bispo de Beauvais, morrendo na fogueira, na praça do velho mercado, na cidade de Rouen, em 30 de maio de 1431. Tornou-se, mais tarde, uma heroína nacional. Os bonzos do Vaticano a canonizaram em 1920.

Foi preciso que Napoleão Bonaparte, o maior gênio militar de todos os tempos, comandante do grande exército francês, entrasse vitoriosamente na Espanha, em 1808, para pôr termo ao canibalismo clerical da Inquisição, vigente na Espanha e em toda Península Ibérica até aquela época. Em 1834, a Rainha Maria Cristina de Bourbon expulsou os inquisidores de todos os domínios da Espanha.

— *Tio Marcos, por que tantos crimes foram praticados em nome de Jesus?* - perguntou intrigada Solange.

O Sr. Racional explica bem esta questão. Foi pela existência do fanatismo. O fanatismo é condenável pelo poder que tem de impedir que o raciocínio seja aplicado para resolver situações difíceis. Com a razão colocada de lado, as pessoas partem para soluções através da violência.

O fanatismo religioso é o mais nocivo defeito da alma humana, pois, gerando ódios e paixões, leva as criaturas a cometerem atos desumanos e crimes abomináveis. Na história da humanidade, nunca existiram guerras tão bárbaras quanto as religiosas, de tamanha crueldade e de tanto vandalismo como aquelas em que participaram os cruzados, cujo ódio os levou a despedaçar mulheres, crianças e velhos, todos indefesos e aterrorizados.

A pavorosa Noite de São Bartolomeu, na França, ficou marcada com o sangue de milhares de vítimas, assassinadas à traição, de emboscada, por serem huguenotes, assim chamados os calvinistas.

Essa chacina foi iniciada em 24 de agosto de 1572. Como as prisões também foram muitas, além do morticínio geral, as execuções prolongaram-se pelos meses de setembro e outubro seguintes, em várias cidades, nelas tendo tomado parte saliente, tristemente saliente, o clero e muitas confrarias. Houve historiadores que calcularam em mais de 50 mil o número de vítimas. Esse é um exemplo bem ilustrativo dos extremos a que o excessivo zelo religioso pode levar o homem.

O homem, que é por excelência um espírito criador, quando influenciado pela falsa idéia do milagre, da fé, da ajuda divina, da proteção celestial, chega muitas vezes ao fracasso, achando que foi porque Deus assim o quis. Mas não é assim. Fracassou porque

desconhece a existência em si mesmo de duas poderosas forças, as quais na maioria das pessoas jazem adormecidas e ignoradas. Estas forças são o pensamento e a vontade.

A força de vontade é a mais poderosa alavanca de que dispõe o Espírito para chegar ao triunfo, não existindo dificuldades, dentro das limitações humanas, que ela não seja capaz de superar.

A força de vontade não conhece a timidez, nem tampouco o desânimo, e tem o poder de subjugar todas as fraquezas, todas as paixões, todos os vícios, no momento em que o ser humano souber como utilizar-se conscientemente desse atributo.

Quando o espírito encarnado for assaltado por um desejo inferior, se possuir força de vontade bem desenvolvida, ela intervém, dominadoramente, vencendo esse desejo, principalmente se o aliarmos à renúncia.

A força de vontade bem desenvolvida é o resultado de uma série de sucessos alcançados com esforço e decisão nas encarnações passadas. Desta forma, é uma conquista e um grande recurso para vencermos as mais árduas pelepas da vida.

— *A propósito, vocês conhecem a estória das duas moscas? - perguntou tio Marcos.*

— *Não - responderam todos.*

— *Pois bem, vou contá-la.*

Duas moscas, em busca de alimentos, vieram voando e pousaram na borda de uma xícara contendo leite frio. Ambas, de tanto ir e vir na borda, acabaram caindo no leite.

Uma delas, desesperada, começou a gritar:

— Socorro, me ajudem! Estou me afogando! Meu Deus, valei-me!

E começou a rezar em voz alta. Mas como rezas não ajudam ninguém em nada, foi se afundando, afundando e morreu afogada.

A outra permaneceu calma, boiando, e começou a raciocinar: “Com a minha força de vontade, eu vou sair daqui”.

E começou a bater as pernas incessantemente. Quando o cansaço chegava, ela pensava: “Não vou desistir, eu vou sair dessa”. E continuava a bater as pernas no leite. Bateu tanto que o leite foi endurecendo, virou manteiga e ela, galhardamente, apoiada na manteiga, levantou vôo.

Também a força do pensamento é um grande recurso que possuímos. Ela tem a grandeza do grau evolutivo que o ser humano atingiu.

Desde que o Espírito cresça na consciência de si mesmo e se identifique com as suas poderosas faculdades latentes, encontrará na força do pensamento o instrumento seguro e eficaz para a realização de todos os seus anseios e aspirações e saberá como proteger a sua saúde física e mental.

O pensamento vigoroso emana do espírito forte, adestrado, experiente. Em cada encarnação bem aproveitada, trabalha ele conscientemente para melhorar ainda mais a sua personalidade psíquica. E é na ordem deste progresso que crescem o poder do pensamento e a capacidade de conceber, de criar e de realizar obras cada vez mais importantes.

Tio Marcos parou, olhou para o relógio e disse:

— Ainda temos tempo para eu contar uma pequena estória que revela o poder do pensamento, na prática.

Numa região montanhosa do Canadá, uma empresa construía uma usina hidroelétrica. Na região nevava muito e as máquinas do canteiro de obras eram movidas por eletricidade, através de uma linha de transmissão que vinha de uma subestação, distante vários quilômetros.

A empresa construtora estava encontrando dificuldades para manter o programa de obras, porque a neve, acumulando-se nos condutores da linha de transmissão, pesava muito e os rompia, interrompendo o suprimento de energia elétrica, conseqüentemente paralisando as obras.

Várias reuniões foram feitas para que os técnicos encontrassem uma solução.

Houve quem sugerisse desativar a rede aérea e instalar cabos elétricos em valas pelo chão. Essa solução era economicamente inviável, porque os cabos elétricos custavam caríssimo, bem como a instalação era onerosa.

Também houve quem sugerisse diminuir as distâncias entre as torres de transmissão que sustentavam a rede trifásica, colocando mais uma torre entre duas já existentes. Essa solução também era inviável, pois a região era montanhosa e entre as duas torres existiam vales profundos.

Sugeriram, ainda, substituir os condutores por outros mais resistentes, com alma de aço, para que agüentassem, desta forma, o peso do gelo. Solução também inviável por dois motivos: custavam muito caro os novos condutores propostos e, pelo contrato, não teriam tempo hábil para fazer a substituição.

Quando faziam uma pequena pausa para tomar chá bem quente, pois estava fazendo muito frio, um jovem engenheiro ainda estagiário sugeriu o seguinte:

— Considerando-se que a meteorologia avisa com algumas horas de antecedência se vai ou não nevar, por que não se coloca de prontidão um helicóptero, para quando a chuva ou a neve começar o helicóptero levantar vôo e fazer passagens rasantes sobre a linha de transmissão, não deixando acumular água ou gelo nos condutores? Desta forma, o vento das hélices do helicóptero não deixaria acumular gelo nas linhas.

Todos olharam com admiração para o jovem e a aprovação da sua idéia foi por unanimidade.

A capacidade de usar o raciocínio e a criatividade do rapaz resolveu o problema por um custo bem baixo, considerando-se que o canteiro de obras era uma instalação provisória.

Tio Marcos levantou-se e despediu-se dizendo:

— Amanhã falaremos sobre as nossas duas vidas. Boa noite.

12. As Nossas Duas Vidas

Tio Marcos sentou-se, apanhou um cobertor dobrado ao lado da sua poltrona e cobriu com ele as pernas, pois fazia frio e estava chovendo. Depois, olhando para todas as crianças, iniciou.

A alma é o princípio espiritual do homem, oriunda do Grande Foco, portanto inascível, imortal e independente do corpo físico. Não possui realidade material ou física. É a sede dos pensamentos, dos afetos, dos sentimentos, das paixões e do conhecimento.

Nos últimos anos do século XX, a alma acessível à pesquisa científica de laboratório deixa de ser do “outro mundo” para se integrar neste.

A sua relação com o corpo físico mostra que ela não é sobrenatural, mas extrafísica, ou seja, apenas não sujeita às leis físicas.

A alma é uma entidade a que se atribui as características essenciais à vida e ao pensamento. Manifesta-se para evoluir, em mundos materializados como o planeta Terra, através da materialização de longa duração, aproximadamente 80 anos, via útero. Também pode manifestar-se em materializações de curta duração, utilizando para isso ectoplasma de médiuns de efeitos físicos.

— *Tio Marcos, o que é ectoplasma? Eu ainda não estudei isso - perguntou Marquinho.*

Em 1870, William Crooks (1832-1919), físico e químico inglês de renome internacional, pelas várias descobertas que fez no campo da Física, fazendo experiências com os médiuns Daniel Dunglas Home, Kate Fox e Florence Cook, deu um impulso rigorosamente científico à Ciência Espírita. William Crooks estudou as materializações, ficando célebres as materializações do espírito de Katie King com a médium Florence Cook.

A materialização ou ectoplasmia se processa pela condensação do ectoplasma que, conforme os ensinamentos do Dr. Gustave Geley (médico francês), é uma substância amorfa, ora sólida, ora vaporosa, transparente ou de cor branca leitosa, que os médiuns segregam pelos poros do corpo e pela boca, nariz e ouvido. Os espíritos, geralmente do Astral Inferior, possuem a faculdade de moldar o ectoplasma,

produzindo objetos ou novas formas com característicos anatômicos ou fisiológicos de órgãos do corpo humano, iguais aos dos vivos.

William Crooks publicou várias obras relatando suas pesquisas, destacando-se, entre elas, os livros *Fatos Espíritos* e *Katie King*.

O barão prussiano Shrenk-Notzing mandou fazer em laboratórios de Berlim e de Viena a análise química do ectoplasma. Essas análises revelaram tratar-se de matéria orgânica, com muitas células epiteliais, isto é, do tecido de revestimento da pele e das mucosas. Com isso, ficou provado que o ectoplasma provinha realmente do organismo do médium.

Caberia aos russos, a partir de 1939, continuar esse estudo utilizando câmaras kirlian, adaptadas a poderosos microscópios eletrônicos. Essas experiências estão relatadas no livro *Experiências psíquicas atrás da Cortina de Ferro*, de Sheila Ostrander e Lynn Schroeder, da Editora Cultrix.

As máquinas kirlian são máquinas fotográficas que tiram fotografias da aura humana.

— *Tio Marcos, o senhor poderia falar um pouco mais sobre a fotografia Kirlian? - pediu Marquinho.*

Desde a Antigüidade, cerca de 3.000 a.C., os artistas das civilizações da época desenhavam um halo de luz em volta dos seus deuses e de pessoas moralmente evoluídas.

Na Idade Média, entre os anos 1000 e 1500, os pintores desenhavam os santos da Igreja Católica com uma auréola, tal qual um círculo dourado, envolvendo-lhes a cabeça.

Os egípcios, já em 3.000 a.C., afirmavam que os homens possuíam um segundo corpo espiritual, denominado KA. Afirmavam que o KA prendia-se ao corpo material por cordões de luz prateada. Após a morte do corpo material, com a decomposição, lentamente estes cordões vão se desfazendo, até libertar o corpo KA. Com a técnica do embalsamento, os egípcios impediam que o corpo físico entrasse em decomposição, impedindo o rompimento desses cordões fluídicos de luz prateada, ficando o KA preso indefinidamente ao corpo embalsamado. Desta forma contrariavam a lei natural, razão pela qual, segundo hipóteses de alguns estudiosos espiritualistas, foi banida do planeta Terra a civilização egípcia, não restando dela nem a raça nem a língua.

Algumas seitas esotéricas, como a Teosofia, a Yoga, o Ocultismo, a Maçonaria Filosófica, etc., afirmam que possuímos um segundo corpo chamado corpo astral, significando corpo de luz.

Esse corpo de luz irradia uma luminosidade que denominaram aura. Possuem aura os elementos minerais, as plantas, os animais e o homem. No homem ela é uma luz que envolve a superfície do corpo numa espessura de vinte centímetros.

As seitas espíritas dizem que possuímos um segundo corpo, chamado perispírito. Quem criou essa terminologia foi Allan Kardec, em 1854. Kardec afirmava que o homem é constituído de três partes, a saber: espírito (imaterial), corpo físico (material), e ligando o espírito ao corpo físico, por laços, existe um corpo semimaterial, ao qual deu o nome de perispírito. Essa nova palavra surgiu da analogia entre a constituição do homem e a constituição de um fruto. Envolvendo as sementes dos frutos há uma polpa, chamada pela ciência botânica de perisperma. Como o perisperma envolve a semente, também o perispírito envolve o espírito. Nesta analogia, a casca do fruto representaria o corpo físico.

O corpo de cada pessoa possui aura específica. A luz que essa aura irradia é a somatória das três auras: a aura do corpo material, a aura do perispírito e a aura do espírito.

Com o advento do Espiritismo Científico, desenvolvido por vários estudiosos do final do século passado e no início do século XX, vários videntes passaram então a narrar a existência das auras das pessoas, descrevendo as suas cores.

A partir de 1908, o Dr. Walter Kiler, em Londres, descobriu que uma película de diacina, produto químico derivado do carvão-de-pedra, era um estimulante da visão e era possível enxergar, através dessa película, uma luz em volta das pessoas observadas.

Em 1939, na Rússia, o casal Kirlian descobriu como fotografar a aura.

A fotografia kirlian é uma fotografia sem luz. A luz é substituída por uma radiação eletromagnética, na faixa de 75 a 200 mil ciclos por segundo. Portanto, é uma fotografia tirada com alta frequência.

Opera-se da seguinte forma: coloca-se a mão, um dedo ou uma folha de árvore sobre um filme colorido, numa câmara escura, e dispara-se um fluxo de radiação de alta frequência.

Revelado o filme, aparece, por exemplo, a figura da mão, e saindo da ponta dos dedos uma efluviografia com diversos raios de luz colorida de vários matizes.

Esta seria a fotografia da aura humana. Os cientistas descobriram que a coloração e a forma dessas efluviografias determinam o estado emocional e a saúde da criatura.

Para explicar as efluviografias, os cientistas russos dizem que possuímos um corpo energético, equivalente ao corpo físico, e deram a esse corpo o nome de corpo bioenergético ou corpo bioplasmático.

Essa descoberta propiciou a construção de microscópios e também de máquinas filmadoras cinematográficas para fazer pesquisas sobre o corpo bioenergético. Desde então, muita coisa descobriram, a saber:

1. As doenças dos homens, como a dos animais e das plantas, podem ser diagnosticadas primeiro no corpo bioenergético, através da fotografia da aura.

2. Os estados de espírito como o ódio, o pessimismo, a infelicidade, os sofrimentos, aparecem com efluviografias escuras, sem brilho, puxadas para a cor marrom lodosa e de formatos irregulares.

3. A felicidade, o otimismo, aparecem como efluviografias lindamente coloridas, luminosas, regulares e fulgurantes. As filmadoras kirlian revelaram que, quando duas criaturas humanas simpáticas entre si se encontram, suas auras se fundem, formando um ovóide brilhante, abrangendo as duas pessoas. Quando se antipatizam, as auras se repelem.

Em Curitiba, o médico psiquiatra Dr. Alexandre Sech é um grande pesquisador das efluviografias e do corpo bioenergético. Em algumas conferências que ele proferiu em Santos, afirmou que a aura de um espírito desencarnado pode causar interferência na aura de um encarnado. Em casos de obsessão essa interferência é tão grande que chega a predominar na efluviografia do encarnado somente a aura dominadora do obsessor.

Parece-nos que, em futuro próximo, a efluviografia será mais um importante recurso ao alcance da Medicina para fazer diagnóstico de doenças, como o são atualmente a radiografia, a tomografia e a ultrasonografia.

Tio Marcos fez uma pausa, olhou o relógio de pulso e disse:

— *Agora, vamos continuar o nosso assunto, quando discorríamos sobre o ectoplasma.*

Na pesquisa dos cientistas russos, o ectoplasma revelou-se como um fluxo de protoplasma, constituído de partículas atômicas, elétrons, prótons ionizados e outras partículas ainda não identificadas. Portanto, a sua constituição é de natureza material.

Segundo os cientistas russos, o corpo astral é tal qual um organismo unificado e apresenta-se resplandecente como um céu estrelado. A luminosidade ou a luz descrita pelos médiuns videntes tem agora a sua comprovação científica.

Mas voltando ao assunto, alma, para continuarmos é muito importante aceitar a reencarnação do Espírito que, pode-se dizer, foi provada pelas pesquisas do Prof. Ian Stevenson da Universidade de Virginia, nos Estados Unidos, conforme publicou no seu livro *20 Casos Sugestivos de Reencarnação*, Editora Edicel.

São também importantes para comprovar a teoria da reencarnação as pesquisas sobre as comunicações de espíritos, obtidas em gravação de fitas magnéticas, sem a intermediação de médiuns, iniciadas por Friederich Juraenson na Suécia, por Konstantin Randive na Alemanha e pelo Dr. Giuseppe Crosa em Gênova, na Itália, fundando a Transcomunicação.

Não podemos deixar de mencionar novamente a descoberta do corpo bioplasmático do homem, cuja existência foi comprovada pelos cientistas soviéticos, estudando a fotografia kirlian. Eles descobriram que o corpo bioplasmático do homem retira-se do respectivo corpo físico no momento da morte. Este corpo, descoberto pelos cientistas russos, é o mesmo corpo astral, isto é, o intermediário que liga o espírito ao corpo físico e, portanto, o que o modela e configura.

Em face desses fatos, existe no mundo científico uma tendência para a aceitação da tese do Prof. Joseph Banks Rhine, da Duke University dos Estados Unidos, a qual defende a sobrevivência do homem após a morte física e a possibilidade de sua ação sobre a matéria.

Outros cientistas de renome internacional, sérios e altamente competentes, chegaram a sustentar, com base nas suas investigações, a sobrevivência da mente após a morte física.

O Prof. Whately Carington, da Universidade de Cambridge, fazendo experiências de telepatia com a transmissão de desenhos,

forneceu as primeiras provas científicas da precognição, isto é, de se poder conhecer algo antes de acontecer. Ele chegou a formular uma teoria da continuação da existência após a morte.

O Prof. Harry, catedrático de Lógica da Universidade de Oxford, sustenta a tese da continuação da vida post-mortem, afirmando que a mente humana sobrevive à morte do corpo e tem o mesmo poder da mente do homem vivo, de influir sobre outras mentes e sobre o mundo material. O parecer deste homem da ciência comprova a existência de obsessores, conforme os casos tratados pelo Racionalismo Cristão.

O Prof. Rhine, que já mencionamos aqui, no seu livro *O Novo Mundo da Mente*, reconhece que nas experiências estudadas por sua esposa, a Profa. Louise Rhine, também na Duke University, tratou ela de casos que sugerem a participação de uma entidade extracorpórea.

As pesquisas científicas de Rhine seguem um curso ascendente. Na primeira fase dos seus estudos provou que os fatos espíritas “paranormais” existem. Em seguida provou que a mente não é física e age por vias extrafísicas sobre a matéria. Em continuação, os seus seguidores provarão a sobrevivência do Espírito, satisfazendo os métodos da ciência oficial.

Eu quero lembrar a vocês que até agora os homens de ciência nada provaram contra a Ciência Espírita. Pelo contrário, somente têm comprovado os seus postulados, os quais vêm sendo anunciados desde a segunda metade do século XIX, por vários cientistas como William Crooks (1832-1919), Cezar Lombroso (1835-1909), Pinheiro Guedes (1842-1909), Charles Richet (1850-1935), Sir Oliver Lodge (1851-1940) e muitos outros.

O médico Dr. Pinheiro Guedes escreveu no seu livro *Ciência Espírita*, publicado pelo Racionalismo Cristão, que: “Por demonstração analítica, o Espiritismo é uma ciência. É ciência de observação, a qual também recorre ao método experimental; prova a existência da alma e que é ela quem dirige o corpo, quem o anima e o domina; que o corpo é para a alma o que a roupa é para o corpo, um agasalho, um abrigo contra as intempéries”.

Como a alma não tem os limites exteriores da matéria de que é constituído o corpo e que confere a este uma configuração, um aspecto particular, ela apresenta-se com a figura que lhe aprouver. Os espíritos do Astral Inferior geralmente são vistos pelos médiuns videntes como

pessoas escuras, encapuzadas, sem mostrar o rosto ou, então, como bolas negras, conforme já nos referimos.

Estes espíritos estão por toda parte, aguardando a oportunidade de se associar àqueles cujos pensamentos e sentimentos se afinem com os seus, geralmente concernentes aos vícios, maledicência, sensualismo, fúria, usura e outros.

São esses espíritos que se manifestam, a qualquer hora, nas reuniões espíritas feitas em casas de família ou nos centros espíritas, tendas de umbanda, candomblé, ou mesmo na rua, num ônibus, se o médium não tiver controle. Desta forma, basta uma vacilada que, pela Lei de Atração, eles se apresentam às dezenas. São todos obsessores e pululam nos círculos esotéricos, reuniões teosóficas, lojas rosa-cruz, templos protestantes, centros kardecistas, reuniões carismáticas católicas; assessoram cartomantes, astrólogos, grafólogos, jogadores de búzios, assembléias sindicais, comícios e reuniões políticas.

Organizados em falanges, muitos ditam livros, fundam doutrinas, criam seitas e sistemas religiosos, cultuando e defendendo vivamente a sua “verdade”, que agrada o seu paladar psíquico, achando impura e dissociativa a “verdade” que não é da sua simpatia.

As religiões ou os sistemas que se julgam certos estão em guerra com os sistemas que julgam errados e a confusão aumenta porque todos apregoam que o seu sistema é o melhor e o único detentor da última verdade, quando não da verdade integral.

Isto ocorre porque estes espíritos do Astral Inferior não precisam de corrente fluídica pura para se manifestar. Basta a faculdade mediúnica do sensitivo, independentemente da sua moralidade, para lhe tomarem o controle da mente. Todos esses espíritos trazem os seus corpos astrais impregnados de fluidos maléficos, provenientes das regiões astrais onde vivem. Portanto, o relacionamento com eles só trará malefícios.

Essa foi a grande descoberta de Luiz de Mattos e de Luiz Alves Thomaz, fazendo pesquisas no Centro Amor e Caridade, em Santos, em 1910.

Os espíritos superiores, apoiados numa forte corrente fluídica, mantida por dezoito médiuns honrados e de moral elevada, apresentam-se aos videntes como grandes focos de luz colorida de elevada intensidade, geralmente com formato geométrico.

À medida que esses espíritos vão alcançando graus evolutivos mais elevados, opera-se neles a mudança na cor e no aroma que lhes são próprios, em virtude do novo estado moral alcançado.

Esses espíritos somente conseguem chegar até nós atraídos magneticamente por forte corrente fluídica, conforme acima nos referimos, obedecendo à rígida disciplina prescrita pelo Racionalismo Cristão, sendo tudo supervisionado pelo Presidente Astral do Racionalismo Cristão na Terra, o imortal Antonio do Nascimento Cottas, pelos presidentes astrais das Filiais do Centro Redentor e por um exército de espíritos auxiliares dos mundos opacos, verdadeiros soldados que preparam o terreno para os espíritos do Astral Superior se manifestarem, ainda assim por poucos minutos, oito ou dez no máximo.

Nas sessões do Racionalismo Cristão, nos dez minutos iniciais, quando se processa a limpeza psíquica, com o auxílio das correntes fluídicas, como antes já explicamos, os espíritos do Astral Superior penetram na atmosfera da Terra e coarctam o livre-arbítrio dos espíritos desencarnados presentes, arrebatam os obsessores de toda espécie, dos mais pacatos aos mais agressivos, e os transportam para os seus mundos de estágio.

— *Tio Marcos, o que é obsessão? - perguntou Serginho.*

Existem dois sentidos para a palavra obsessão.

O primeiro sentido diz respeito à neurose obsessiva, que pertence ao campo da Psicanálise.

O segundo diz respeito à Ciência Espírita e foi muito estudado pelo Racionalismo Cristão.

Vamos falar sobre o que sejam esses dois casos.

A Psicanálise preocupa-se com a análise da alma, denominada psique. É uma ciência que estuda a alma com enfoque materialista.

A Ciência Espírita se preocupa com as provas da existência e da sobrevivência da alma, e com o futuro que a espera, de acordo com a sua trajetória evolutiva. Estuda a alma com enfoque espiritualista.

A neurose obsessiva foi estudada pelo Dr. Sigmund Freud (1856-1939), médico austríaco que desenvolveu a Teoria Psicanalítica. No início do desenvolvimento dessa teoria, Freud foi muito combatido na Alemanha. Em 1933, os nazistas queimaram uma pilha de livros de Freud, em Berlim. Ele comentou o fato:

— É um progresso o que está se passando. Na Idade Média, eles teriam jogado a mim na fogueira. Hoje em dia, contentam-se em queimar os meus livros.

Foi Freud quem revelou ao mundo o que existe nos porões da nossa consciência.

Vejamos os conceitos principais da sua teoria psicanalítica.

A mente é constituída de consciente, inconsciente e pré-consciente.

O consciente é somente uma pequena parte da mente. Contém tudo o que sabemos num dado momento.

No inconsciente estão os elementos instintivos, que nunca foram conscientes e que não são acessíveis à consciência. Além disso, há material que foi excluído da consciência, censurado e reprimido. Este material não é esquecido nem perdido; contudo, não é permitido que seja lembrado. Os processos mentais inconscientes não são influenciados pelo tempo. Isto significa que é um arquivo o qual não é ordenado seqüencialmente, obedecendo a uma ordem de tempo. O tempo de modo algum os altera. A idéia de tempo não lhes pode ser aplicada.

A maior parte da consciência é inconsciente. Ali estão os principais determinantes da personalidade: as fontes de energia psíquica e os instintos.

O pré-consciente é uma parte do inconsciente, mas, uma parte que pode tornar-se consciente com facilidade. As porções da memória que são facilmente recordadas fazem parte do pré-consciente. Por exemplo: tudo o que fizemos ontem, o nosso segundo nome, a data do nascimento, etc.

Isto explicado, podemos dizer que muitas dificuldades com as quais lidamos no dia-a-dia têm origem nos primeiros anos da nossa infância.

Deve-se sempre ensinar as criaturas a enfrentar os problemas, principalmente aqueles que possam induzir em suas mentes auto-imagens negativas.

As crianças são extremamente vulneráveis durante os primeiros anos de vida, pois os padrões de suas ondas cerebrais são similares à hipnose, tornando-as suscetíveis à programação, sem as funções da lógica e da razão.

Se chamarmos freqüentemente uma criança de burra e a acusarmos de não conseguir aprender, mesmo tendo capacidade para tornar-se um futuro Einstein, seu desenvolvimento intelectual será abaixo da média.

O subconsciente será convencido através da repetição. Introjetamos, desta forma, uma imagem negativa na criança, geralmente produto de coisas impensadas que se diz à criança, nos momentos de raiva, de impaciência, como, por exemplo: “você é desajeitada (ou lerda, briguenta, gorda, magra, burra, etc)”, “não consegue fazer nada direito”, “nunca será alguém”, “nunca conseguirá nada”, “é fraca, ruim”, etc., etc.

A criança recebe programação similar nos comerciais e nos filmes da TV.

Na TV, ao invés de se enfatizarem valores como caráter, moral, estudo, trabalho ou tipo de personalidade desejados, mostra-se à criança que ela obterá sucesso, prazer, será amada e tudo estará bem no seu mundo se usar determinado vestuário ou se alimentar com as guloseimas anunciadas. Semelhante processo se dá com filmes cujas estórias ressaltam ações de roubo, assassinato, vícios, ensinando o desrespeito total à lei e à ordem, com mocinhos solucionando tudo, no fim, através da agressividade e da violência.

Não é de se admirar que existam tantos jovens sem objetivos, frustrados e infelizes no mundo.

Mas continuemos com o nosso assunto: Freud definiu ainda instintos, libido e energia agressiva.

Os instintos são pressões que dirigem o organismo para fins particulares. São forças propulsoras que incitam as pessoas à ação. Cada instinto tem uma fonte de energia em separado.

Libido, palavra latina que significa desejo, anseio, é a energia dos instintos de vida, isto é, de toda conduta ativa e criadora do homem. Explica os fenômenos psicosexuais.

A energia agressiva é a energia do instinto de agressão ou da morte.

Esse modelo psíquico que acabei de apresentar foi usado por Freud até 1920, quando então publicou o livro *Além do Princípio do Prazer*, no qual expôs uma importante mudança no seu pensamento. Introduziu a noção de compulsão da morte, bem como um novo modelo do aparelho psíquico, formado por id, ego e superego.

O id é o reservatório da energia de toda a personalidade. É a parte mais profunda da personalidade. No id estão os impulsos dominados pelo Princípio do Prazer e pelos desejos impulsivos.

As leis lógicas do pensamento não se aplicam ao id. Os conteúdos do id são quase todos inconscientes. Eles incluem configurações mentais que nunca se tornaram conscientes. O id pode ser comparado a um rei, cujo poder e autoridade são totais e criadores, mas depende dos outros para distribuir e usar esse poder. Um pensamento ou uma lembrança, excluídos da consciência, são localizados no porão do id e são capazes de influenciar o comportamento mental de uma pessoa. Pensamentos esquecidos conservam o poder de agir com a mesma intensidade, mas sem o controle do consciente.

— *Tio Marcos, pelo que o senhor acabou de explicar, nós somos verdadeiros fantoches do nosso id, isto é, iguais àqueles bonecos movimentados por cordões, não é?* - comentou Silvinho.

Ser ou não títere do nosso id depende do nosso valor. O Sr. Racional ensina que: “O Valor do indivíduo principia onde começa o domínio de si mesmo”. A qualidade essencial, necessária ao desenvolvimento do valor, consiste em saber controlar os nervos e os pensamentos, subjugando os ímpetos e as inclinações condenáveis para que o raciocínio possa apontar-lhes as melhores soluções.

Fortalecer os atributos de valor para resistir aos procedimentos indignos é uma necessidade imperiosa e inabalável.

Quem tem valor, tem coragem e também paciência, isto é, possui a virtude de suportar os infortúnios, com perseverança tranqüila.

Conta-se que, um dia, três intelectuais discutiam diante do Conde de Chatham, célebre estadista inglês do século XVIII, a questão de saber qual era a qualidade mais necessária a um primeiro ministro.

Um dos interlocutores disse que era a eloquência; o outro, a ciência; e o terceiro, o trabalho.

— Não - disse o Conde Chatham. - É a paciência.

Assim se manifestou por saber, por experiência própria, que a paciência implica no domínio de si mesmo, condição imprescindível para vencer as dificuldades.

Antonio do Nascimento Cottas (1892-1983), Presidente do Racionalismo Cristão em continuação a Luiz de Mattos, escreveu no livro *Cartas Doutrinárias de 1949 a 1952*, publicado em 1956, na

página 85, a seguinte orientação: “A confiança nas Forças Superiores origina paz de espírito. Estamos no mundo Terra para lutar e trabalhar sem revolta, todos temos horas boas e horas más, mas quando se dá valor ao pensamento e se sabe aquilo que se quer, nunca se deseja o impossível, vai-se conseguindo transpor as barreiras da vida, aumentando sempre as forças espirituais para palmilhar com segurança a estrada que nos há de levar ao fim da jornada”.

Voltando ao nosso assunto, o ego é a parte da personalidade que está em contato com a realidade externa. Desenvolve-se a partir do id, à medida que o bebê torna-se cômico de sua própria identidade. Como a casca de uma árvore, o ego protege o id. O ego tem a tarefa de garantir a saúde, a segurança e a sanidade mental.

O superego desenvolve-se a partir do ego. Atua como juiz ou censor sobre a atividade e os pensamentos do ego. O superego é o depósito dos códigos morais e dos modelos de conduta. O superego é responsável pelas seguintes funções: consciência, auto-observação e formação de ideais.

Uma vez explicados estes conceitos básicos, podemos dizer que a neurose obsessiva é um distúrbio proveniente de desejos reprimidos ou de ansiedades neuróticas referentes à força das paixões do id.

Em 1933, num de seus livros, Freud escreveu o seguinte: “E aqui gostaria de acrescentar que não penso poderem nossas curas competir com as que se verificam em Lourdes. São muito mais numerosas as pessoas que crêm nos milagres da Santa Virgem do que aquelas que acreditam na existência do inconsciente”.

Freud escreveu exaustivamente. Sua obra compreende 24 títulos.

Em 1938, os alemães ocuparam a Áustria e permitiram que Freud fosse para Londres. Um ano depois, morreu de câncer na boca e na mandíbula.

O jornal *O Globo* de 29 de junho de 1959 publicou pronunciamento do Dr. Leônidas Martins, diretor da Casa Humaitá, sobre as doenças mentais: “Os neuróticos ainda constituem um grande problema para a Psiquiatria. A Psicanálise tem tentado resolver o caso das neuroses, porém, na minha opinião, não tem adiantado grande coisa, porque, além de outros fatores, é um tratamento moroso e dispendioso”.

Na Suécia, numa assembléia de médicos, o Prof. Dr. Odenkrantz propôs aos médicos psiquiatras que procurassem curar os seus loucos

pelos processos espíritas, lembrando o êxito que vinha tendo com tais procedimentos o famoso médico Dr. Wickland.

Com essa proposta, se ainda existissem as fogueiras da Inquisição, ele na oportunidade teria sido queimado.

A imprensa caiu matando e o Dr. Odenkrantz foi tido como louco.

Aos protestos veementes de seus colegas, ele respondeu que o Espiritismo Científico curava e era mais humano.

Foi o que provaram Luiz de Mattos e Luiz Alves Thomaz, fundando em 1912 dois hospitais para curar loucos, um em Santos e o outro na cidade do Rio de Janeiro.

Luiz de Mattos, comerciante muito bem sucedido na cidade de Santos, a partir de 1910 começou uma larga campanha de divulgação pela imprensa do que era a Doutrina Racionalista Cristã.

Jornalista brilhante, escreveu uma série de artigos em que explicava que a loucura, assim como muitas outras enfermidades julgadas incuráveis pela classe médica, era curável com o tratamento preconizado pelo Racionalismo Cristão, na cidade de Santos.

Luiz Alves Thomaz, no Centro Espírita Amor e Caridade, adido ao hospital em Santos, e Luiz de Mattos, presidindo o Centro Redentor e o hospital no Rio de Janeiro, ambos desde 1912, conhecendo que os espíritos do Astral Superior, pela ação fluídica, acabavam com as obsessões e com a loucura, afastando espíritos obsessores e destruindo os miasmas deletérios que envolviam os enfermos, começaram a curar loucos, cegos, paralíticos, tuberculosos e enfermos de doenças várias, que a medicina oficial não conseguia curar, porque desconhecia que a causa da doença era um agente desencarnado.

Estes hospitais da Doutrina Racionalista Cristã funcionaram até 1915, quando foram desativados, pois, apesar de Luiz de Mattos ter convidado os médicos e o governo a comparecer para estudar e concorrer com os seus conhecimentos para esclarecer as curas excepcionais de loucos que se produziam em grande escala, infelizmente esses fatos não despertaram interesse da ciência médica da época.

Desta forma, à luz da Doutrina Racionalista Cristã, o segundo sentido da palavra obsessão é o seguinte: a obsessão é uma enfermidade psíquica resultante do mau uso do livre-arbítrio, da vontade mal-educada, das inclinações sensualistas, do descontrole nos atos cotidianos, do nervosismo desenfreado, dos desejos que não se podem vencer, da ambição desmedida, do temperamento voluntarioso, da falta

de disciplina, do desconhecimento ou da inobservância dos ensinamentos do Racionalismo Cristão.

A obsessão é também um estado da alma devido à ação mais ou menos direta de espíritos desencarnados ou mesmo de pessoas encarnadas, influenciando sobre as criaturas de diversos modos, desde a simples sugestão insistente, perene, tenaz, até a ação discreta, enérgica, violenta, provocando os chamados ataques.

O espírito obsessor age movido sob o influxo do amor ou do ódio. Dominando a sua paixão, ele procura captar a confiança da sua vítima. Sua ação é intencionalmente demorada, branda, incessante, delicada. Se, porém, a paixão o domina, a agressão é violenta e brutal.

— *Tio Marcos, como se processa a obsessão espiritual?* - perguntou Marquinho.

Tio Marcos, olhando para todos, disse:

— *Prestem atenção!*

Foi necessário que primeiro fosse aberta uma brecha intelectual, com o poder da Ciência, para romper a golpes de descobertas e invenções o pensamento religioso fanático existente no século XIX, para que os homens pudessem entender o fato espírita, fazendo analogia desses fatos com as coisas que os inventores e pesquisadores descobriram mediante observação, dedução e principalmente pelo método experimental de Galileu.

Para vocês compreenderem bem como se processa a obsessão, eu vou discorrer, antes, sobre como foi descoberta a telegrafia sem fio, pois o espírito obsessor e o obsedado se comunicam usando uma espécie de sintonia, tal qual numa comunicação de rádio, quando ambos atuam simultaneamente como transmissor e receptor.

Em 1887, o físico alemão Heinrich Hertz (1857-1894), estudando os campos magnéticos criados por uma corrente elétrica ao atravessar um condutor, verificou que se essa corrente fosse alternada de alta frequência, os campos magnéticos circulares que normalmente se produzem ao longo do condutor (como ondas formadas por uma pedra que cai num lago de águas paradas) irradiam-se por todo o espaço que circunscreve o fio. Essa propagação também é em ondas circulares, tal qual as ondas na água formadas pela queda da pedra, mas percorrendo o espaço com a velocidade da luz.

Estes campos de alta frequência descobertos por Hertz foram inicialmente chamados de ondas sem fio e posteriormente de ondas hertzianas, em homenagem ao seu descobridor.

Em 1890, o físico francês Edouard Branly (1844-1940) inventou um instrumento para indicar a presença das ondas hertzianas no espaço ambiente, cujo instrumento foi chamado coesor a limalha, o qual mais tarde foi aperfeiçoado, substituindo-se a limalha por um cristal de sulfeto de chumbo chamado galena.

Em 1895, Aleksander Popov (1859-1906), engenheiro russo, criou a antena radielétrica e no ano seguinte construiu o primeiro receptor de ondas eletromagnéticas.

Neste mesmo ano de 1895, o físico italiano Guglielmo Marconi (1874-1937), juntando o oscilador de alta frequência de Hertz, mais o coesor de Branly, mais a antena de Popov, conseguiu em Bolonha, Itália, transmitir e receber sinais eletromagnéticos, a uma distância de 1600 metros. Estava inventado o telégrafo sem fio.

Em 1897, o físico inglês Sir Oliver Lodge (1851-1940), estudando as ondas hertzianas, descobriu que um oscilador de alta frequência, funcionando com um capacitor variável, fazia com que as ondas hertzianas existentes no espaço pudessem ser sintonizadas, isto é, fluir livremente por este circuito, quando oscilava na mesma frequência das ondas hertzianas recebidas. Com esta descoberta, vários transmissores de ondas hertzianas poderiam funcionar simultaneamente, desde que possuíssem frequências diferentes, sem causar interferências nas comunicações. Com essa invenção, Oliver Lodge deu grande impulso à telegrafia sem fio. É esta invenção que permite mudarmos as estações de rádio e os canais da TV.

Em 1899, Marconi estabelece comunicação pela telegrafia sem fio, através do Canal da Mancha e depois, em 1901, através do Oceano Atlântico.

Em 12 de outubro de 1931, às 19 horas, por ocasião das festividades da inauguração do Cristo Redentor do Rio de Janeiro, erigido no Corcovado, Marconi, de Roma, acionou pela telegrafia sem fio a iluminação desse monumento.

Mas, voltando ao nosso assunto, obsessão, quando uma criatura encarnada emite, ou melhor, irradia pensamentos de ódio, cobiça, inveja, maledicência, revolta, etc., da mesma forma que um aparelho de rádio, sintoniza-se com espíritos do Astral Inferior, passando a receber desses

espíritos fluidos deletérios e intuições perniciosas e imorais, passando com o tempo a ser totalmente avassalada, num processo idêntico à simbiose.

Vocês sabem o que é simbiose? Vou lhes recordar.

Em Botânica, define-se simbiose como a associação de duas plantas, na qual ambos organismos interagem entre si, ainda que em proporções diversas. É o caso dos líquens. O líquen é um vegetal formado pela íntima associação de uma alga verde ou azul com um fungo superior. As algas ficam dentro do talo, formando uma camada verde. Os líquens são muito usados pela indústria farmacêutica para a produção de antibiótico.

Portanto, pensar é o mesmo que atrair, é o mesmo que sintonizar pensamentos iguais, atraindo espíritos do Astral Superior ou do Astral Inferior, como se os espíritos encarnados e desencarnados fossem verdadeiros transmissores e receptores de rádio, funcionando simultaneamente. Uma vez atraído o espírito do Astral Inferior, começa a ocorrer uma espécie de simbiose fluídica, com muito prejuízo para o encarnado. Um exemplo disto são os hospitais psiquiátricos e hospícios, repletos de obsessados.

Mas retornemos ao nosso assunto: quando nós estudamos a colonização do Brasil, vimos que a sua população encarnada é constituída por brancos, índios (vermelhos), negros e seus descendentes.

A heterogeneidade existente na sociedade brasileira, tanto quanto em relação aos grupos étnicos como aos respectivos níveis culturais, também existe entre os espíritos que habitam a atmosfera astral do Brasil. Por serem invisíveis e espargirem fluidos deletérios, próprios dos ambientes astrais em que vivem, são muito nocivos aos homens.

Esses espíritos, apesar de desencarnados, continuam com os mesmos conhecimentos que possuíam antes de desencarnar, com os mesmos vícios, os mesmos defeitos morais e a mesma religião. O estado de desencarnado não os melhora em nada. Muitos continuam sendo fanáticos rezadores das linhas de umbanda, candomblé, católica, espírita kardecista, ocultista, evangélicos, protestantes, etc.

A perda do corpo carnal não lhes proporcionou nenhum adiantamento moral, nem tampouco os conduziu aos seus respectivos mundos de estágio.

Ficaram aqui na atmosfera da Terra por ignorância, por desconhecerem a vida fora da matéria e não saberem como viver em

espírito. Tudo nós temos que aprender com esforço próprio. Nada nos cai do céu, inclusive como viver a vida de espírito correspondente ao nosso grau evolutivo. E como desconhecem que temos outra vida, pensando que só existe a realidade física, desconhecem até que desencarnaram.

Para que isso não aconteça conosco quando desencarnarmos, precisamos aprender tudo o que for possível sobre a vida espiritual, bem como viver nos mundos espirituais de estágio.

Devemos nos conduzir como se nos preparássemos para morar em um país cuja língua, costumes e moda fossem desconhecidos por nós.

Muitos encarnados, por desconhecerem a existência da espiritualidade superior, praticam um espiritismo grosseiro, difundido por pessoas incultas, semiletradas, que conseguem ludibriar as pessoas de destaque social, muitas mesmo portadoras de títulos universitários. Essas pessoas freqüentam sessões em casa de família, ou vão a terreiros, lugares estes que são verdadeiras pocilgas espirituais, onde, muitas vezes, para satisfazer a animalidade de espíritos obsessores, habitantes das regiões do Astral Inferior, são sacrificados bodes, patos, galinhas, todos de cor preta, para que os espíritos ignorantes, quais vampiros, possam sorver a energia vital do sangue desses animais. Daí o nome de magia negra.

Não compreendemos como pessoas decentes, de destaque social, podem se enganar e se misturar aos praticantes de magia negra, achando que tal miséria lhes poderá trazer sorte, resolver problemas financeiros e amorosos, vencer inimigos, conquistar a mulher do próximo e até acertar na loteria.

Todas essas pessoas são espiritualmente cegas, instrumentos dóceis de espíritos do Astral Inferior, de entidades zombeteiras, gozadoras, galhofeiras, que se aproveitam da ignorância de assistentes, de médiuns e de donos de centro para ludibriar os que levam esses trabalhos a sério. Muitos, apesar de possuir estudo, não têm luz. A luz é um estado de consciência que pode ser alcançado quando irradiamos regularmente aos espíritos superiores, nas sessões das Casas Racionalistas Cristãs ou durante as sessões de limpeza psíquica praticadas no lar. Com a luz, teremos condições de ampliar nosso entendimento, nosso raciocínio e de compreender claramente a Verdade e as intuições provenientes das Forças Superiores.

Consciente ou inconscientemente, esses seguidores do baixo espiritismo, além de muito prejudicarem a si próprios frequentando esses centros, correm o risco de ficarem obsedados, loucos e até com a vida material e financeira arruinada, contribuem também para a proliferação dessa chaga social, que se vai estendendo cada vez mais, por toda parte, com graves riscos para a sanidade mental das criaturas encarnadas.

Todos aqui conhecem a estória daquele médium espírita que atuava aqui perto, na cidade de Palmelo-GO. Era um médium de efeitos físicos, semiletrado, que talvez nunca tenha lido Kardec. Fazia operações cobrando por esse serviço. Ficou riquíssimo. Os médicos da região o chamavam de Antonio Capador. Gostava muito de beber pelos bares das cidades vizinhas a Palmelo, e também de pescar. Certa ocasião, indo pescar num lago de uma das suas fazendas, depois de ter tomado uns goles, eis que surge um enxame de abelhas africanas, que o atacou na canoa. Levou instantaneamente mais de 2 mil picadas. Quando o socorreram estava morto, pois era alérgico a picadas de abelha e não sabia.

Por isso, caros sobrinhos, vocês precisam, nesta encarnação, estudar a vida fora da matéria. Precisam se esclarecer, pois somente serão vítimas dessas misérias as pessoas fracas e as que tiverem medo dessa marginalidade astral, as que forem supersticiosas, religiosas, fanáticas, revoltadas, as nervosas que se irritam por qualquer coisa, as que maldizem de tudo e de todos, as gozadoras da vida, que como suínos vivem para a engorda, para a satisfação e o abuso de todos os prazeres, não querendo ter a menor noção do que sejam respeito ao próximo e moralidade.

Tio Marcos olhou para o seu relógio e disse:

— Para encerrar o assunto desta noite, vou falar um pouco sobre as adversidades, sobre os reveses da vida, principalmente para vocês que estão saindo da infância e entrando na mocidade.

O Espírito, quando encarnado, passa por quatro fases distintas da vida e em cada uma colherá valiosos ensinamentos.

Estas fases são a infância, a mocidade, a maturidade e a velhice. Em cada fase, tem deveres a cumprir, trabalhos a realizar e obrigações a satisfazer.

A vida durante essas fases é balançada por angústias e tormentos. São contrariedades que não deixam de vir, para sacudir e para despertar,

pois fazem parte da nossa trajetória evolutiva. Quando submetida a um revés, se a criatura não for esclarecida, se não conhecer a verdade espiritual, poderá sentir-se indolente, perplexa, atordoada pela insegurança que constata no vácuo da sua existência.

Para vocês usufruírem uma felicidade relativa, o Sr. Racional aconselha sempre, em todas as situações da vida, a leitura do livro *Racionalismo Cristão*.

Deverão ter sempre à mão este livro e fazer dele um manual de cabeceira. Deverão estudá-lo freqüentemente, com disciplina, um pouquinho de cada vez, porém incessantemente. Quando chegarem ao fim, retornem ao começo. Desta forma, minimizarão a dor da existência quando os reveses chegarem.

Outra coisa: quando vocês saírem da maturidade e adentrarem a velhice, não devem pensar: “Estou velho, acabado, no fim da vida”. Esta postura mental é errada, pois quem pensa é o espírito, que é eterno, portanto imortal e inascível. Por isso deve-se pensar: “Estou na fase da maturidade eterna, a velhice, apesar de ser uma lei natural no planeta Terra, não é condição permanente do Espírito. A velhice não condicionará o meu espírito”.

Para vocês sentirem a importância desse livro, posso dizer-lhes que o Racionalismo Cristão ensinou-me que, enquanto eu dependesse de alguém para alguma coisa de foro íntimo ou para me sentir completo, realizado, seria infeliz, frágil e qualquer satisfação seria efêmera. Então passei a aplicar as minhas energias vitais para a vida, para o trabalho, para o estudo e não mais para queixas, revoltas e lamentações.

Consegui, desta forma, encontrar a paz e a felicidade relativas, livrando-me da necessidade ou da dependência de coisas, pessoas, protetores espirituais, guias, deuses e demais criações da imaginação.

Passei a reagir aos estímulos da vida, respondendo com pensamento e raciocínio, embutindo também nessa atitude, quando fosse necessário, o planejamento, a organização, a disciplina e o controle de todos os meus cursos de ação, para bem atingir os objetivos de ordem material e também os de ordem espiritual.

Também será de bom senso vocês aceitarem as informações que lhes chegarem por diferentes meios, tais como mídia (jornais, revistas, cinema, rádio, etc.), conferências, estudo, leitura, etc... Vocês não devem descartar informações recebidas simplesmente por serem novas, diferentes. Tratem e trabalhem com elas até que provem ser verdadeiras

ou falsas. Tenham coragem de desafiar a si próprios e às respectivas crenças, empenhem-se em viver a vida espiritual para descobrir a Verdade, que lhes trará a libertação dos condicionamentos e a independência dos seus pensamentos.

Para encerrar a aula de hoje, vou lhes lembrar uma pequena poesia de Cora Coralina, poetisa de Goiás (1895-1985), a qual sintetiza a nossa trajetória evolutiva, nesse mundo-escola, em versos magistrais, pois tanto a Poesia quanto a Matemática dão grandes definições, fazem grandes demonstrações com um mínimo de palavras ou caracteres. Disse ela:

DAS PEDRAS

Ajuntei todas as pedras
Que vieram sobre mim
Levantei uma escada muito alta
E no alto eu subi
Teci um tapete floreado
E no sonho me perdi

Uma estrada,
Um leito,
Uma casa,
Um companheiro.
Tudo pedras

Entre pedras
Cresceu minha poesia
Minha vida ...

Quebrando pedras
E plantando flores

Entre as pedras que me esmagavam
Levantei a pedra rude
Dos meus versos.

E tio Marcos encerrou a aula, dizendo:

— Bem, por hoje basta, a noite está muito fria.

— Tio Marcos, espera um pouquinho. Explique-nos a razão pela qual foi fundado o Racionalismo Cristão - pediu Serginho.

— Serginho, o ideal seria eu contar a história do Racionalismo Cristão, mas isto ficará para uma próxima oportunidade. Contudo, vou lhes falar resumidamente sobre a origem dessa doutrina e qual foi a sua contribuição para o pensamento da humanidade, considerando que vocês ainda não estão com sono.

A Filosofia Racionalista Cristã não é literatura de ficção. Não serve para as pessoas que gostam de viver de ilusões decorrentes de sonhos e fantasias. Os religiosos e os fanáticos de várias seitas não a entendem. Acham que somos ateus, pois ela não fala para agradar. Fala para revelar à humanidade os esclarecimentos necessários de que precisa para sair da cegueira religiosa, da escravidão mental imposta por mestres, gurus, sacerdotes, pastores e demais “iluminados” aos seus prosélitos, geralmente pessoas bem-intencionadas, ingênuas, laboriosas, porém, em sua grande maioria, de poucas letras e quase todas desconhecendo as leis do pensamento e os atributos valor, força de vontade e o livre-arbítrio.

No transcorrer de 1909, em Santos-SP, Luiz Mattos foi acometido por um colapso circulatório. Esteve às portas da morte, durante três dias e três noites.

Como era intelectual e livre-pensador, raciocinou e concluiu que não era possível um homem extinguir-se na sepultura. Algo mais importante que o corpo deveria existir. E este algo deveria ser a alma, cuja vida seria perene, obedecendo a uma lei natural a que todos nós estaríamos sujeitos. E o que era a alma? Não sabia até então.

Tempos depois, acompanhando um amigo que levava a esposa para tratamento num centro espírita, conheceu como lá trabalhavam, apesar de detestar o espiritismo popular.

Ao entrar pela primeira vez neste centro, o Presidente Astral, Padre Antonio Vieira, entregou-lhe a presidência da sessão, apesar da sua veemente relutância em aceitar. Mas aceitou e nessa ocasião doutrinou o jesuíta desencarnado Ignácio de Loyola. Desde então, passou um ano e meio estudando as comunicações e receituários obtidos psicograficamente naquele centro. Nesta época, através da mediunidade de um instrumento do centro, manteve diálogo com um grande amigo

seu, desencarnado, o filólogo e romancista Julio Ribeiro, falecido em 1890, portanto dezenove anos antes desse episódio.

Junto com Luiz de Mattos (1860-1926), também Luiz Alves Thomaz (1871-1931) freqüentava este centro, em busca de cura para uma doença que sofria e que os médicos não davam jeito.

A partir de então, Luiz de Mattos uniu-se a Luiz Alves Thomaz para estudar o fato espírita, e ambos concluíram que a vida fora da matéria era real e que o espiritismo científico podia curar doenças psíquicas.

Desde então, Luiz de Mattos dedicou-se integralmente ao estudo científico do Espiritismo, começando pela obra escrita pelo Dr. Pinheiro Guedes, em 1901, intitulada *Ciência Espírita*. Contava nessa época com quase 50 anos de idade e era um comerciante abastado e jornalista muito conceituado pelas campanhas abolicionista e republicana que mantinha.

Então, juntamente com Luiz Alves Thomaz, também capitalista e grande fazendeiro, produtor e exportador de café, ambos fundaram, em 26 de janeiro de 1910, o Centro Espírita Amor e Caridade, cuja primeira sede era alugada, situada na Rua Amador Bueno, nº 190, em Santos.

Em 21 de junho de 1912, ambos inauguraram a sede própria do Centro Amor e Caridade, construída em terreno de propriedade de Luiz Alves Thomaz, na Avenida Ana Costa, 67, onde funciona até hoje. Simultaneamente, foi também construído um edifício semelhante à casa de Santos, na Vila Isabel, na cidade do Rio de Janeiro, que recebeu o nome de Centro Redentor.

Portanto, desde 1912, estava fundado o Racionalismo Cristão no planeta Terra, para divulgar tudo aquilo que Jesus, o Cristo, ensinou há 2000 anos na Judéia e que Paulo de Tarso deturpou com a fundação do Catolicismo, conforme lhes expliquei.

Neste evento, quais foram os grandes méritos de Luiz de Mattos e Luiz Alves Thomaz?

O mérito de Luiz Alves Thomaz foi o de ter sido o sustentáculo econômico da nova doutrina que nascia, pois custeou do próprio bolso a Casa Racionalista de Santos e a do Rio de Janeiro e contribuiu com uma vultosa quantia para a fundação do jornal *A Razão* em 1916. Quando desencarnou em 1931, legou por testamento quase toda a sua imensa fortuna ao Racionalismo Cristão, tornando-o economicamente independente. Esta imensa fortuna foi magistralmente administrada por Antonio do Nascimento Cottas, sucessor de Luiz de Mattos a partir de

1926 ao assumir a presidência do Racionalismo Cristão, multiplicando muito mais o seu valor.

Já Luiz de Mattos, o seu maior mérito foi contribuir para a História do Pensamento, trazendo-nos uma nova cosmovisão.

Antes dele, as filosofias explicavam o Universo de três maneiras diferentes: através das doutrinas místicas, através das afirmações agnósticas ou através dos postulados materialistas.

Nessa nova cosmovisão racional de Luiz Mattos, o Universo não se originou de uma criação mística, nem agnóstica, nem materialista. Ele justificou o Universo pela existência dos princípios Força e Matéria. A Força não é divina. Através das Leis Naturais e Imutáveis, ela se manifesta em tudo que tem vida. A Matéria é qualquer substância sólida, líquida ou gasosa que ocupa lugar no espaço.

Destas colocações, inferimos que:

1. Luiz de Mattos divulgou uma nova cosmovisão, assim definida: “O Universo e tudo que tem vida é constituído por Força e Matéria”. Portanto, o deus antropomórfico das religiões deixou de existir, sendo substituído por conceitos mais condizentes com a Verdade, tais como Força Criadora, Inteligência Universal ou Grande Foco de Luz. Esta foi uma contribuição magistral para o Pensamento, pois até então a cosmovisão científica era materialista e a cosmovisão religiosa, uma fantasia mística transformada em comércio para vender indulgência, proteção, graças, transformando os seus seguidores em súditos ingênuos e submissos.

2. Luiz de Mattos ensinou que nós, homens encarnados, possuímos uma constituição astral e uma constituição física; portanto, somos constituídos em essência também por Força e Matéria. Conseqüentemente vivemos ao mesmo tempo duas vidas: uma vida espiritual regida pela Força e uma vida material que obedece às leis naturais e imutáveis da Matéria.

3. Luiz de Mattos, continuando, ensina que o Espírito Imortal é uma partícula da Força em evolução. Portanto, vivemos para evoluir. Conseqüentemente, possuímos recursos valiosos, intrínsecos, para enfrentar as dificuldades da vida, da existência, sozinhos, sem ajuda de santos ou rezas e sem precisar filiar-nos a qualquer seita religiosa. Estes recursos são os atributos do Espírito, a saber: o pensamento, o raciocínio, a força de vontade, o livre-arbítrio, a renúncia, a capacidade de concepção (criatividade). Portanto, o homem é exatamente aquilo que

pensa. Quem pensar no mal, o mal o acompanhará como a roda acompanha o boi que puxa o carro. O pensamento é o poder soberano do Universo; liberta o sábio e escraviza o néscio.

Julio Ribeiro, após ter sido doutrinado por Luiz de Mattos, lá pelos idos de 1909, como acima relatamos, tempos depois, no Centro Redentor do Rio de Janeiro, deu uma comunicação que resumidamente dizia o seguinte: “Somos um barco, navegando em mar tempestuoso, cujo norte, cuja bússola é a nossa razão, o nosso raciocínio, o nosso pensamento. Nada existe que nos proteja. Nem deus, nem santos, nem guias, nem anjos da guarda. Somente a retidão de caráter, a honra, o dever, a disciplina, o livre-arbítrio para o bem nos protegem neste mar agitado da vida”.

Continuando esta tese, vou lhes revelar resumidamente a principal razão da existência desta doutrina, começando a explicar por que a atmosfera da Terra é um espaço habitado pelos espíritos do Astral Inferior.

Sabemos que a Terra é um mundo-escola e também um planeta depurador, envolvido por uma camada gasosa, a qual denominamos atmosfera.

Sabemos muita coisa sobre a atmosfera, por exemplo: que o vapor d'água, o gás carbônico e as impurezas dos mais variados tipos de poluição podem atingir até 3 km de altura.

Sabemos que, nas alturas superiores a 100 km, encontramos a predominância de gases leves, tais como o hélio, o nitrogênio, o hidrogênio, etc.

A partir de 1000 km de altura, as moléculas mais leves do ar escapam da força de gravidade e se evadem para o espaço sideral.

A atmosfera é indispensável à vida em virtude dos gases que contém, destacando-se o oxigênio, o gás carbônico e o ozônio. O oxigênio é o gás da vida. O gás carbônico é imprescindível aos vegetais para sintetizar a glicose, e o ozônio, por sua condição de tela protetora diante da radiação solar, impede que os raios ultravioleta emitidos pelo sol prejudiquem os olhos e a pele quando em exposições prolongadas.

A atmosfera é constituída por uma mistura de elementos gasosos, formados por corpúsculos chamados moléculas. A molécula é a menor porção de uma substância. Ela é constituída por partículas ainda menores chamadas átomos, que se mantêm coesos por forças intrínsecas de atração.

Como já estudamos em nossas aulas anteriores, os elétrons movimentam-se em torno do núcleo, a distâncias relativamente grandes. Agora pergunta-se: o que existe neste espaço que vai do núcleo ao elétron? Os cientistas do século XVII diziam existir o éter. Albert Michelson, cientista norte-americano, em 1907 provou que o éter não existe. Então pergunto: se o éter não existe, como o calor, a luz e as ondas eletromagnéticas se transmitem através do espaço?

Respondo: nós espiritualistas sabemos que esse éter nada mais é do que o Universo Astral, o qual, interpenetrando os espaços interatômicos do ar atmosférico, constitui uma região em nosso planeta denominada Astral Inferior. E a Teoria dos Quanta de Max Planck não invalida esta hipótese.

Sabemos que o Astral Inferior é tal qual um imenso deserto, onde penetra pouquíssima luz, não permitindo, em alguns casos, nem a irradiação do Astral Superior.

O Astral Inferior está ligado intrinsecamente junto à mente humana, pela atração exercida pelos pensamentos. É em nossa mente que começam as trevas da atmosfera da Terra ou as luzes dos mundos superiores.

Existem em nossa esfera física as dimensões tempo, espaço e velocidade, com as quais tudo está relacionado.

Já nos mundos astrais e na região compreendida pelo Astral Inferior encontramos o tempo subjetivo, predominando um presente eterno. O espaço é determinado pela condição mental e a velocidade é a do pensamento. Essas fronteiras dependem do grau evolutivo do espírito que lá se encontra.

Um grande problema dos espíritos do planeta Terra é o desconhecimento da vida fora da matéria, e esta lamentável ignorância é o motivo de existir uma grande população desencarnada prisioneira das trevas, levada a esta situação pela cegueira da convicção religiosa, cujo estado mental de adoração a mantém tal qual materializada.

Os habitantes do Astral Inferior vivem absorvidos em si próprios, envolvidos pelas preocupações egoísticas e pelas concepções da religiosidade submissa, constituindo grandes falanges inimigas da humanidade.

Se, na sua última encarnação, um espírito somente se preocupou em gozar a vida em detrimento dos valores espirituais e da moralidade, seu corpo astral, qual um mata-borrão, ficará impregnado de matéria

deletéria, e terá uma textura quase tão materializada quanto a do próprio corpo físico. Portanto, terá peso, ficando preso à atmosfera da Terra ao desencarnar, atraído pela força gravitacional do planeta.

Geralmente, as criaturas sem esclarecimento têm uma desencarnação de agonia, de sofrimento, de remorso, de perturbação, porque, na hora que se aproxima a morte física, afloram todas as misérias do seu espírito e desencarnam lutando contra a morte, naquele remorso, naquela tortura espiritual, envolvidos pelas trevas do Astral Inferior.

No século passado foi aberta uma brecha intelectual com o surgimento do pensamento científico, trazido por homens notáveis, cujas descobertas propiciaram o surgimento das ciências e da tecnologia, as quais culminaram com a Revolução Industrial, a partir de 1850, possibilitando mudanças radicais nas estruturas econômicas e sociais dos Estados e o surgimento do fato espírita.

O fato espírita não surgiu através de rezas, de missas ou de ladainhas. Somente surgiu quando a razão humana podia entendê-lo. O conhecimento das leis que regem a matéria deveria preceder o conhecimento das leis que regem o espírito.

O Astral Superior, sabedor de que a humanidade encarnada já possuía base científica e moral para entender o fato espírita, destacou uma plêiade de espíritos superiores, valorosos, para ajudar a humanidade a se esclarecer e purificar as regiões do planeta ocupadas pelo Astral Inferior.

Desta forma, designou espíritos de luz para a implantação do Racionalismo Cristão na Terra, a partir de 1910.

Astralmente os fundadores do Racionalismo Cristão foram os seguintes espíritos de cultura portuguesa, pois sempre reencarnaram em terras de Portugal: João de Deus, Camilo Castelo Branco, Luiz Camões, Padre Antonio Vieira, Custódio José Duarte e Pinheiro Chagas.

Em Santos, desde 1910, o primeiro Presidente Astral que norteou as sessões comandadas por Luiz de Mattos, no Centro Amor e Caridade, foi o Padre Vieira, o Patrono do Racionalismo Cristão, posteriormente substituído pelo médico Dr. Custódio José Duarte.

Luiz de Mattos apoiou-se nas excelentes condições financeiras de Luiz Alves Thomaz e, a partir de 1911, os dois iniciaram a construção da Casa de Santos e em seguida da Casa do Rio de Janeiro, ambas

inauguradas em 1912: a Casa de Santos em 21 de junho de 1912 e a Casa do Rio em 24 de dezembro de 1912.

A partir de 1913, os Princípios Racionalistas Cristãos começaram a ser consolidados por Luiz de Mattos com o lançamento, em 1914, da primeira edição do livro base da doutrina, *Racionalismo Cristão*, que passou a ser a “carta de alforria” da humanidade, libertando-a da escravidão religiosa.

Desde então, iniciaram-se as implantações das Casas Racionalistas Cristãs no planeta Terra. Estas casas começaram como centros espíritas filiados ao Centro Redentor do Rio de Janeiro ou ao Centro Espírita Amor e Caridade de Santos.

Mais tarde, em 1916, Luiz de Mattos, obedecendo a instruções do Astral Superior, promoveu a consolidação desses centros, formando centros filiais, coligados a uma casa-chefe, na época denominada Centro-Chefe, o Centro Redentor do Rio de Janeiro, porque era a casa do Rio de Janeiro que oferecia as melhores condições ao Astral Superior para espargir as luzes e dirigir a expansão da doutrina para o mundo.

A Doutrina Racionalista Cristã está apoiada na moralidade de Jesus, o Cristo, conforme já explicado anteriormente, e isso é tão sério que em 1911, quando se estava fundando o Centro Redentor do Rio de Janeiro, o Padre Antonio Vieira, presidindo astralmente uma reunião preparatória, fez o seguinte comentário: “Disse eu que, para se conseguir alguma coisa superior, indispensável era ser-se, tanto quanto possível, puro”.

Sintetizando, o Racionalismo Cristão destina-se a cumprir dois objetivos principais, a saber:

1. Arrebatado da atmosfera da Terra milhares de espíritos obsessores, galhofeiros e falanges inteiras enlouquecidas, cuja ocupação é fazer mal ao próximo e prejudicar as instituições particulares e governamentais.

2. Ensinar o homem encarnado a conhecer-se como Força e Matéria para que ele mude a sua conduta, deixando de ser um aleijado mental dependente das muletas da religião.

Desde então, o Racionalismo Cristão foi combatido. Mas nós não nos importamos com isso, pois “as idéias novas, tanto na arte, na ciência como na vida, são sempre sistematicamente combatidas pelos obstinados e pelos moribundos da inteligência”.

Tio Marcos terminou, levantou-se e saiu da sala dando boa-noite a todos.

Lá fora, vindo da casa de Severo, ouvia-se o som melodioso de uma toada sertaneja.

Severo era um exímio violeiro. Era sempre convidado para tocar nas festas da região.

Ele possuía uma viola caipira de estimação, que vô Mário comprara para ele em Montes Claros-MG, fabricada de imburana, madeira nobre do cerrado, construída por Zé Coco do Riachão, o Beethoven do sertão que, além de grande compositor e um virtuose da viola e da rabeca, construía sob encomenda instrumentos notáveis.

Havia certas ocasiões que, nostálgico, Severo relembrava a sua mocidade, fazendo a viola traduzir os sentimentos da sua juventude. Ele fora nascido, criado e curtido no sertão goiano.

Era um mulato trigueiro, forte, de estatura mediana, cujo perfil comportamental refletia tanta pureza d'alma que se chegava a pensar que era um ingênuo. Sua aura era radiosa, pois em sua presença sentia-se bem. Toda essa pureza ele transformava em melodias transcendentais que interpretava com a viola afinada na modalidade “cebolão”.

Naquela noite, todos dormiram embalados pelo som relaxante das valsas sentimentais de Zé Coco do Riachão e pela musicalidade suave de Severo, acompanhado muito de longe pelos grilos e rãs, melodiando monótonos.

No dia seguinte, os circuitos de luz e força da fazenda foram restabelecidos.

Após o jantar, tia Zinha levantou-se e falou:

— Atenção, meninos! Acabaram-se as aulas do tio Marcos. Mas eu gravei todas elas. Vou datilografá-las e darei uma cópia para cada um, para recordarem de vez em quando. Agora, prestem atenção — prosseguiu tia Zinha. — Eu quero que vocês durmam cedo, porque amanhã, logo após o café, nós iremos viajar. Primeiramente iremos a Brasília, porque eu quero que vocês conheçam um dos acidentes geográficos de maior expressão nacional. É a Reserva Biológica das Águas Emendadas, onde se originam as nascentes dos rios que irão formar duas grandes bacias hidrográficas brasileiras: a Amazônica e a Platina. O jornalista José Hypólito da Costa, lá pelos idos de 1813, reivindicava em seu jornal *Correio Brasiliense* a interiorização da

capital do Brasil junto às nascentes dos rios São Francisco e afluentes dos rios Paraguai e Amazonas, no planalto central goiano.

“Com 5 mil hectares de área, a reserva abriga todo tipo de vegetação do cerrado, além da fauna característica da região. Lá vocês poderão ver os lobos guarás, habitantes dos nossos cerrados, ouvir o canto das seriemas e quem sabe, se tivermos sorte, ver uma arara-azul.”

Depois iremos a Goiás Velho, fundada em 1726. Essa cidade é o repositório das tradições históricas do Estado de Goiás. Lá visitaremos o Museu das Bandeiras.

Por Goiás Velho, em 1682, passou o bandeirante paulista Bartolomeu Bueno da Silva, o Velho, também chamado Anhangüera, que penetrou nos sertões de Goiás, acompanhado do seu filho ainda menino. Em 1772 seu filho, herdeiro do nome, do apelido e da profissão do pai, voltou a Goiás e às margens do Rio Vermelho encontrou muito ouro. Por esta descoberta, recebeu do rei de Portugal muitas terras no território goiano.

E para terminar nossa viagem, iremos até a cidade de Aruanã, localizada às margens do Rio Araguaia, na confluência com o Rio Vermelho, a qual, nessa época do ano, é muito procurada para a prática da pesca.

Em seus rios, pontilhados de praias e areias brancas, o peixe é abundante. Na temporada de março a outubro, os acampamentos se sucedem nas praias e o fluxo turístico é intenso.

— Viva! - gritaram em uníssono todas as crianças.

Na manhã seguinte, três carros partiram da fazenda, rumo a Brasília. Vô Mário e Severo iam na frente. Em seguida, tia Zinha e as meninas e, por último, tio Marcos e os rapazes. A primeira parada foi na cidade de Catalão, junto à rodovia BR-50, que liga Uberlândia a Cristalina. Pararam em um posto muito grande, repleto de carros vindos de Brasília, do Triângulo Mineiro, de São Paulo e do interior de Goiás, todos cobertos de pó vermelho, cor predominante das terras da região. Enquanto os carros eram abastecidos, as crianças entraram no restaurante do posto, que estava repleto de gente. Eram casais, crianças, velhos, moços e moças, os quais lanchavam, tomavam pingado e compravam brinquedos, utilidades mil e enfeites, bem como doces, mel, frutas, fumo e pingas de todas as marcas e procedências, pimenta e açafrão, condimento muito apreciado na região. Todo o ambiente era

envolvido por música melodiosa, sentimental, das duplas Leandro e Leonardo e Chitãozinho e Chororó. A moçada de Goiás adorava essas duplas country.

Saindo do posto, rumaram para Cristalina. Passaram ao lado de Luziânia e, já no Distrito Federal, chegaram a Brasília. Atravessaram a W-3, passaram por Sobradinho, Planaltina e chegaram à Reserva Biológica das Águas Emendadas.

De Brasília iriam para Goiânia, sendo que vô Mário e Severo ficariam em Anápolis, para comprar uma peça sobressalente para a máquina picadeira de forragem que havia quebrado. Os demais, demandariam Goiânia, depois Goiás Velho e finalmente Aruanã.

No trajeto, encontraram margeando a estrada inumeráveis ipês- amarelos. Estas árvores são dotadas de uma floração belíssima, quando a árvore perde todas as folhas e fica inteirinha carregada de flores. O ipê é considerado árvore nacional. Também existem muitas palmeiras nas regiões montanhosas, onde predominam os coqueiros babaçu, o buriti e os amargosos chamados guarirobas. De vez em quando, apareciam pastos imensos repletos de bois e de cupinzeiros construídos no solo pelos insetos. Viram também enormes áreas agrícolas, destacando-se as vastíssimas plantações de soja que se perdiam no horizonte e, quais ilhas solitárias num mar verde, sobressaíam-se os silos metálicos reluzentes a grande distância, refletindo a luz do sol. Tudo isso envolvido pela atmosfera de um azul puríssimo, pejada de grandes nuvens brancas, tão baixas que se tinha a impressão de poder pegá-las com as mãos, esparramadas pelos horizontes abertos, infinitos.

— Ah! Não há céu como o da minha terra - dizia sempre tia Zinha.

No volante do carro, tio Marcos, quedando-se na contemplação da natureza exuberante que o cercava, em meditação sobre as incomensuráveis grandezas do Infinito, a perscrutar o sentido criador da vida e o poder ilimitado da Inteligência Universal, que tudo envolvia, percebeu que não passava de um ser de reduzidíssimas dimensões diante da grandiosidade do Grande Foco, da Força Criadora. E se compenetrou, então, da imensa caminhada que teria de fazer na sua longa, interminável Trajetória Evolutiva.

E voltando-se para Marquinho, que viajava no banco da frente, falou alto para que Boris, Silvinho e Serginho, que estavam no banco de trás, também ouvissem:

— Vocês que são moços, “procurem estudar o Racionalismo Cristão, pois ele é a chave da Sabedoria e da Felicidade. O que é preciso é saber pegar esta chave e movimentá-la para que ela abra as portas do esclarecimento, e nesse abrir de portas deverão encontrar algo superior para a sua própria felicidade” (Luiz de Mattos).